



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MÍRIAM PORFÍRIO DA SILVA

**O AMERICANISMO DE MONTEIRO LOBATO:
ANÁLISE DOS LIVROS “MISTER SLANG E O
BRASIL” E “AMÉRICA”**

**CAMPINAS
2018**

MÍRIAM PORFÍRIO DA SILVA

**O AMERICANISMO DE MONTEIRO LOBATO:
ANÁLISE DOS LIVROS “MISTER SLANG E O
BRASIL” E “AMÉRICA”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Filosofia e História da Educação.

Supervisor/Orientador: José Luis Sanfelice

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA MÍRIAM PORFÍRIO DA SILVA, E ORIENTADA PELO PROF. DR. JOSÉ LUIS SANFELICE

**CAMPINAS
2018**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Si38a Silva, Míriam Porfírio da, 1983-
O americanismo de Monteiro Lobato : análise dos livros "Mister Slang e o Brasil" e "América" / Míriam Porfírio da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: José Luis Sanfelice.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Lobato, Monteiro, 1882-1948. 2. Americanismo. 3. Intelectuais - Brasil. I. Sanfelice, José Luis, 1949-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The americanism of Monteiro Lobato : analysis of the books "Mister Slang e o Brasil" and "América"

Palavras-chave em inglês:

Lobato, Monteiro, 1882-1948

Americanism

Intellectuals - Brazil

Área de concentração: Filosofia e História da Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

José Luis Sanfelice [Orientador]

Fabiana de Cássia Rodrigues

Sônia Aparecida Siquelli

Data de defesa: 27-07-2018

Programa de Pós-Graduação: Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**O AMERICANISMO DE MONTEIRO LOBATO:
ANÁLISE DOS LIVROS “MISTER SLANG E O
BRASIL” E “AMÉRICA”**

Autora : Míriam Porfírio da Silva

COMISSÃO JULGADORA:

José Luis Sanfelice

Fabiana de Cassia Rodrigues

Sônia Aparecida Siquelli

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

2018

AGRADECIMENTOS

Àqueles que acreditaram no meu trabalho e me apoiaram nos momentos mais difíceis que enfrentei nesta trajetória, principalmente meu orientador José Luis Sanfelice, sem ele este trabalho não seria possível.

Às vivências universitárias que propiciaram me descobrir enquanto mulher empoderada e saber meu lugar no mundo.

Às amigadas que guardarei e que me nutrem de alegria.

À minha família que está sempre ao meu lado.

Minha gratidão às pessoas que cuidaram das minhas filhas, Cecília e Clarice, para que pudesse me dedicar à finalização do trabalho.

Ao meu companheiro, Luiz Fernando.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

DEDICATÓRIA

*A Antonio Gramsci e Monteiro Lobato, que
souberam conciliar as atividades intelectuais
à atuação política, sofreram repressões e
foram presos por defenderem seus ideais.*

RESUMO

Esta dissertação constitui um estudo sobre o americanismo no pensamento de Monteiro Lobato, como uma proposta para o desenvolvimento econômico do Brasil. Para tanto, procedemos a análise dos livros “Mr. Slang e o Brasil” e “América” de Monteiro Lobato, para identificar elementos do pensamento americanista. Nestes livros, Lobato fez comparações entre o Brasil e os Estados Unidos, ressaltando as bases da sociedade capitalista como solução dos problemas econômicos do Brasil. Como referencial teórico, recorremos as publicações de Antonio Gramsci, utilizando seus conceitos de americanismo e intelectual orgânico. Considerando que Monteiro Lobato (1882-1948) foi um importante escritor e intelectual brasileiro do início do século XX, que criou o personagem Jeca Tatu para expor sua indignação à situação precária vivida no interior do país, mostrando que aquele homem não era adequado para uma sociedade capitalista. Sua crítica à sociedade brasileira segue na mesma direção, trazendo propostas políticas, econômicas e sociais para o país. Sua trajetória de vida revela a importância de sua atuação como escritor, promotor, fazendeiro, editor, adido comercial e tradutor de livros, ao expressar seu nacionalismo nas lutas que empenhou pelo enriquecimento do país. Lobato promoveu ainda, uma revolução na produção de livros e na literatura infantil no Brasil. Considerando a literatura como difusora de uma concepção de mundo, podemos afirmar que Lobato foi um intelectual orgânico importante no processo de propagação da cultura norte-americana, tendo a sua literatura contribuído para a "direção política e cultural” dos Estados Unidos sobre o nosso país.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Americanismo; Intelectual orgânico.

ABSTRACT

This dissertation focus on the Americanism in the Monteiro Lobato's thought, as a proposal for the economic development to Brazil. For this, we analyzed two books "Mr. Slang and Brazil "and" America "by Monteiro Lobato to identify elements of Americanist thinking from him. In these books, Lobato made comparisons between Brazil and the United States, emphasizing how to solve Brazil's economic problems. As a theoretical reference, we used the teory of Antonio Gramsci, using his concepts of Americanism and organic intellectual. Considering that Monteiro Lobato (1882-1948) was an important Brazilian writer and intellectual of the early twentieth century, who created the figure Jeca Tatu to expose his indignation at the precarious situation experienced in the country side, which has involved political, economic and social issues of this country. His life trajectory reveals his important work as a writer, promoter, farmer, editor, plublisher and book translator, expressing his nationalism in the social struggles in this country. Lobato also promoted a revolution in book production and children's literature in Brazil. Considering literature as a diffuser of a world conception. Lobato was an important organic intellectual in the process of propagating American culture, and his literature contributed to the "political and cultural direction" of the United States about our country.

Keywords: Monteiro Lobato; Americanism; Organic Intellectual.

Índice de quadros

Quadro 1 - Catálogo dos autores editados por Lobato em 1924.

Quadro 2- Livros de Literatura Geral

Quadro 3 - Livros de Literatura Infantil

Quadro 4 - Livros traduzidos por Monteiro Lobato

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – BIOGRAFIA DE MONTEIRO LOBATO.....	13
1.1- Infância e sua inspiração para os livros infantis.....	14
1.2 - Nos tempos do Minarete	20
1.3 - O Promotor na “Cidade Morta”	24
1.4 - O Fazendeiro revelando o “Jeca Tatu” e resgatando a memória do “Saci-Pererê”..	27
1.5 - O crítico de arte e a fama de mau pintor	29
1.6 - “O Editor do Brasil” em São Paulo.....	30
1.7 - Lobato “Adido Comercial nos Estados Unidos”	34
1.8 - A luta pelo Ferro e Petróleo	39
1.9 - Produção Intelectual de Lobato.....	43
1.10 - Monteiro Lobato como intelectual orgânico	52
CAPÍTULO 2 – ANÁLISE SOBRE O HOMEM E A SOCIEDADE	
BRASILEIRA NA LITERATURA DE MONTEIRO LOBATO	57
2.1 O Nacionalismo de Monteiro Lobato	57
2.2 A crítica ao homem brasileiro	58
2.3 O atraso brasileiro nos livros “Mr. Slang e o Brasil” e “América”	63
CAPÍTULO 3 – O AMERICANISMO DE MONTEIRO LOBATO.....	70
3.1 Abundância.....	73
3.2 Eficiência.....	75
3.3 Henry Ford.....	76
3.4 Classes parasitárias	81
3.5 Os intelectuais na sociedade norte-americana	83
3.6 Aspectos do pragmatismo em Monteiro Lobato.....	85
3.7 Americanismo: nova forma de produzir que mudou o modo de viver do homem.	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na análise dos livros “Mr. Slang e o Brasil” e “América” de Monteiro Lobato, buscando identificar elementos do americanismo do autor, ressaltando seu nacionalismo como um dos elementos desse americanismo. Pela análise gramsciana, sob a lente de seus principais conceitos de intelectual orgânico e americanismo, buscamos entender parte da trajetória de Monteiro Lobato. Nesse sentido, consideramos americanismo como “a mais orgânica e consciente proposta capitalista de solução da crise econômica, de intervenção no processo de produção, de desenvolvimento da hegemonia a partir diretamente da fábrica”, a nova forma de produzir e viver produzidos na intensificação europeia que se deu nos Estados Unidos da América

Assim, o estudo sobre o americanismo no pensamento de Monteiro Lobato, que teve um papel significativo na propagação da cultura norte-americana no Brasil, nos permite reconhecer seu grande entusiasmo por esta sociedade, um dos porta-vozes do grande avanço alcançado pelos Estados Unidos, no início do século XX. Cabe dizer que esse período é marcado por várias transformações na sociedade brasileira, onde as disputas ideológicas entre as velhas oligarquias e os industriais, que eclodiram na Revolução de 1930, iniciaram um período significativo de busca de novas formas de se organizar e se constituir enquanto nação. A sociedade agroexportadora, marcada pelos traços do colonialismo, sofreu influências de vários países que estavam se modernizando, após a segunda revolução industrial, o que permitiu a formação de incipiente industrialização. Monteiro Lobato ressalta em seus livros a precária situação socioeconômica do povo brasileiro, empreendendo forças na luta pelo desenvolvimento econômico e modernização do Brasil. Defendia, como primeira etapa, a industrialização e sua consequente riqueza, para posteriormente resolver os problemas da desigualdade social, aqui existentes.

Toda literatura de Lobato está fundamentada na realidade concreta. Sua literatura adulta se apresenta como denúncia dos problemas brasileiros, buscando sempre outra essencialidade humana. Sua fundamental crítica está voltada ao homem “do campo”, o homem do interior do Brasil, considerado incivilizável e inadequado para uma sociedade capitalista moderna. Lobato faz críticas ao homem, à sociedade, à educação. Como solução desses problemas, vislumbra os mesmos caminhos seguidos pelos Estados Unidos, olha para a riqueza e desenvolvimento norte-americano, onde encontra a base material da sociedade moderna: o ferro e o petróleo. Ao encampar as lutas pelo ferro e pelo petróleo nacional, não

pensava em um país submisso a outro, mas acreditava que o Brasil poderia ser um país soberano.

Este trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, realizamos uma breve biografia do autor, revelando sua atuação como escritor, promotor, fazendeiro, editor, adido comercial e tradutor de livros, na busca de ressaltar aspectos de sua vida que consideramos relevantes para elucidar sua atuação como intelectual orgânico. No segundo capítulo, analisamos os livros de Monteiro Lobato “Mr. Slang e o Brasil” e “América”, que foram particularmente nossas fontes de pesquisa, além da crítica que o autor fez ao homem brasileiro no artigo “Velha Praga”. No terceiro capítulo, trazemos o conceito de americanismo e as soluções para nossa economia propostas por Lobato no livro “América”.

CAPÍTULO 1 – BIOGRAFIA DE MONTEIRO LOBATO

*“Nada de imitar seja quem for.
Temos de ser nós mesmos,
apurar nossos Eus [...]
Ser núcleo de cometa, não cauda.
Puxar fila, não seguir.”¹*

Iniciamos este trabalho apresentando Monteiro Lobato na multiplicidade de suas atuações ao longo da vida. Seu principal biógrafo e amigo Edgard Cavalheiro, ao qual Lobato confiou todo seu arquivo pessoal, realizou esta tarefa minuciosamente, explicitando detalhes de sua trajetória. Não é fácil apresentá-lo brevemente em um trabalho, pois em cada momento de sua vida é possível elucidar fatos que constituem sua personalidade e formam a teia complexa, contraditória, diversificada e rica em atividades intelectuais de sua história. Utilizamos um trecho de uma carta² a seu amigo Godofredo Rangel sobre o enveredamento de suas vidas.

Distanciamo-nos bastante em nossas órbitas, você seguindo uma muito coerente com os começos, com a vocação e as ideias centrais, e eu... quando olho para traz fico sem saber o que realmente sou. Porque tenho sido tudo, e creio que minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser. (MONTEIRO LOBATO, 1964b, p. 311-312)

“Procurar o que valha a pena ser”, talvez seja a frase que orientou a vida de Monteiro Lobato. Sua atuação foi ampla e significativa, desde as críticas que teceu ao homem caipira criando o símbolo Jeca Tatu, passando pela produção, tradução, divulgação e distribuição de livros, chegando às lutas pelo ferro e petróleo. Escreveu com o objetivo de alcançar com suas ideias o máximo de pessoas possível, com textos didáticos tanto para crianças como para adultos. Esteve sempre engajado às questões de sua época, expressando seus posicionamentos em artigos de jornais que, posteriormente, foram reunidos em seus livros. Até o fim de sua vida, esteve ligado às questões políticas do país, demonstrando através de sua notoriedade suas críticas à sociedade brasileira.

Para tratar o autor e seu tempo, é importante ter uma visão do núcleo familiar de onde ele vem, origem dos primeiros valores que obteve da sociedade, sua condição social e

1 Carta de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel, datada em 15/11/1904. (MONTEIRO LOBATO, 1964a, p. 81-82).

2 Carta de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel datada em 28/11/1928.

possibilidades de educação. Para compreendermos sua trajetória de vida, vamos voltar ao final do século XIX onde ela começa.

1.1 Infância e sua inspiração para os livros infantis

Precisamente, no ano de 1882, mais especificamente, aos dezoito dias do mês de abril, nascia o filho de José Bento Marcondes Lobato e de Olímpia Augusta Monteiro Lobato – José Renato Monteiro Lobato.

Olímpia Augusta, filha de José Francisco Monteiro, Visconde de Tremembé, que apesar de ser casado oficialmente com Maria Belmira de França, a “visconda”, como era chamada por Monteiro Lobato, foi fruto de um relacionamento com uma “jovem e humilde professora de primeiras letras” (CAVALHEIRO, 1955a, p. 22), Anacleta Augusta do Amor Divino, com quem também teve o filho José Francisco. O Visconde que, não deixava de reconhecer todos os seus filhos e netos provenientes de relacionamentos fora do casamento, também se responsabilizava pela educação deles. Assim, “nasceu na casa do avô em uma chácara de Taubaté, interior do estado de São Paulo, na zona rural do rio Paraíba”, localizada na região do Vale do Paraíba, o primogênito de Olímpia e José Bento Marcondes, dois anos completos após o casamento realizado aos 24 de abril de 1880.

Moraram na fazenda de Santa Maria em Ribeirão das Almas, que tinha em sua paisagem a Serra da Mantiqueira e o velho rio Paraíba. O primeiro registro na memória do menino Juca³ vêm dos seus cinco anos de idade:

[...] da varanda da casa grande, por cima do parapeito, ele descortinava, diariamente, os terreiros de café, cercados pelo muro de taipa que num quadrado fechava o recinto daquele castelo. O portão abria-se para a estrada de Sete Voltas, que demandava Taubaté. Depois da estrada, o terreno descia íngreme até o ribeirão. Transposto este, começava outro morro. Um morro coberto de escura e misteriosa mata virgem. Da varanda, o pequeno olhava a floresta como um fantástico ninho de onças e de índios. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 18)

Lobato teve duas irmãs, Ester, apelidada Teca e Judite. Em sua infância, brincavam com brinquedos feitos com sabugos de milho, chuchus, mamão verde, panos, etc. “Naqueles tempos, nas fazendas, as crianças costumavam brincar com bonecos de sabugo. Tomavam sabugos de milho e os vestiam como se fossem bonecas. Ou então xuxus, aos quais

³ Apelido de Monteiro Lobato.

punham pernas de palitos, e assim eles ficavam sendo ‘cavalos’, os ‘porquinhos’...” (CAVALHEIRO, 1955a, p. 19).

As brincadeiras e as recordações da sua infância seriam elementos de inspiração para os personagens de seus livros infantis: Visconde de Sabugosa, um sabugo de milho que é um cientista, a boneca de pano Emília, que vira gente. A imaginação sempre será um elemento característico das suas histórias infantis. Para Lobato, as crianças “[...] desadoram os brinquedos que lhe dizem tudo, preferindo os toscos onde a imaginação colabore. Entre um polichinelo e um sabugo acabam conservando o sabugo. É que este ora é um homem, ora uma mulher, ora é carro, ora é boi – e o polichinelo é sempre um raio de polichinelo.” (MONTEIRO LOBATO apud CAVALHEIRO, 1955a, p. 19)

Um acontecimento que marcou suas lembranças da infância foi

[...] a da última visita de Pedro II à Província de São Paulo, quando o Imperador se hospedou na casa do avô. Foi em 1888, e Lobato contava então seis anos de idade. A figura patriarcal de Pedro II, o cerimonial, nada disso o impressionava tanto quanto a falinha fina da imponente figura. Ocultava-se pelos corredores e cantos das salas, a fim de ouvi-la bem, e cada vez que a ouvia, mais se assombrava de que por detrás daquelas enormes e bem cuidadas barbas, saísse uma vozinha tão fina, tão delicada... (CAVALHEIRO, 1955a, p. 23)

Aos quatro ou cinco anos de idade, aprende as primeiras letras com a mãe. Aos seis anos já escrevia bilhetinhos para o avô. Aprendeu a tocar duas músicas no piano, apesar de não ter atração pelo instrumento. Posteriormente, teve aulas particulares com o mestre Joviano Barbosa.

Lobato gostava de ler livros na biblioteca de seu avô, principalmente os ilustrados, os quais chamavam mais a sua atenção. Nessa época, a literatura infantil brasileira era quase inexistente. Lobato conheceu as “[...] três obras de Laemmert, adaptadas por Jansen Muller, e dois álbuns de cenas coloridas – ‘O menino Verde’ e o ‘João Felpudo’. Havia ainda o ‘Róbinson’ resumido e certo livro de narrativas ingênuas, intitulado ‘Dez Contos’ [...]” (CAVALHEIRO, 1955a, p. 26).

Em 1889, James Lillbourne Kennedy, fundou um colégio em Taubaté. Lobato foi um dos primeiros matriculados. Lobato também estudou no “Colégio Paulista”, fundado pelo positivista Josino Mostardeiro. Concluiu seus estudos primários no colégio “São João Evangelista”. Realizou também parte dos estudos preparatórios para a transferência para o “Instituto Ciências e Letras” em São Paulo, onde concluiria as matérias essenciais ao ingresso no Ensino Superior. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 24 e 25). Maranhão (1989) afirma que “No

São João Evangelista, conheceu Antônio Quirino de Sousa e Castro, diretor e professor de Gramática, que lhe causou grande impressão por sua originalidade e inteligência. ” (MARANHÃO, 1989, p. 16). Lobato relembra:

Eu era bem criança quando o vi pela primeira vez: um homem alto, de cartola. A cartola impressionou-me profundamente por ser novidade para mim. Nossa casa ficava no Largo da Estação, em bom ponto estratégico para “ver o Doutor Quirino”, quando ele vinha da chácara do Barranco, sede do famoso Colégio de “São João Evangelista”, fundado por Edmundo Morewood. [...] De cartola! Era a última em uso em Taubaté [...] O Doutor Quirino usava habitualmente [...] Um dia fui parar no seu Colégio, onde ele era professor de gramática. O compêndio de Bento José de Oliveira, encadernado de couro... O Colégio ficava a uns três quilômetros de minha casa, distância que eu vencia com o Bento José diante dos olhos, procurando decorar a lição, mas sem entender coisa nenhuma. O que mais tarde me fez escrever “Emília no País da Gramática”, talvez fosse a lembrança do muito que naquele tempo me martirizou a tal “arte de falar e escrever corretamente”. (MONTEIRO LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1955a, p. 25)

Cavalheiro (1955a) relata que a primeira decisão séria tomada por Lobato foi quando troca seu segundo nome Renato por Bento para herdar de seu pai uma bengala “um unicórnio cor de âmbar, com castão de ouro todo granulado [...] no topo do castão, numa parte lisa do metal, estavam gravadas as seguintes iniciais: JBML”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 26) Lobato ficou envergonhado ao vestir pela primeira vez calças compridas, “[...] parecia-lhe que o mundo estava olhando para suas pernas” (CAVALHEIRO, 1955a, p. 43). Este fato coincide com sua descoberta de Júlio Verne que,

[...] abria-lhe as portas da geografia e das ciências físicas e sociais, descerrando-lhe as cortinas do mundo como coisa viva, pitoresca, composta de paisagens e dramas. De posse dessa visão, e esporeada pela imaginativa, a inteligência ‘compreendeu e quis saber’. [...] A inteligência só entra a funcionar com prazer, eficientemente, quando a imaginação lhe segue de guia. A bagagem de Júlio Verne, amontada na memória, faz nascer o desejo do estudo. Suportamos e compreendemos o abstrato só quando existe material concreto na memória. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 42 e 43)

Aos treze anos, resolve prestar os exames no Instituto de Ciências e Letras em São Paulo: “em dezembro de 1895 está na Capital Paulista, cuidando dos exames que estão próximos: a 1º de janeiro entrará em prova oral de Português” (CAVALHEIRO, 1955a, p. 35). Nas provas a que é submetido, Lobato é reprovado e, por incrível que pareça, no exame de Português, fato inusitado para um futuro escritor. Sua mãe adoecera e estava em Santo

Antônio do Pinhal, próximo a Campos do Jordão. Escreve uma carta para ela contando seu desapontamento com a reprovação por considerá-la injusta.

Mamãe,

Ontem entrei na prova de Português e fiz uma prova boa. Todos que viram disseram que eu tinha tirado um plenamente, mas quando fui ver eu estava inabilitado. Creio que é engano, mas se não fôr eu vou sexta-feira, 10. A minha prova escrita foi boa e a oral também. Eu vi na prova escrita uns seis rapazes que não sabiam nada, que me perguntavam tudo, que colavam e que faziam uma descrição de dez linhas, serem aprovados. Na oral vi rapazes que “pouquíssimo” era advérbio; “fortes” não sabiam o que era, saírem aprovados. E eu que respondi tudo saí inabilitado. Me parece que o Freire viu tanta proteção que disse: este menino não sabe nada, porque se soubesse não precisava empenho e por isso me bombeou injustamente. Tenho vergonha de toda gente, aqui que conheço poucas pessoas, quanto mais aí que todos sabem que vim fazer exames. Todos dizem que há engano, mas isso não é ao certo. Agora quando chegar aí vou estudar Francês, Português, Inglês, Geografia para fazer em junho ou faço em março os dois. Parece que vou morrer, principalmente vendo como a senhora, papai e seu Germano vão ficar tristes. Só de me lembrar saem lágrimas dos olhos. Isso é uma loteria! Se alguém perguntar de mim, diga que não sabe, que morri. Conte só para seu Germano⁴. (MONTEIRO LOBATO, 1970, p. 17 e 18)

Após esta reprovação, Lobato retorna a Taubaté e durante o ano de 1896 estuda no Colégio Paulista com o objetivo de passar nos exames.

Nessa época, no Colégio Paulista, em Taubaté, os colegas resolveram fundar o jornalzinho estudantil. Este chamava-se “O Guarani”, e é nele que José Bento Monteiro Lobato, aos 14 anos de idade, estreará nas letras: um artiguete de poucas linhas, que modestamente intitula “Rabiscando...”⁵, e que mais modestamente ainda subscreve com o pseudônimo de Josben. Essa crônica e pequenas resenhas do movimento colegial são as primeiras produções de Lobato que se conhecem: não tinha lembrança de nada anterior. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 39 e 40)

Estreia Lobato nesta crônica criticando o livro “Enciclopédia do Riso e da Galhofa” de Pafúncio Semicúpio Pechincha. A arte de produzir textos críticos será realizada repetidas vezes durante sua vida.

Em 26 de dezembro escreve para a mãe contando sua alegria de ser finalmente aprovado no Instituto de Ciências e Letras, em São Paulo.

⁴ Germano Mostardeiro, seu professor, era positivista, espírito liberal, aberto às novas ideias, considerado na cidade como ateu, homem perigoso, que a Igreja combatia e os carolas evitavam. (CAVALHEIRO, 1955b, p. 699)

⁵ Ver crônica em Cavalheiro (1955a, p. 40).

Mamãe,
 VIVA o meu plenão! Viva!
 Morra o Freire! Morra!
 Hoje, grande dia, parece-me que já estou formado! Viva! Viva!
 – O MEU PLENAMENTE! (MONTEIRO LOBATO, 1970, p. 21)

Lobato se transfere para São Paulo, instalando-se no Instituto de Ciências e Letras. “O Colégio é bom, tanto no corpo docente, composto na quase totalidade de lentes, como também a respeito de disciplina, ordem, comida e o mais; a casa é um monumento de grande, porém velha e feia.” (MONTEIRO LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1955a, p. 50)

Sua mãe continua doente. Seu relacionamento com ela é bem mais próximo do que com seu pai. Cavalheiro afirma que “[...] à mãe, a quem escreve longa e minuciosamente, transmitindo-lhe todas as ocorrências, das menores às maiores. Ao pai manda simples e protocolares bilhetes”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 45) Em suas cartas, relata à mãe um enfrentamento entre estudantes e policiais, que consideramos interessante resgatar para mostrar o uso das armas.

Ontem no teatro houve grande rolo entre 200 estudantes da Escola Politécnica e a polícia. A estudantada quis invadir o teatro e não pode porque o Chefe de Polícia pôs 60 praças de sabre em punho guardando as portas. Então houve um rolo como nunca vi na minha vida. Só se via espadas brilhando no ar, facas, punhais, revólveres, bengalas e diabo a quatro. Saíram 20 estudantes feridos, dos quais um não escapa. Os soldados tiveram muitos feridos – beijos partidos, cabeças quebradas e o próprio Delegado Fausto tomou uma facada que felizmente não feriu muito. E eu estava apreciando de cima da grade do jardim. Uns 10 tabuleiros de doces e uns quatro de geleia ficaram completamente moídos, reduzidos à terra. O filho do Dr. Niemeyer, distinto médico operador daqui, achava-se gravemente ferido por uma punhalada. Os jornais combinaram para mentir sobre o caso e soltar a boca nos estudantes, mas eles que não duvidem que comem pau. O único jornal que não disse nada a respeito foi o Comércio, por isso vão fazer uma manifestação a ele. (MONTEIRO LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1955a, p. 47)

A condição financeira para ir realizar os estudos em São Paulo não é muito abastada, por isso é necessário fazer várias economias para garantir sua sobrevivência. Conforme depoimento de sua irmã Ester, seu pai tivera que vender a Fazenda Santa Maria para quitar dívidas com o Visconde, devido a algum desentendimento que tiveram. Seu pai compra outra propriedade em sociedade, a fazenda Paraíso.

Neste período que estudou no internato, Lobato fez leituras que foram importantes para formação da sua visão de mundo. Cavalheiro relata suas

[...] primeiras leituras do adolescente: José de Alencar, Coelho Neto, Herculano, Catullé Mendes e Daudet, uma mistura de nomes e estilos, a cuja influência não pode fugir. Joaquim Manuel de Macedo, particularmente, entusiasmou-o, e bem mais tarde lembraria a emoção do primeiro encontro: “Ah! A moreninha! Li esse romance no Colégio, escondido – e achei-o a coisa mais linda do mundo. Meu entusiasmo foi tanto que fiz todos os meus companheiros o lerem. Tivemos a nossa “Semana da Moreninha” no Instituto de Ciências e Letras, com são Bernardes⁶ como vigilante, no grande salão de estudos. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 52)

Na adolescência, Lobato adorava viajar pelo mundo da leitura na biblioteca do seu avô, que era rica em livros e revistas, contribuindo também para sua formação.

A biblioteca do avô constituía um mundo de maravilhas para a insaciável curiosidade do adolescente. Essa biblioteca, “tremendamente histórica e científica”, merecia, na sua opinião de adulto, numa redoma, pois nela existiam o Zend-Avesta, o Maabárata, e as obras sobre o Egito, de Champollion, Maspero e Breasred. Havia também o Larousse grande, o Cantu completo, o Elyseé Reclus e inúmeras preciosidades nacionais como a já mencionada “Revista Ilustrada” de Agostini, a “Novo Mundo”, de J. C. Rodrigues, e mais coisas pelo estilo. Existiam nela também alguns filósofos, predominando Spencer. A biblioteca não fora formada pelo avô, e sim pelo tio Zezé⁷, que estudara na Alemanha e mais tarde saíra a correr o mundo como funcionário do Ministério das Relações Exteriores. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 53 e 54)

No colégio, é surpreendido com a terrível notícia da morte de seu pai. Em 13 de junho de 1898, José Marcondes falece aos 48 anos de idade por congestão pulmonar. Dona Olímpia, que estava em tratamento do pulmão, faleceu a 22 de junho de 1899, um ano após a morte do pai de Lobato. Com a morte dos pais, Lobato e suas irmãs ficaram sob a responsabilidade do Visconde. Segundo Maranhão (1989), este fato marca o começo de sua vida adulta.

⁶ Cavalheiro descreve fato ocorrido entre Lobato e Arthur Bernardes: *O “Seo” Bernardes, a que Lobato se refere, transforma-se, muitos anos depois, em Sua Excelência, o Dr. Arthur da Silva Bernardes, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Conta Hilário Freire, contemporâneo e colega de estudos de Lobato, que visitando com o escritor o Dr. Arthur Bernardes, então Presidente do estado de Minas, foram recebidos com todo o formalismo. Bernardes, de pé, empertigado, duro, mal estendeu a mão ao conteur, já consagrado. Irritado, Lobato resolveu gozá-lo, cumprimentando-o assim: “Como está Sua Excelência, o Presidente da República?” Surpreso, o Presidente mineiro observou: “Como? Presidente da República? Se ainda não sou nem candidato...” Mas Lobato cortou-lhe a explicação, dizendo: “Bem, a pose com que está nos recebendo é de quem já foi eleito e empossado.”* (CAVALHEIRO, 1955b, 699)

⁷ José Francisco estudou medicina em Leipzig, na Alemanha, ali casando-se com a filha de um professor, o Conselheiro Fritsch. Tendo clinicado algum tempo em Taubaté, terminou, talvez instigado pela mulher, que se chamava Adélia, por abandonar o País, seguindo carreira diplomática. Andou pela Europa e faleceu, ainda bem moço, na Itália. Grande parte da biblioteca existente na casa do Visconde pertencera-lhe, pois era homem culto, dado às leituras. Maurício Lamberg, que esteve em Taubaté no ano de 1887, refere-se encomiasticamente ao jovem Doutor Monteiro no livro onde reuniu suas impressões de viagem, - “O Brasil”, vertido do alemão por Luís de Castro – editor Laemmert, Rio, 1896. Dona Ester Lobato de Moraes lembra-se com saudades do Tio Zezé. (CAVALHEIRO, 1955b, Nota (5), p. 697 e 698)

1.2 Nos tempos do Minarete

Após concluir os estudos preparatórios, Lobato vai estudar Direito cedendo a uma vontade do avô. Ingressa na faculdade do Largo de São Francisco, em 13 de março de 1900, aos dezoito anos de idade. Cavalheiro (1955a, p. 61) afirma que a preferência de Lobato era estudar na Escola de Belas Artes, com a intenção de ser pintor ou na Escola de Engenharia. Conforme seu biógrafo, Lobato “Fiz ato de presença na Academia, no ‘quantum satis’ para obter diploma – mas está claro que em vez de aproveitar o miolo de meus lentes, aproveitei-lhes as caras, como modelos vivos das minhas caricaturas”. (MONTEIRO LOBATO apud CAVALHEIRO, 1955a, p. 62)

[...] a passagem de Monteiro Lobato pela Academia de Direito será marcada por poucos acontecimentos: uma conferência, um discurso, meia dúzia de artigos nos órgãos estudantis, e nada mais. Como estudante, não foi bom nem mal; o Direito pouco lhe interessava. [...] Não pretendia usar o diploma para nada. No quartinho do Largo do Palácio, desenha e lê Gustavo Le Bom. No Cambuci, discute anarquismo e se enfronta nos filósofos revolucionários. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 62 e 63).

Tanto Monteiro Lobato como Viriato Corrêa utilizaram a Academia de Direito como momento de aproximação e aprimoramento de sua forma de escrever e ampliar a fonte literária. Se os estudos de Direito pouco interessam a Monteiro Lobato, a literatura, ao contrário, acaba por dominá-lo inteiramente. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 78) Para Viriato Corrêa⁸,

A faculdade de Direito do Recife (...) era, na verdade, um belo núcleo de cultura (...). O curso de Direito passou a ser, para mim, coisa de segundo plano. Eu só estudava no fim de cada ano para passar nos exames. No fundo de uma rede, na república, eu devorava livros de literatura insaciavelmente. (VIRIATO CORRÊA apud PENTEADO, 2001, p. 42)

Os grupos nos quais Lobato participou foram enriquecedores neste aprimoramento. Ajudou a fundar a Arcádia Acadêmica “associação destinada a promover sessões literárias”. Escreveu uma dissertação sobre a Academia intitulada “Outrora e hoje” que foi publicada no primeiro número da revista, em 1900. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 63 e 64)

⁸ Viriato Corrêa respondendo a um “Inquérito literário” feito por José Condé, publicado no Correio da Manhã. Rio de Janeiro, em 13 de agosto de 1961.

Na faculdade, criou laços de amizade que se firmaram com a fundação do grupo literário “Cenáculo”. Este grupo era formado por:

um poeta, um filósofo, um crítico, um orador, um jornalista, um dileitante, uma alma e um talento. Uma única ideia imperava em cada cabeça: um vago socialismo. Em cada coração um mesmo sentimento: o amor à arte. Essa ideia e esse sentimento foram aos poucos agrupando os vários temperamentos. A palavra “Cenáculo” servia de rótulo ao grupo. O poeta chamava-se Ricardo Gonçalves; o filósofo, Albino Camargo; o dileitante, Cândido Negreiros; a alma, Raul de Freitas; o talento, Godofredo Rangel; o jornalista, Tito Lívio Brasil; o orador, Lino Moreira, e o crítico, o próprio Lobato. Mais tarde o grupo seria acrescido de um místico, José Antônio Nogueira. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 73 e 74)

“Minarete, era como chamávamos o chalézinho amarelo da rua 21 de Abril, no Belenzinho, uma rua sem calçamento toda sebes de espinheiro” (MONTEIRO LOBATO, 1964a, p. 21). Nele, realizavam ricos debates sobre política, literatura, gêneros literários, que o impulsionara a escrever em jornais: “Entre as aulas da Faculdade, a literatura do ‘Minarete’ e a leitura incessante e desordenada dos mais diversos autores, Monteiro Lobato enche as noites numa boêmia bem comportada.” (CAVALHEIRO, 1955a, p. 98)

Cavalheiro relata o contexto vivido em São Paulo, no início daquele século.

São Paulo possuía, então, cerca de 300 mil habitantes. Deixara de ser a cidade colonial de outros tempos, mas ainda não se transformara na grande Capital. Atravessava um período de transição, com melhoramentos a surgirem de todos os lados. Em maio de 1900, por exemplo, o bonde elétrico passa a substituir, em parte, o bonde a burro; a eletricidade entra a dominar a iluminação da cidade, desalojando a velha companhia de gás, e os primeiros automóveis surgem, diante do assombro da pacata gente paulistana. Também os primeiros cinemas abrem suas portas. As ruas da Capital ganham outro colorido, pois a imigração, estimulada a partir da abolição da escravatura, toma notável impulso, entrando no Estado, de 1889 a 1901, quase um milhão de imigrantes, na sua maioria italianos. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 98)

Podemos perceber como esse ambiente foi propício ao desenvolvimento intelectual de Lobato.

As conversas do “Minarete” eram então reencetadas, discutiam o último livro aparecido, comentavam as notícias do “Correio Paulistano” ou d’ “O Estado de São Paulo”, sonhavam, literatizavam, elogiavam-se, bracejavam, a pátria era salva muitas vezes da beira do abismo, gritavam e, sobretudo riam o bom e alegre riso da mocidade. Ricardo Gonçalves pregava a revolução, prometendo ir às barricadas; Albino duvidava da viabilidade de tudo; Nogueira transpirava Deus e farelos de teologia por todos os poros; Lino exaltava-se como um novo Desmoulin contra os acontecimentos; Tito

perpetrava infames trocadilhos; Rangel sorria complacente; Lobato zurzia causticamente os ridículos alheios; Raul retomava a poesia que Ricardo interrompera, continuando, sonhadoramente, a declamação. Era a “cainçalha”, latindo bastante e mordendo muito pouco. Não sabíamos, diria Lobato mais tarde, que estávamos esbanjando o período de ouro da nossa vida. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 99 e 100)

Cavalheiro relata que, Lino Moreira descreveu seus colegas do Minarete, que “salvo os exageros propositais, apanhava o mais característico de cada um”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 100)

A começar por Lobato, que descreve “baixinho, miudinho, moreno e rosto de expressão incolor. É o ‘magister dixit’ da comandita de elogios mútuos. Espírito multiforme e versátil, elástico e científico (supõe-se ele). Muda de opiniões mais ou menos filosoficamente, com a sofreguidão dum comboio célebre através de florestas. Intolerante e extremado no que escreve. Cultiva o mais escabroso gênero literário, a crítica. Estuda muito. Lê obras ponderosas. Escreve romance e esboça infames aquarelas. Quando fala, ou preleciona (o mais comum), numa vozinha alambicada, espremendo as mãos, deixa transparecer nos lábios sarcásticos uma ponta de superioridade e, seguro de si, orientado solidamente pela meditação de pesados autores, provoca silêncio ou sono. Chama todo mundo de imbecil. Em resumo: farofas de filósofo num cérebro de literato à Machado de Assis”. (LINO MOREIRA *apud* CAVALHEIRO, 1955a, p. 100)

Sobre esta descrição, Cavalheiro afirma que,

Apesar de alguns evidentes exageros, o retrato de Lobato contém muita coisa de autêntico. Ele é, sem a menor dúvida, um espírito crítico, irônico, e por vezes cáustico. Não admite meios termos, e sua intolerância para com as ideias pré-estabelecidas e as malandragens da política ou da literatura é completa. Anticonvencional por excelência, diz sempre o que pensa, agrade ou não, seja o interlocutor amigo, inimigo ou indiferente. Nada de cega intolerância. Mas a “sua verdade”, ou aquilo que assim presume, ele a defende com unhas e dentes, contra tudo e contra todos, quaisquer que sejam as consequências. Espírito multiforme e vibrátil, elástico e científico, sem dúvida. Mas pouco filosófico. As abstrações metafísicas não serão nunca o seu forte. A uma hipótese, preferirá sempre o fato concreto. A Kant preferirá Nietzsche. Não aceitará nada pela circunstância de ser “coisa estabelecida”, reagindo sempre contra o “toda-gente”. Modesto de hábitos, pessoalmente sóbrio, sem grandes vícios, morigerado e metódico, embora frequentador assíduo do “Café Guarani”, ou do “Minarete”, preserva a sua solidão, sendo em assuntos íntimos de um constrangimento que o tempo só fará aumentar. Aprecia arrasar tudo, a começar pelos próprios trabalhos. Renega por isso mesmo, o que tem feito até então. Já produziu contos, artigos, crônicas, poesias, até um romance humorístico mas na sua opinião, isso nada vale, não merece sequer a mais despreziosa leitura. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 101 e 102)

Durante muito tempo, Lobato escreveu para vários jornais utilizando-se de pseudônimos para expressar sua opinião livremente. Segundo Maranhão (1989, p. 16), Lobato “escreveria centenas de artigos sob pseudônimos os mais diversos [...] Só aos 32 anos assinaria seu nome verdadeiro”.

Toda essa colaboração forçava-o a grande sortimento de pseudônimos, pois assim daria aos leitores a impressão de que o jornal dispunha de um exército de redatores: Lobatoyewsky, Yewsky. Pascalon, o Engraçado, Rui d’Hã, Hélio Bruma, Enoch Vila-Lobos, Jobsem, Mem Bugalho, Pataburro, Martinho Dias, B. do Pinho, Osvaldo, Rodanto Cor de Rosa, P. N., Yan Sada Yako, Nero de Tal, Gustavo Lannes, Antão de Vasconcelos, Mem Bugalho, She, Emerson, Antão de Magalhães, Til, Nero de Aguiar, Bertoldo, Marcos Twein, Ed. Schelling, Olga de Lima, Manoel de Souza, Oscarino, Vieira Lion, F. H. Rangel, e inúmeros outros mais. O próprio Lobato confessava não poder precisar quantos pseudônimos usou. Dizia nunca ter havido escolha nos mesmos, pois não eram pseudônimos filhos da vaidade e sim de uma grande vergonha de aparecer em público com a cara natural. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 87)

Lobato utilizou desses pseudônimos na publicação de um jornal em Pindamonhangaba, o qual se intitulou “Minarete” - mesmo nome do local onde o grupo de amigos se encontravam em São Paulo. Neste jornal, publicavam críticas ao governo local, encomendadas pelo companheiro Benjamin Pinheiro, que almejava se tornar prefeito do município. Os companheiros do Minarete também se utilizaram desta forma de ocultar seus nomes para sentirem a liberdade da exposição a que se propunham. Como exemplo:

[...] Bruno de Cadiz era Ricardo; Cândido assinava-se Bompard; Rangel, Bezuquet; Albino, Guy d’Hã. Isso lhes permitia completa liberdade não só quanto ao meio de expressão, mas também às idéias debatidas, aos problemas aventados, às maluquices literárias. Eram inteiramente livres para dizer os maiores absurdos. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 87)

Em 1904, Lobato vence um concurso de contos com o texto Gens Ennuyeux (Gente aborrecida) que é publicado no jornal "Onze de Agosto", da Faculdade de Direito. No final desse ano, recebe o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, completando o lustro acadêmico com o mesmo desinteresse inicial pelos estudos. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 111)

Lobato fora eleito por unanimidade para ser o orador da turma. No entanto, recusou as honras desse momento, deixando a oportunidade para Edgard Jordão realizar este

pronunciamento. Este esquematizou a primeira versão do discurso⁹ e discutiu suas ideias com Lobato e Ricardo, na mesinha do “Café Guarani”, que deram suas sugestões. Dias depois, Jordão procura Lobato para concluírem o discurso. Trabalharam até altas horas para a elaboração final.

Na festa da formatura, este discurso “cai como uma bomba”, tornando o evento num acontecimento marcante. Nele, havia críticas à igreja e um prenúncio ao Socialismo como novos rumos para a sociedade. Os representantes da igreja abandonaram a cerimônia em repulsa ao referido discurso.

No dia seguinte, Lobato parte para Taubaté e é recepcionado com foguetes, bandas de música e oito discursos. Não apreciava este tipo de manifestação pública, principalmente porque foi impulsionada por ele ser neto de um visconde.

Lobato estava acostumado com a vida na capital e estranha a vida interiorana que se mostrava cada vez mais desinteressante perto “da libérrima vida estudantina de São Paulo”, parecendo-lhe “sonolenta aldeia”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 120)

Em 1906, Lobato conhece Maria Pureza da Natividade (Purezinha), neta do Dr. Quirino, professor que lhe causara admiração na juventude, a qual viera da capital passar uma temporada na casa do avô. Lobato apaixonou-se e começa a namorar a jovem. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 124)

1.3 O Promotor na “Cidade Morta”

Por influência do avô, é nomeado para a promotoria de Areias, em março de 1907. Fica noivo de Purezinha em abril, mesmo sem o consentimento do avô, que não tinha gosto no casório, mas não criou empecilho que pudesse impedi-lo da decisão. Em maio de 1907, o Doutor José Bento Monteiro Lobato chega a Areias, a fim de assumir o cargo de Promotor Público da Comarca. Viagem penosa em lombo de cavalo, pois a estrada de ferro passava em Queluz e não havia outro meio de transporte. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 131)

Areias era um lugar decadente, que desanimava quem vinha da capital. Lobato relata a seu amigo: “Areias, Rangel! Isto dá um livro à Euclides. Areias tipo da ex-cidade, de majestade decaída. A população de Areias de hoje, vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio duma eterna imersão no passado”. (MONTEIRO LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1955a, p. 131).

⁹ Este discurso está reproduzido na íntegra no livro de Cantinho Filho (1934).

O trabalho era pouco e Lobato enchia seus dias com leituras insaciáveis, dizia – “leio para me embriagar, como o bêbado bebe para esquecer”. Lajolo (2000) afirma que, no ócio da vida de promotor solteiro, dedica-se também nessa época à pintura de aquarelas e a escrever contos que seriam futuramente publicados. Publica traduções para o jornal “O estado de São Paulo”, desenhos e caricaturas para a revista *Fon-Fon* e artigos em jornais – *Tribuna de Santos*; *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

Lobato pensa em se casar, mas pretende conseguir primeiro a mudança de cidade. Como suas expectativas tornam-se frustradas, passa a considerar a possibilidade de Purezinha ir morar em Areias. Na espera, escreve cartas para a noiva e seu amigo Rangel. Cavalheiro afirma: “Se para a noiva o amor e o futuro são temas mais presentes, para o amigo, são as obras lidas, os planos literários, as ideias que lhe ocorrem, a propósito disto ou daquilo, e muitas vezes sem propósito algum.” (CAVALHEIRO, 1955a, p. 134)

Em suas atividades, como promotor, “Consegue a primeira e única causa que se tem notícia de suas atividades como bacharel em Ciências Jurídicas. Nada sensacional; em Areias já não sucediam coisas sensacionais. [...] Uma defesa curta, objetiva, que um bom advogado não desdenharia em endossar.” (CAVALHEIRO, 1955a, p. 135)

Dessa causa, com data de 18 de novembro de 1907, Cavalheiro aponta que surgem pela primeira vez dois vocábulos que contribuiriam para a glória de Lobato como escritor: Urupês e Oblivion. Urupês daria nome ao seu primeiro livro e Oblivion seria nome de uma das suas “Cidades Mortas”.

Cavalheiro afirma que, Lobato sente necessidade de se casar. Sobre o assunto, filosofa:

O grande cavalo de batalha contra o casamento é o sacrifício da nossa liberdade – mas para que nos serve a tal grande liberdade se não para perdê-la nos momentos oportunos? Sem perdermos a liberdade parcial ou totalmente, como sabermos que tal coisa existe? Farto dessa liberdade pessoal, resolvi lançá-la pela janela. Caso-me e pronto. (MONTEIRO LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1955a, p. 141)

A cerimônia de casamento ocorreu em 28 de março de 1908 no civil e no religioso¹⁰, porém, seu espírito questionador fez deixarem registrado nos livros da igreja que não era católico.

¹⁰ Não batizaria, porém, os filhos.

No ato civil houve sério incidente. Com o livro diante dos olhos, o Juiz lia: “José Bento Monteiro Lobato, brasileiro, advogado, católico...”
 “ – Alto lá, interrompeu o nubente. Risque a palavra católico.”
 Pasma. Zum-zum. Risca. Não risca.
 Não tiveram outra alternativa , senão atendê-lo.
 (CAVALHEIRO, 1955a, p. 141)

Apesar de estar feliz no casamento, a sensação de Lobato é de desalento com a falta de perspectiva de sair daquela pequena cidade. Ele relata em uma de suas cartas a seu amigo:

E assim, meu Rangel, vou empurrando a vida, alternando as calmas da vida conjugal com calmas exaltações estéticas. A minha metade encanta-me cada vez mais. É inteligentíssima e de tal finura de intuição que ao lado dela minha psíquica se torna pesada como um alemão gordo. Acho que sou perfeitamente feliz porque acertei com a metade certa. Tão felizes que vamos para Areias – aquele horror nos é indiferente.¹¹ (MONTEIRO LOBATO, 1951, p. 212)

No período que está em Areias, terão dois filhos. Sua primeira filha, Marta, nasce em 03 de março de 1909. Lobato relata a Rangel em carta de 03 de maio do mesmo ano,

Estou cá com a “obrigação” acrescida da Senhorita Marta, uma menina graúda, gorda, que não chora, ri e vende saúde. A paternidade... Nada tenho feito senão rejubilar-me diante deste primeiro produto do meu desdobraimento. Um filho, um livro: afirmação criadora. E como isso nos muda! (MONTEIRO LOBATO, 1951, p. 236)

O segundo filho, Edgard¹², nasce aos 07 de maio de 1910. No dia 20 de maio, Lobato escreve ao amigo, relatando que, está em desassossego na casa do seu sogro, razão para não escrever, nem ler, apenas ouvir: “O meu Edgard chora, o piano toca o Chiribiribi, as mulheres falam, os surdos gritam, um canário trina. O barulho não é uma ficção, Rangel.” (MONTEIRO LOBATO, 1951, p. 288)

Na produção intelectual, continua reunindo ideias que, posteriormente, darão origem ao seu livro – Cidades Mortas, escrevendo matérias e charges para jornais e revistas. Em “Cidades Mortas”,

¹¹ Carta de Lobato a Rangel datada em 10-04-1908.

¹² O nome de Edgard é em homenagem ao colega dos tempos da faculdade Edgard Jordão. Em carta 07/02/1912, Lobato conta a Rangel sobre seu filho: “O peralta é o Edgard. Põe-me doido e é escandalosamente protegido pela mãe e a tia Anastácia, a preta que eu trouxe de Areias e o pega desde pequenininho. Excelente preta, com um marido mais preto ainda, de nome Esaú.” (MONTEIRO LOBATO, 1951, p. 326)

cujo espaço compreende o Norte paulista do Vale do Paraíba, são retratos das cidadezinhas decadentes do período pós-cafeeiro. Cenários para homens e mulheres imbuídos de antiquados e falsos valores, que Lobato ironizou cruamente. São contos ainda repassados de certo tom passadista e conservador, evidenciando na linguagem profusa em adjetivos e nas imagens rebuscadas, em evidente contrastação com o espírito que os animava. (MARANHÃO, 1989, p. 31)

Pretendia escrever um romance, mas o meio em que está não ajuda. Para ele “meio pífilo – obra de arte pífilo”. Trabalha com carpintaria para ocupar o tempo ocioso “fazendo móveis, coisas da casa, toscas, mas bonitas. Os dedos andam calejados e por longas temporadas perde o gosto pela leitura e pela escrita”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 142)

O ano de 1910 termina para ele, com aquela mesma sensação de frustração por não ter produzido nenhum de seus sonhos de outrora. Desse estado, uma triste e inesperada notícia vem tirá-lo em 27 de março de 1911: o Visconde de Tremembé havia falecido, vítima de uma ruptura de aneurisma. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 146)

1.4 O Fazendeiro revelando o “Jeca Tatu” e resgatando a memória do “Saci-Pererê”

Com a morte do Visconde, Lobato herda terras, casas e a Fazenda de São José do Buquira, em Taubaté. Ele resolve dedicar-se às atividades de fazendeiro, investindo na criação de animais, importando novas raças, fazendo cruzamentos entre elas. É lá que nasce seu terceiro filho Guilherme, em 26 de maio de 1912.

Lobato relata sua dedicação na atividade de fazendeiro, em carta a Rangel aos 19 de agosto de 1912.

Não calculas, Rangel, como tomo a sério a lavoura, nem que belezas há na vida do solo. O cruzamento de raças, a hibridação, a seleção – mundos! Tudo biologia ali na fonte. Estou empenhado em fixar uma nova raça de galinhas por meio do cruzamento da Wyandotte Silver-laced com uma raça crioula que encontrei aqui, muito rústica e adaptada. Aplico os processos americanos, que nisto são incomparáveis e tem formado raças maravilhosas. (MONTEIRO LOBATO, 1951, p. 330)

Na sua experiência como fazendeiro inovou as práticas agrícolas aplicadas na fazenda. Segundo Lamarão, Lobato “busca modernizar os métodos de produção e de administração ali empregados. Para ele [...] os procedimentos adotados nos Estados Unidos são sinônimo de qualidade, de garantia de sucesso (LAMARÃO, 2002, p. 54). Por isso, “importa cabras Toggenburg, galinhas Orpingtons, porcos Yorkshire e Duroc Jersey. [...]

instala ‘americanamente’ as suas Leghorns, enche os pastos de capim de Rodes.” (CAVALHEIRO, 1962, p. 121)

Ao conciliar as atividades de lavrador e literato, Lobato “discute sobre o café, a alta do açúcar, raças de gado, política municipal, safras, o tempo, plantações de arroz, avicultura” (CAVALHEIRO, 1962, p. 119). É desta época que Lobato acumulou informações sobre aspectos da vida interiorana e sobre aqueles que a constituíam para, posteriormente, organizá-las e expô-las de forma que a sociedade urbana visse claramente a pobreza e mazelas daqueles que habitavam o interior do Brasil.

Entre os afazeres da fazenda, dedicou-se aos estudos da “obra de Machado, à centena de volumes de Camilo, todo o Balzac, Stendhal, Maupassant, Kipling, Camões, Euclides – quantos outros mais!” (CAVALHEIRO, 1962, p. 131). Escrevia também para Godofredo Rangel, discutindo assuntos sobre literatura e problemas da época.

A política econômica e a Grande Guerra dificultavam a prosperidade dos negócios na fazenda. Além disso, permanece num ambiente que não permite frutificar sua vocação literária. Fica indignado com o modo de produzir nas fazendas, que utiliza das queimadas para limpar e preparar o solo para o plantio. Além disso, observa o modo de vida do homem do campo, que por falta de instrução, usa métodos arcaicos e baratos para produzir. Sua indignação é externada no artigo “Uma Velha Praga”¹³, que foi publicada no jornal “O Estado de São Paulo” em 12 de novembro de 1914. Em 1915, recebe a proposta deste jornal de receber vinte e cinco mil réis por seus artigos e reunir seus artigos em um livro. Esta nova perspectiva faz com que Lobato se dedique mais à literatura e menos à fazenda. Por isso, procura vendê-la para se instalar em São Paulo.¹⁴

Em 1916, nasce sua quarta filha - Ruth. Neste ano, permanece na esperança de vender a fazenda, ainda não publicara o livro que sonhara, nem publicara artigos que tivessem grande repercussão como outrora. Refaz vários contos num processo de gestação de uma obra maior. Pensa em colocar na linguagem nacional as fábulas de Esopo e La Fontaine.

Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com

¹³ Trataremos desse artigo posteriormente, analisando as intenções e repercussões causadas na época.

¹⁴ De 1914 a 1917 escreveu volumosamente para “O Estado de São Paulo” e para a “Revista do Brasil”, vindo a tornar-se proprietário desta logo em 1918 (LANDERS, 1988, p. 29).

bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa (MONTEIRO LOBATO, 1972, p. 245-246)

Em 06 de janeiro de 1917, Lobato propõe no artigo “A criação do estilo”, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, a incorporação dos elementos do nosso folclore “nos cursos de arte, especialmente no Liceu de Artes e Ofícios, instituição modeladora do gosto estético”. (AZEVEDO, 1997, p. 64). Sugere que se retirassem os “anões barbudos” dos parques infantis e substituíssem pela “graciosa figurinha do demônio brejeiro”, o Saci Pererê. “Em 28 de janeiro de 1917, a edição vespertina de O Estado de S. Paulo, sob o título ‘Mitologia brasílica’, anuncia: O Estadinho inaugura hoje uma série de estudos em que todos são chamados a colaborar. Abre um inquérito, ou enquete, [...] sobre o Saci.” (AZEVEDO, 1997, p. 66)

Este símbolo da nossa cultura nacional foi resgatado por Monteiro Lobato, para valorizar nosso patrimônio, em detrimento da exaltação exacerbada da cultura francesa. Defende o próprio “Jeca”, dizendo que, é a melhor coisa que produzimos, antes ele do que qualquer cópia fajuta. Lobato ressaltou a “urgência em resgatar o elemento nativo brasileiro, fosse ele um papagaio, curupira, macaco, bicho-preguiça, tico-tico ou o ...saci”. (AZEVEDO, 1997, p. 64). Campos (1986) afirma que,

A ideia básica é que a mentalidade dominante no país é a imitação da cultura francesa. O que pretende é mostrar que o país tem uma personalidade deve ser dirigida para o interior, para o sertão, onde está o povo brasileiro. É lá que está o “verdadeiro Brasil”, e não nas cidades do litoral, já “diluídas em cultura estrangeira”, “invadidas pela imigração”. (CAMPOS, 1986, p. 28)

Lobato consegue vender a fazenda em meados de 1917. Reside brevemente em Caçapava, onde funda a revista “Paraíba” com Carlos Freire e Pereira de Matos. Muda-se com sua família para rua Formosa, em São Paulo.

1.5 O crítico de arte e a fama de mau pintor

Entre os anos de 1915 a 1919, Lobato atuou como crítico de arte, porém teve sua credibilidade contestada por realizar a crítica ao trabalho de Anita Malfatti.

Em 20 de dezembro de 1917, Lobato terá publicado o polêmico artigo “A propósito da Exposição Malfatti”, onde analisa a obra da pintora. “Lobato teceu uma série de ataques à arte moderna e uma parcela da intelectualidade paulistana da época muito

permeável, segundo o autor, às inovações que vinham do exterior.” (CHIARELLI, 1995, p. 19). Segundo Maranhão (1989), Lobato criticou duramente a obra da pintora, chamando-a de “caricatural”. Suas críticas neste artigo foram responsáveis “pela imagem antimodernista granjeada pelo autor” (CAMPOS, 1986, p. 30) O artigo teve grande repercussão e como consequência, os modernistas desautorizaram Lobato como crítico de arte, atacando-o publicamente, revelando o que consideravam conservador em sua crítica. Chiarelli (1995, p. 30) afirma que, “os modernistas preferiram reconhecer Lobato apenas como um ‘pintor’, ou melhor, um pintor frustrado, que teria escrito o que escreveu por despeito em relação ao talento da artista”, por isso, não se sentiram na obrigação de discutir suas ideias. Além disso, em busca da construção de uma história ideal do Modernismo, vários historiadores reproduziram o mesmo preconceito com as opiniões de Lobato, perpetuando sua atuação como pré-modernista. (CHIARELLI, 1995, p. 20) Dois anos depois, este artigo compôs seu livro “Ideias de Jeca Tatu”.

1.6 “O Editor do Brasil” em São Paulo

De 1918 até 1927, Lobato esteve ligado à indústria de livros no Brasil. Com sua criatividade, revolucionou este setor que esteve estagnado até sua chegada. Sempre preocupado com a expansão do conhecimento pelas vias livrescas, escreve futuramente, “Um país se faz com homens e livros”.

Em 1918, Lobato passa de colaborador da Revista do Brasil a proprietário.

Em maio de 1918, a transação, que montou em mais de dez contos de réis, foi concluída, materializando antigo sonho de Lobato. Durante o período em que a Revista do Brasil lhe pertenceu - maio de 1918 a maio de 1925 - foram publicados 84 números que, somados aos 29 anteriores, totalizam 113 exemplares. (DE LUCA, 1999, p. 61)

Assim, Lobato dá início as suas atividades como editor. Promove uma verdadeira revolução, no que diz respeito aos livros. Antes dele, os livros eram publicados em Portugal e não havia uma indústria do livro no Brasil. Ele afirmava que, “Editar é o que existe de mais sério para um país. Editar significa multiplicar as ideias ao infinito, e transformá-las em sementes soltas ao vento, para que germinem onde quer que caíam”. (MONTEIRO LOBATO apud SACCHETTA, 1998)

O primeiro livro editado por Lobato foi “Sacy-Pererê: Resultado de um Inquérito”. Camargo (2006, p. 90) afirma que o Inquérito teria sido impresso pela primeira

vez em princípios de maio. “Esse livro teve muito êxito, com duas impressões esgotadas até princípios de julho de 1918, dois meses depois do lançamento” (HALLEWELL *apud* CAMARGO, 2006, p. 90 e 91). Esta data coincide com sua aquisição da Revista do Brasil. Conforme Cavalheiro, a primeira edição teve tiragem de impressionantes 5300 exemplares, se esgotou rapidamente, de maneira que, apenas dois meses depois, surgia uma segunda edição que será a última durante oito décadas. Este livro permaneceu ignorado até 1998, data da publicação comemorativa do cinquentenário da morte de Lobato.

Publica ainda, neste ano, seu livro “Urupês”, que também tem tiragem extraordinária para a época. Para conseguir tal façanha, Lobato enfrentou problemas, pois no Brasil havia poucas livrarias, segundo o autor, umas quarenta. Futuramente descreveria nesta entrevista a maneira que encontrou para vender seus livros em todo Brasil.

Mandamos uma circular a todos os agentes do correio pedindo a indicação de uma casa, uma papelaria, de um jornalzinho, de uma farmácia, de um bazar, de uma venda, de um açougue, de qualquer banca, em suma, em que também pudesse ser vendida uma mercadoria denominada “livro”. [...] conseguimos mil e duzentos nomes de casas comerciais recomendadas como relativamente sérias. Redigi então a circular que iria constituir a pedra básica da indústria editora brasileira. Mas não pense que me gabo disso. Não pensei na Pátria, não pensei em coisa alguma, a não ser em alargar o campo da venda das ediçõeszinhas que andávamos fazendo.

– Lá foi a circular...

– Foi e era sugestiva. “Vossa Senhoria tem o seu negócio montado e quanto mais coisas vender, melhor será o seu lucro. Quer vender também uma coisa chamada ‘livro’? Vossa Senhoria não precisa inteirar-se do que essa coisa é. É um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau. E como Vossa Senhoria receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais ‘livros’, terá uma comissão de 30%; se não vendê-los, no-los devolverá pelo correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa.” Todos toparam e nós passamos dos quarenta vendedores, que eram as livrarias, para mil e duzentos “pontos de venda”, fosse livraria ou açougue.

– E como o público recebeu isso?

– Com uma avidez de impressionar. Foi um abalo no país inteiro. Algo fulminante. A procura de livros tornou-se tamanha que não havia o que chegasse. As edições, que antes eram de 400 ou 500 exemplares e muito espaçadas, imediatamente pularam para três mil exemplares em média e começaram a sair quatro, cinco, seis e sete por semana. Cheguei a tirar uma edição de 50.500 exemplares de *Narizinho Arrebitado*. (MONTEIRO LOBATO, 1948, p. 212 e 213)

Lobato inovou a comercialização dos livros, dando-lhe valor e significado para a sociedade brasileira. Cavalheiro (1955a, p. 249) diz que “Lobato ‘sabia o que editar’, ‘conhecia a psicologia do leitor’ e em qualquer dos gêneros editados por ele, o que se observa

é a preocupação com a novidade... As ideias debatidas em tais obras eram novas, como novos os processos de editor. Lobato seria

Revolucionário não só por ter aberto as portas aos novos, e pelos métodos comerciais postos em prática, mas também pela elegância e originalidade da apresentação gráfica dada às suas edições. O hábito, na época, eram capas tipográficas, em geral amarelas, cópia das populares edições francesas. Ele mudou tudo, inclusive o formato clássico, e vestiu as brochuras de capas desenhadas, coloridas, moda que pegou e ainda perdura. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 245)

Tinha preferência em publicar livros de autores brasileiros ainda desconhecidos.

O critério editorial de Monteiro Lobato, mais do que original, era *sui-generis*. [...] Ora, o sistema de Lobato-editor consistia em lançar somente novos. Medalhões não entravam nos seus prelos. [...] Quando a notícia se espalhou, os originais começaram a chover.[...] essa plethora de escritores novos, deu ao País a impressão de autêntica florescência literária. “Mas não houve, conta Lobato, florescência nenhuma! Houve apenas a apresentação ao público de uma série de cavalheiros que estavam metidos em suas respectivas gavetas. Creio que nossa firma soltou toda a produção literária do Brasil que estivera encalhada, ou se conservara inédita durante muito tempo”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 244)

Cavalheiro (1955a) afirma que Lobato incentivou ainda autores a publicarem seus livros, como é o caso de Oliveira Viana.

[...] a leitura das milhares de cartas do arquivo de Lobato revela que ele ia diretamente à cata de escritores, procurando descobrir valores, animando os tímidos e indecisos, sugerindo obras e assuntos. [...] Sirva de exemplo o livro de Oliveira Viana – “Populações Meridionais do Brasil” – concluído graças à insistência com que, em sucessivas cartas, obrigou o sociólogo a levar avante o plano concebido. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 249 e 250)

As oficinas gráficas não estavam preparadas e equipadas para produzir tantas edições. Os primeiros volumes vieram com a chancela da “Revista do Brasil”. Mas, em março de 1919, Lobato registra na Junta Comercial: “Monteiro Lobato & Cia”. É nessa época que, Otalles Marcondes Ferreira, aos 19 anos, começará a trabalhar na Editora para cuidar da escrita. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 243)

A empresa de Lobato prosperou nos anos seguintes. Em 1921, os lançamentos atingem cinquenta e tantas obras. Precisam mudar de local duas vezes no ano seguinte, para comportar as oficinas. O livro didático se torna a fonte mais generosa das atividades editoriais em 1923. “Em 1924, os projetos continuam cada vez mais grandiosos: novo aumento de

capital, maiores oficinas gráficas. Passam para o novo prédio, na rua Brigadeiro Machado, no Brás, belo edifício de cinco mil metros quadrados de área coberta, todo cheio de máquinas”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 253)

Conforme o quadro abaixo, Lobato editou livros das diversas áreas de conhecimento.

Quadro 1 – Catálogo dos autores editados por Lobato em 1924.

<i>Poesias</i>	<i>Contos</i>	<i>Romances</i>
Alfonso de Guimarães	Álvaro Moreira	Afonso Schmidt
Cesídio Ambrogi	Carvalho Ramos	Canto e Melo
Cleómenes Campos	Cornélio Pires	Carlos Dias Fernandes
Francisca Júlia	Godofredo Rangel	Coelho Neto
Maria Eugenia Celso	Gustavo Barroso	Godofredo Rangel
Medeiros e Albuquerque	Humberto de Campos	Hilário Tácito
Menotti del Picchia	Léo Vaz	José Antônio Nogueira
Oswaldo Orico	Ribeiro Couto	Júlio Ribeiro
Paulo Setúbal	Roque Callage	Léo Vaz
Ribeiro Couto	Valdomiro Silveira	Lima Barreto
Ricardo Gonçalves		Manuel Antônio de Almeida
Rosalina Coelho Lisboa		Manuel Galvez
Vicente de Carvalho		Mário Sete
	<i>Ensaaios e estudos</i>	Menotti del Picchia
	Alcides Maia	Oswald de Andrade
	Almáquio Dinis	Paulo Setúbal
	Amadeu Amaral	Rodolfo Teófilo
	Artur Mota	Veiga Miranda
	Fábio Luz	Visconde de Taunay
	Gilberto Amado	
	Graça Aranha	
	João Pinto da Silva	
	Martim Francisco	
	Miguel Osório de Almeida	
	Nestor Vitor	
	Sud Menucci	
		<i>Política e Viagens</i>
		Afonso de Freitas
		Hans Staden
		Paulo Prado
		Rodolfo Teófilo
		Saint Hilaire

Quadro organizado conforme CAVALHEIRO (1955a, p. 248 e 249)

Além desses autores, Cavalheiro (1955a) descreve que foram publicados

[...] livros técnicos de Medicina, Higiene, Veterinária, Contabilidade, Gastronomia, Educação, Física, Engenharia. História [...] Psiquismo e ocultismo, direito e livros didáticos, enfim, não houve campo no terreno editorial “Monteiro Lobato & Cia.” a princípio, e a “Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato” depois, não tivessem feito incursões. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 249)

Como a princípio, Lobato editava diversos autores novos, chegavam originais de toda parte do país, tendo que selecionar o que poderia ser editado e, mentir para os autores que não teriam seus livros publicados para que não ficassem magoados com sua opinião verdadeira.

Toda esta prosperidade será abatida pela Revolta de 1924 que eclodirá na capital paulista, chefiada por Isidoro Dias Lopes¹⁵. As máquinas e prédios foram adquiridos à prestação e a editora estava devendo muito e, contava, apenas com a venda dos livros. Além disso, uma grande seca atinge São Paulo e a Companhia de Energia Light corta dois terços do fornecimento de energia elétrica. “Coincidiu tudo isso com a terrível medida bancária do governo Bernardes: o governo mudou subitamente de orientação financeira, suspendendo o redesconto então feito pelo Banco do Brasil. O resultado foi o pânico em todo o sistema comercial do país”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 257)

Em 1925, Lobato recorre à falência para resolver a situação. Seu sócio e companheiro, Otales Marcondes Ferreira afirma que, faltou paciência a Lobato para superar os problemas financeiros da editora.

Com a venda de uma casa lotérica, que tinha em sociedade com Otales, e do estoque das edições e direitos autorais, conseguem capital para fundar, em fins de 1925, “dos escombros da Gráfico-Editora Monteiro Lobato” a Cia. Editora Nacional.

Da falência, Lobato sai pobre e, para transferir-se para o Rio de Janeiro, precisou levar seus bens a leilão. Deixa a editora no controle de Otales e no Rio irá escrever para jornais e traduzir textos também.

A atuação de Lobato como editor será reconhecida amplamente, deixando suas marcas para a história. Em 1944, Lobato fundou a Editora Brasiliense com Artur Neves e Caio Prado Júnior. Fundou ainda, em 1946, a Editora Acteon na Argentina, editando seus livros em espanhol. (MARANHÃO, 1989).

1.7 Lobato “Adido Comercial nos Estados Unidos”

Lobato sempre demonstrou grande admiração e interesse pelos Estados Unidos da América, desde a época que foi fazendeiro, conforme mostramos anteriormente. Com a

¹⁵ Foi um General de Brigada do Exército Brasileiro, considerado "Marechal da Revolução de 1924".

influência de Alarico Silveira, foi nomeado, pelo presidente Washington Luís, para o cargo de Adido Comercial junto ao Consulado Brasileiro, em Nova Iorque.

Lobato viajou em 25 de maio de 1927, pelo *American Legion*, conforme carta¹⁶ enviada ao amigo Rangel. Tinha muitos planos para realizar nos Estados Unidos, dentre eles: publicar seu romance “Choque das Raças”, criar uma editora que teria o nome de *Tupy Publishing Co.* Para Lobato, “O Brasil é uma coisa perrengue demais para os planos que tenho na cabeça. Esses planos no Brasil permanecerão toda vida lândeadas: lá virarão piolhos do tamanho de iguanodontes” (MONTEIRO LOBATO, 1964b, p. 300)

Após dois meses que havia chegado, escreve para Rangel¹⁷: “Sinto-me encantado com a América. O país com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro! [...] Rangel: eu sou um peixe que estava fora d’água desde 1882, quando nasci, e só agora caiu nela. Isto aqui é o mar do peixe Lobato”. (MONTEIRO LOBATO, 1964b, p. 302) Conta que foi recepcionado pelo agente geral da Ford em Nova Iorque, facilitando-lhe sua hospedagem inicial. Afirma ainda: “Meu plano agora é um só: dar ferro e petróleo ao Brasil. ”

Teve sua primeira decepção na América quando seu romance não encontra editor e, conseqüentemente, não terá dinheiro para fundar sua editora. Relata a Rangel¹⁸

Falhou a Tupy Company. Acham-no [O Choque] ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, combater a sangue frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que linchavam os negros. Os originais estão com o Isaac Goldberg, para ver se há arranjo. Adeus, Tupy Company!... (MONTEIRO LOBATO, 1964b, p. 304.)

Sobre o romance que tentava publicar, Lajolo afirma:

O Choque das raças é um romance de tese, no qual máquinas da mais pura ficção científica permitem a um brasileiro bancário e ingênuo – o narrador Airton – testemunhar a solução final para os problemas raciais da sociedade norte-americana.

O enredo escandaliza. E entre as razões do escândalo pode se incluir a atualidade da temática, a um tempo em que o conceito de “eugenia” era evocado acima e abaixo do Equador para justificar políticas de exclusão e marginalização.

Sem happy end, o livro tem um narrador desinteressado de discutir aspectos éticos da história que conta e parece ter sido planejado por Monteiro Lobato

¹⁶ Carta de Monteiro Lobato à Rangel de 23-03-1927.

¹⁷ Carta de Monteiro Lobato à Rangel de 17-08-1927.

¹⁸ Carta de Monteiro Lobato à Rangel de 05-09-1927.

como uma espécie de passaporte para suas pretendidas atividades de escritor e editor nos Estados Unidos. (LAJOLO, 2000, p. 68)

Em 1929, ao se deslumbrar com os ganhos fáceis da Bolsa de Valores, vai especular todos os recursos que dispunha. Em outubro de 1929 com o craque da Bolsa, perderá tudo. Ele escreve à irmã:

Hás de crer que acabo de cometer um dos maiores erros da minha vida? Entrei no Stock Exchange com todos os recursos que pude reunir, certo de fazer fortuna. Errei o bote. Em vez de ganhar já perdi metade do meu capital e estou ameaçado a perder o resto e ainda ficar devendo alguma coisa. Estou resistindo, sempre com esperanças de que uma alta nos títulos, ainda me permitam ao menos diminuir os prejuízos, mas não sei se poderei resistir muito tempo. O mais certo é perder tudo e ficar reduzido ao ordenado. (MONTEIRO LOBATO apud CAVALHEIRO, 1955a, p. 368)

Ao acreditar que, poderia recuperar os recursos perdidos na Bolsa, investe ainda o que dispunha da sociedade na “Cia. Editora Nacional”, perdendo efetivamente tudo. Além dos problemas financeiros, seu filho Edgard adoece.

Com todo infortúnio, Lobato profecia: “Vou ressuscitar literariamente”. Cavalheiro afirma que, “A literatura, sempre tão malsinada, tudo lhe dará: a alegria de viver e meios de subsistência”. Começa a investir na adaptação de “Robinson” e “Peter Pan”, escreve “A Pena do Papagaio” e “O Pó de Pirlimpimpim” e pensa em uniformizar as aventuras de Lúcia e Pedrinho.” (CAVALHEIRO, 1955a, p. 369 e 370)

Lobato desempenhou as atividades de adido comercial com bastante afinco, tentando mostrar alguns problemas da economia brasileira e exportação de produtos, embora muitas vezes em vão. Queria transformar o Brasil numa nação rica e poderosa.

Foi o único attaché, dos que conheci, que levou o cargo a sério. Eram cartas a fabricantes de coisas que pudessem interessar o Brasil, eram visitas a fábricas, notícias para os jornais daqui sobre coisas brasileiras, tudo. E todos os meses escrevia para o Itamarati um grande relatório, com os resultados das pesquisas em assuntos comerciais. (ARTHUR COELHO apud CAVALHEIRO, 1955a, p. 372 e 373)

Na época, o Brasil não tinha uma política externa fortalecida que permitisse a viabilização de exportação de produtos. Até mesmo o sistema de comunicação era falho, o que atrasava bastante o processo comercial. “Tinha como tarefa básica incrementar a penetração dos produtos brasileiros nos mercados das Américas do Norte e Central”. (AZEVEDO, 1997, p. 223)

Editor agora transformado em funcionário da diplomacia brasileira, Lobato procura desempenhar com presteza suas funções no dia-a-dia. Representa o Itamaraty na Comissão Pan-Americana para a Simplificação e Estandarização da Praxe Consular, reunida em Washington, e entre as centenas de assuntos que chegam às suas mãos tenta, sem sucesso, obter verbas para uma expedição à Amazônia. (AZEVEDO, 1997, p. 226)

Lobato faz levantamentos dos produtos exportados pelo Brasil e indicava aqueles que trariam maiores vendas no comércio com os Estados Unidos. A burocracia brasileira impedia a viabilização do processo, fazendo com que o seu trabalho se tornasse quase inútil, deixando-o bastante contrariado.

Lobato permaneceu nos Estados Unidos durante quatro anos, sendo destituído do cargo assim que Getúlio Vargas assumiu o poder. “Ao deixar o cargo, Lobato escreve uma longa carta ao chefe do governo provisório onde relata as conclusões a que teria chegado após sua permanência durante quatro anos na América.” (AZEVEDO, 1997, p. 232)

Nesta carta ele fala sobre os pontos fracos da economia brasileira – o ferro, o petróleo, o trigo – e também sobre um possível intercâmbio entre o Brasil e a Rússia. “Lobato jamais obteve resposta. Nem qualquer tipo de satisfação – ainda que por cortesia.” (AZEVEDO, 1997, p. 234)

Toma, assim, providências no sentido de possibilitar a permuta de café, borracha, cacau, couros e outros produtos brasileiros, em baixa por superprodução ou retraimento dos mercados já existentes, com gasolina, querosene, e mais produtos de origem russa. Entra em contato com a Amtorg Trading Corporation, organização comercial que tem a seu cargo o intercâmbio entre os países da América do Norte e a Rússia. É bem sucedido. Consegue que a Amtorg obtenha de Moscou a aceitação da fórmula que propusera – troca de produtos em base rigorosamente comerciais – recebendo a resposta de que o negócio podia ser tratado com a Iuyamtorg¹⁹ Trading Corporation, com sede em Buenos Aires, organização

¹⁹ A sociedade anônima Iuyamtorg era o instrumento com que a União Soviética movia-se na América Latina com o intuito de fomentar seu comércio. O presidente dessa empresa, Alexander Minkin, apresentou em maio de 1931 ao ministro da Fazenda do Brasil, José Maria Whitaker, uma proposta minuciosa de intercâmbio bilateral, nos moldes com que a empresa já operava nos Estados Unidos (onde se denominava Amtorg), Argentina, Chile e Uruguai. Os dois obstáculos que o executivo soviético via para o desenvolvimento das relações comerciais com o Brasil eram as dificuldades de créditos bancários e a ausência de uma sucursal da Iuyamtorg no Rio de Janeiro. No mês seguinte, Minkin entreteve-se com o ministro brasileiro em Montevideú, A.G. de Araújo Jorge, após haver obtido a recomendação da embaixada brasileira em Buenos Aires. A URSS pretendia iniciar compras de café, cacau, borracha e couros do Brasil. Araújo Jorge ponderava ao Itamaraty as vantagens dessa aproximação oportuna que já produzia frutos concretos e importantes nos países do continente naquele momento de crise internacional. Perguntava se o governo brasileiro estaria em condições de sobrepor esses interesses econômicos às razões de ordem política que até o momento explicavam o distanciamento. [...] Getúlio Vargas consultou seu ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco, acerca da conveniência de autorizar o funcionamento no país daquela agência soviética no comércio exterior, aconselhou Vargas a negar essa autorização em razão de desconfianças acerca da atuação política que a Iuyamtorg poderia vir a exercer. Na Argentina, apesar da

similar a Amtorg, mas de zona comercial restrita aos países da América do Sul. Consultada, esta última responde estar pronta a iniciar o negócio proposto, desejando, quanto ao café, começar em escala pequena, quinze ou vinte mil sacas, visto haver necessidade de criar o hábito dessa bebida entre os russos. Consideravam, no entanto, que com o tempo a Rússia, cujo clima é favorável à expansão do hábito dessa bebida entre os russos. Consideravam, no entanto, que com o tempo, a Rússia, cujo clima é favorável à expansão do hábito de tomar café, poderia vir a ser um consumidor de milhões de toneladas. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 373)

Cervo (2001) afirma que Getúlio Vargas cogitou a ideia de realizar comércio com a URSS, mas foi desaconselhado pelo Ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco, porque esta empresa fazia propaganda comunista.

As reações da diplomacia latino-americana, diante da tentativa soviética de penetração comercial na região por meio da agência Iuyamtorg, comprovaram que, na primeira metade dos anos 30, ainda longe dos tempos da Guerra Fria, aos países da região repugnava a contaminação comunista ao ponto de contra ela estarem dispostos a sacrificar interesses comerciais, mesmo nas adversas condições com que a depressão capitalista limitava os negócios. (CERVO, 2001, p. 32)

Como podemos constatar a atuação de Monteiro Lobato na negociação com a Iuyamtorg foi anterior ao fato relatado por Cervo (2001). No entanto, teve repercussão entre os superiores da época, quando Getúlio assumiu o governo. Assim, por causa da influência de uma empresa originária de um país comunista, os países latino-americanos não quiseram estabelecer ou manter relações comerciais, mesmo com toda a crise do capitalismo, com exceção do Uruguai que manteve a sucursal em seu território.

Lobato inferiu em sua estadia nos Estados Unidos que, para salvar nossa economia, precisávamos produzir ferro e petróleo. Tinha grandes esperanças em transformar o país no irmão gêmeo dos Estados Unidos. “Seremos o segundo país do mundo, o segundo foco industrial do mundo!” (MONTEIRO LOBATO apud CAVALHEIRO, 1955a, p. 382).

As estatísticas americanas são impressionantes: as de 1927 referem-se a 48 milhões de toneladas. Quanto produzia então o Brasil? Cerca de 40 mil. Importávamos o resto, 500 mil toneladas, sabe Deus com que sacrifício. [...] Parecera-lhe que mau fado nos condenava ao suplício de, possuindo 23% do ferro do mundo, termos de comprar quanto prego e alfinete necessitássemos para irmos remendando as nossas coisinhas” (CAVALHEIRO, 1955a, p. 381)

representação dos advogados da empresa a fim de que o poder Executivo tornasse sem efeito o decreto que suspendera a autorização da Iuyamtorg, a imprensa acusava-a de propaganda comunista e se opunha ao restabelecimento do comércio pela via da representação formal. (CERVO, 2001, p. 30 e 31)

Com base em suas averiguações, Lobato escreveu uma carta a Alarico Silveira, em 03 de maio de 1928, mostrando as vantagens de produzir ferro pelo método Smith²⁰, que sob sua visão seria mais adequado à produção brasileira. Descreveu ainda, sua visita a Detroit onde conheceu a Ford e General Motors, conversou com os empresários e debateu as possibilidades de trazer esse método para o Brasil.

Entretanto, “as informações e o entusiasmo de Monteiro Lobato não encontram nos meios governamentais a repercussão que ele esperava. Os planos traçados com tanta clareza permanecem engavetados durante meses”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 389) Ao longo dos três anos que permaneceu ainda nos EUA, Lobato não obteve resposta sobre os relatórios e cartas que enviou ao Brasil solicitando que alguma autoridade brasileira fosse a Detroit verificar pessoalmente o método Smith.

1.8 A luta pelo Ferro e Petróleo

Ao regressar ao Brasil, em 1931, Lobato não desanima “retoma o assunto, procurando atrair entendidos, capitalistas e autoridades para o estudo e a solução de magno problema. E agora que não mais está ligado ao Governo, só vê um caminho para concretização de seus planos: fundar uma Companhia com capitais particulares.” (CAVALHEIRO, 1955a, p. 393)

Monteiro Lobato escreve vários artigos para o jornal “O Estado de São Paulo” expondo a situação do ferro no país e as vantagens da produção de ferro e aço no país. Ele afirma que “NOSSO PROBLEMA NÃO É POLÍTICO, NEM RACIAL, NEM CLIMATÉRIO, MAS PURA E SIMPLEMENTE ECONÔMICO”. Pergunta ainda: “Por que motivo é o ferro o grande pai da riqueza? Porque o ferro é a matéria-prima da máquina e é a máquina a grande arma que o homem inventou para dominar a natureza, subjugar-la, pô-la humilde ao seu serviço nessa tremenda aventura da civilização”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 397)

²⁰ Esse método foi criado pelo engenheiro “William H. Smith e patenteada, em 1928, pela General Reduction Corporation. Trata-se de um método siderúrgico que, em tese, reduziria o minério de ferro a ferro esponja, por meio de reações químicas, em forno vertical com temperatura inferior ao ponto de fusão do metal. Após a redução, o ferro é magneticamente separado de outros materiais e, por fim, briquetado. O ferro esponja é considerado uma alternativa ao ferro gusa e ambos podem ser utilizados na produção de aço, no entanto, ainda hoje, muitos especialistas consideram mais vantajoso o uso do último”. (CARVALHO JR., 2014, p. 69)

Em 1932, logo após a revolução paulista, tem com Getúlio o que julga a última conferência numa série objetivada para a solução do problema siderúrgico. “Lembro-me, diz Lobato, que lhe resumi o caso brasileiro nestes termos culinariamente prosaicos: “ A República Velha mexia o angu do caldeirão da esquerda para a direita; a República Nova está a mexê-lo da direita para a esquerda; a República Novíssima talvez o mexerá de cima para baixo ou vice-versa. Nada disso aumenta o angu do caldeirão – e o verdadeiro mal reside na escassez do angu. Há muita pobreza, muita miséria no Brasil. O que existe de riqueza criada é pouco demais para tantos famintos. Tirar o angu de A, para dá-lo a B, não resolve coisa nenhuma. B passará a comer e A entrará em jejum. O indispensável se torna que tanto A como B tenham a sua ração. Criar, aumentar a riqueza e não redistribuir a pouca riqueza existente, constitui o grande programa dum Governo construtivo. Só assim encerraremos esta horrível fase de perturbação revolucionárias, cuja causa última se encontra no mal-estar econômico, na pobreza, na miséria, na falta de oportunidades. Mas só há de conseguir isso pelo desenvolvimento da indústria do combustível e do ferro, que são básicas. Do ferro sai a máquina que multiplica a eficiência do homem; do combustível sai a energia mecânica que faz mover a máquina. Máquina e energia: eis a grande revolução que temos que operar neste imenso gigante entevado e faminto que se chama Brasil”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 402 e 403)

Em outubro de 1933 escreve longamente a Juarez Távora, então Ministro da Viação sobre a questão do Ferro e todos os entraves encontrados para o processo Smith. Muitas então foram as tentativas de Lobato para que o assunto fosse tratado seriamente. Porém, foi em vão.

Futuramente, AMARAL (1946) afirmaria que tecnicamente este processo era inaplicável ao nosso meio. Porém, é relevante ressaltar todo o esforço perdido que Lobato despendeu durante seis longos anos.

Em princípio de 1932, Lobato começa a relegar o ferro a plano secundário, para cuidar mais intensamente do petróleo, convencido de que este lhe traria os recursos indispensáveis para cuidar daquele. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 403)

A luta pelo petróleo começou já em 1931. Em fins deste ano, Lobato já havia traçado todos os planos para o lançamento da Cia. Petróleo do Brasil, inclusive os prospectos. (Cavalheiro, 1955a, p. 411) Desta vez, não procurou os meios governamentais, como havia feito na questão do ferro, mas fez apelo ao público, convocando a Nação para esta batalha. Sua dedicação à esta luta foi realmente cativante.

Fundar Companhias, levantar capitais com a venda de ações, eram tarefas, sem dúvida alguma, ingratas e trabalhosas. [...] O espetáculo era por vezes comovente: pessoas que à custa de enormes sacrifícios haviam acumulado cem ou duzentos mil-réis, iam em busca de uma ou duas ações, não com o fito de ver o parco dinheirinho multiplicado, e sim com a pura intenção de

contribuir para a vitória de uma importante causa. Como um comandante à frente de suas tropas, Monteiro Lobato se desdobra. Difícil, na verdade, saber de onde consegue tirar tantas energias. Em 1932 completa 50 anos de idade. O petróleo não lhe dá os meios necessários à subsistência. Só despesas. Para manter-se, e aos seus, tem apenas um recurso: o trabalho intelectual. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 428 e 429)

Cavalheiro detalha todos os esforços e projetos que foram empenhados e impedidos pelos detentores dos registros oficiais. E quando Lobato

[...] sente que o Serviço Geológico está realmente sabotando a luta em que se empenhara, a luta na qual colocara toda sua capacidade de trabalho, todas as esperanças num Brasil maior, não tem dúvidas ou receios de espécie nenhuma. Dirige ao Presidente da República uma denúncia formal, clara e concisa. E logo em seguida, ao sair a tradução de Essad Bey, precede-a de violento prefácio no qual expõe ao País, em tom cáustico e vibrante, muita coisa até então ignorada. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 417 e 418)

Por isso, Lobato fez graves acusações ao Departamento Nacional de Produção Mineral, principalmente ao Diretor de Geologia, Mr. Malamphy, e ao Diretor de Geologia, Vitor Oppenheim, afirmando que eles dispunham de informações de todo o subsolo nacional sempre em primeira mão e faziam uso delas na firma comercial que possuíam para uso externo. Assim, eles impediam que se procurasse petróleo no país, afirmando sua inexistência aqui. Estas acusações foram descritas no seu livro publicado em 1936 “O escândalo do petróleo: depoimentos apresentados à Comissão de Inquérito sobre o petróleo”.

Lobato sabia dos obstáculos naturais da busca pelo petróleo. Ele e alguns companheiros criaram três Companhias com esse fim. À princípio, o governo ignorou a empreitada. Com a emergência do problema vindo à tona, criou o “Conselho Nacional do Petróleo”, que fugiu de suas finalidades e impedia os brasileiros tirarem o petróleo. Além disso, o resultado da política deste Conselho só beneficiava o imperialismo da Standard Oil, dona do mercado nacional, ao retardar a criação da grande indústria no país.

Em 1939, Lobato estava esgotado de energias, principalmente porque seu filho Guilherme falecera e sofrera tantas frustrações em suas investidas em industrializar o país. Mesmo assim, escreve uma carta à Getúlio Vargas detalhando todos os problemas que enfrentou, numa última tentativa de mudança do tratamento do problema. Lobato começa exclamando:

O Petróleo! Nunca o problema teve tanta importância; e se com a maior energia e urgência, o Senhor não toma a si a solução do caso, arrepender-se-á amargamente um dia, e deixará de assinalar a sua passagem pelo Governo

com a realização da Grande Coisa. Eu vivi demais esse assunto. No livro “O Escândalo do Petróleo” denunciei à Nação o crime que se cometia contra ela – e com a maior dor no coração vejo hoje que o oficialismo persiste nesse crime, e agora armado duma arma que não existia antes: o monstruoso tanque chamado “Conselho Nacional de Petróleo”. Dr. Getúlio, pelo amor de Deus, ponha de lado a sua displicência e ouça a voz de Jeremias. Medite por si mesmo no que está passando. Tenho a certeza de que se assim o fizer, tudo mudará e o pobre Brasil não será crucificado mais uma vez. (MONTEIRO LOBATO apud CAVALHEIRO, 1955a, p. 464 e 465)

Lobato detalha as sabotagens contra as Companhias, negando-lhe a declaração de “Companhia Nacionalizada”, aniquilando-as por inanição. Se o governo queria o monopólio do petróleo, porque não o fazia. Ele conclui a carta dizendo:

O Decreto 2179 *arruína* a indústria nacional das refinarias; aniquila no berço as Companhias nacionais de pesquisa e produção do petróleo; *paralisa* todas as iniciativas privadas nesse setor; *impossibilita* a formação de Empresas novas; e *perpetua* a nossa situação de colônia dos trustes internacionais. *Cui prodest?* A quem aproveita essa política? Ao Brasil? Não. Unicamente ao Grande Polvo Standard Oil... (MONTEIRO LOBATO apud CAVALHEIRO, 1955a, p. 467)

Três meses após enviar esta carta, Lobato é convidado para dirigir o “Ministério de Propaganda”, ao qual rejeita por saber das impossibilidades de tal tarefa. Foi convidado para entrevistar-se com Getúlio Vargas em Campinas, onde teria lugar reservado ao lado do ditador num grande banquete. Como não era homem de banquetes, se recusou novamente.

Em 20 de março de 1941, esta carta foi respondida com um mandado de prisão preventiva. Lobato foi preso e condenado a seis meses de prisão, mas graças à intervenção de seus amigos de prestígio, foi solto após noventa dias. “Por dizer o que penso já fui parar na cadeia. E por dizer invariavelmente o que penso irei para o inferno, com a graça de Deus”. (MONTEIRO LOBATO apud MARANHÃO, 1989, p. 23)

Segundo Maranhão (1989) em 1947, Lobato participou de um comício em Anhangabaú contra a cassação dos mandatos dos deputados e senadores comunistas. Até o fim de sua vida esteve ligado às questões políticas e sociais do país.

Aos quatro de julho de 1948, o Brasil perdia um grande defensor do país que, expôs suas ideias, foi criticado e até mesmo injustiçado, mas não desistiu de seus ideais sendo firme a eles não perdendo nunca a sua dignidade e seu caráter. Maranhão (1989) conta que à beira do túmulo de Lobato, seu amigo Procópio Ferreira prestou-lhe uma homenagem dizendo: “Agora os sem-vergonhas poderão agir à vontade. Morreu Monteiro Lobato”.

1.9 Produção Intelectual de Lobato

Lobato começou sua atividade literária escrevendo artigos para jornais e revistas da época sobre os problemas que o país enfrentava, e com imensa perspicácia, soube colocar a sociedade para pensar sobre essa situação em que vivíamos. Com suas ideias inovadoras provocou críticas em muitos e chegou a ser mal interpretado por falar o que pensava. Escreveu para adultos, mas posteriormente acreditou que deveria influenciar as crianças também com suas ideias, o que foi um estímulo em sua vida.

Uma das características dos seus livros era a forma coloquial que escrevia, de forma que as pessoas entendessem a sua mensagem. Como Lobato exerceu a atividade de editor, teve o privilégio de publicar suas obras, sem passar pelo crivo de editores que poderiam não ter aceitado suas ideias.

Nas próximas páginas estão organizadas as obras de Literatura Geral e de Literatura Infantil, com editora, cidade, ano de publicação e quantidade de páginas, conforme descrição realizada por Edgard Cavalheiro em sua biografia.

Quadro 2- Livros de Literatura Geral

Nome do Livro	Editora	Edição	Cidade	Ano	Páginas
A Barca de Gleyre - 40 anos de correspondência literária	Cia. Editora Nacional		São Paulo		504
A Onda Verde (jornalismo)	Monteiro Lobato & Cia		São Paulo	1921	252
		2ª edição	São Paulo	1922	227
América	Cia. Editora Nacional		São Paulo	1932	254
		2ª edição	São Paulo	1934	280
Cidades Mortas	Revista do Brasil		São Paulo	1919	210
		2ª edição	São Paulo	1910	231
	Monteiro Lobato & Cia	3ª edição	São Paulo	1921	98
		4ª edição	São Paulo	1923	259
Conto Industrial	Edição do Instituto Medicamenta		São Paulo	1949	22
Contos Escolhidos	Cia. Gráfica Ed. Monteiro Lobato		São Paulo	1923	246
Contos Leves ²¹	Cia. Editora Nacional		São Paulo	1935	247
			São Paulo	1941	308
Contos Pesados ²²	Cia. Editora Nacional		São Paulo	1935	358
			São Paulo	1940	358
De quem é o Petróleo na	Tipografia Paulino		Campinas	1948	8

²¹ Cidades Mortas e outros.

²² Urupês, Negrinha e O Macaco que se fez homem.

Bahia? (mensagem)					
Ferro	Cia. Editora Nacional		São Paulo	1931	130
Georgismo e Comunismo - O imposto Único	Brasiliense		São Paulo	1948	23
How Henry Ford is Regarded in Brazil (articles)	São Paulo Editora Ltda		Rio de Janeiro	1926	26
Ideias de Jeca Tatu	Revista do Brasil		São Paulo	1919	213
		2ª edição	São Paulo	1920	238
	Monteiro Lobato & Cia	3ª edição	São Paulo	1922	239
Jeca Tatuzinho	Monteiro Lobato & Cia		São Paulo	1924	27
	Cia. Editora Nacional		São Paulo	1930	30
	Instituto Medicamenta	20ª edição	São Paulo	1954	24
Mensagem à Mocidade do Brasil	Centro Acadêmico 11 de Agosto		São Paulo	1949	12
Mr. Slang e o Brasil	Cia. Editora Nacional		São Paulo	1927	178
Mundo da Lua	Monteiro Lobato & Cia		São Paulo	1923	158
Na Ante-Véspera	Cia. Editora Nacional		São Paulo	1933	218
Negrinha (contos)	Revista do Brasil – Monteiro Lobato & Cia		São Paulo	1920	125
	Monteiro Lobato & Cia	3ª edição	São Paulo	1923	224
O Choque das Raças ou O Presidente Negro	Cia. Editora Nacional		São Paulo	1926	279
O Escândalo do Petróleo	Cia. Editora Nacional		São Paulo	1936	313
		2ª edição	São Paulo	1936	313
		3ª edição	São Paulo	1936	313
		4ª edição	São Paulo	1936	313
		5ª edição	São Paulo	1937	249
O Macaco que se fez homem	Monteiro Lobato & Cia		São Paulo	1923	207
O Presidente Negro ou O Choque das Raças	Brasiliense		São Paulo	1945	198
O Saci Pererê (resultado de um inquérito)	Seção de obras do "Estado de São Paulo"		São Paulo	1918	291
Obras Completas	Brasiliense		São Paulo	1946	
			São Paulo	1950	
Os Negros ou "Ele e o Outro" (novela)	Sociedade Editora Olegário Ribeiro		São Paulo	1921	58
Prefácios e Entrevistas	Brasiliense		São Paulo	1946	301
Problema Vital (artigos)	Revista do Brasil		São Paulo	1918	105
Urupês (contos)	Revista do Brasil		São Paulo	1918	241
		2ª edição	São Paulo	1918	241
		3ª edição	São Paulo	1918	247
		4ª edição	São Paulo	1919	254
	Revista do Brasil – Monteiro Lobato & Cia	6ª edição	São Paulo	1920	227
	Monteiro Lobato & Cia	7ª edição	São Paulo	1921	81
	Monteiro Lobato & Cia	9ª edição	São Paulo	1923	257

	Cia. Editora Nacional	11 ^a edição	São Paulo	1937	243
	Livraria Martins Editora ²³		São Paulo	1944	221
Urupês - Outros contos e coisas	Cia. Editora Nacional		São Paulo	1943	663
Voto Secreto			São Paulo	1925	18
Zé Brasil	Editorial Vitória ²⁴		Rio de Janeiro	1947	26
			Rio de Janeiro	1948	30
	Calvino Filho, Editor ²⁵		Rio de Janeiro	1948	27

Quadro elaborado conforme Cavalheiro (1955b, p. 742-754)

Quadro 3 - Livros de Literatura Infantil

Nome do Livro	Editora	Edição	Ano	Páginas
A Caçada da Onça	Cia. Gráfica Ed. Monteiro Lobato		1924	35
	Cia. Editora Nacional		1927	32
A Cara de Coruja	Cia. Editora Nacional		1927	31
A Cavalaria de Augias	Brasiliense		1944	73
A Chave do Tamanho	Cia. Editora Nacional		1942	161
			1945	168
	Brasiliense	5 ^a edição	1950	197
A Corça de Pés de Bronze	Brasiliense		1944	74
A Criança é a Humanidade de Amanhã ²⁶	Secretaria de Educação e Saúde		1950	13
A Hidra de Lerna	Brasiliense		1944	75
A menina do Narizinho Arrebitado	Cia. Editora Nacional	5 ^a edição	1927	46
A Pena do Papagaio	Cia. Editora Nacional		1930	24
A Reforma da Natureza	Cia. Editora Nacional		1941	56
	Brasiliense	2 ^a edição	1949	110
		3 ^a edição	1951	110
A Reforma da Natureza e o Espanto das Gentes	Brasiliense		1944	116
Aritmética da Emília	Cia. Editora Nacional		1935	172
		3 ^a edição	1943	163
		4 ^a edição	1944	184
	Brasiliense	6 ^a edição	1948	164
		7 ^a edição	1950	170
		8 ^a edição	1953	164
As Aves do Lago de Estinfale	Brasiliense		1944	73

²³ Ilustrações de Paim.

²⁴ Ilustrações de Percy Deanne.

²⁵ Ilustrações de Portinari.

²⁶ Publicada em Salvador.

As Caçadas de Pedrinho	Cia. Editora Nacional		1933	119
		4ª edição	1939	112
			1941	101
	Brasiliense	6ª edição	1944	104
		8ª edição	1948	108
		9ª edição	1950	108
	10ª edição	1953	108	
Aventuras de Hans Staden	Cia. Editora Nacional		1927	148
		2ª edição	1932	115
		3ª edição	1934	116
		6ª edição	1945	188
	Brasiliense	7ª edição	1948	144
		8ª edição	1951	134
Aventuras do Príncipe	Cia. Editora Nacional		1927	32
D. Quixote das Crianças	Cia. Editora Nacional		1936	172
		2ª edição	1940	172
		3ª edição	1944	168
	Brasiliense	5ª edição	1949	203
Emília no País da Gramática	Cia. Editora Nacional		1934	172
		2ª edição	1935	172
		4ª edição	1940	172
		5ª edição	1943	174
	Brasiliense	7ª edição	1949	170
Fábulas	Monteiro Lobato & Cia		1922	174
	Cia. Editora Nacional	4ª edição	1929	184
		5ª edição	1934	156
		6ª edição	1937	173
		7ª edição	1939	173
		11ª edição	1945	157
	Brasiliense	13ª edição	1951	192
		14ª edição	1952	193
Fábulas de Narizinho	Monteiro Lobato & Cia		1921	24
Geografia de Dona Benta	Cia. Editora Nacional	1ª edição	1935	234
		2ª edição	1939	236
		3ª edição	1942	236
	Brasiliense	4ª edição	1944	240
		7ª edição	1949	261
Hércules e Cérbero	Brasiliense		1944	74
História das Invenções	Cia. Editora Nacional	1ª edição	1935	152
		2ª edição	1940	151
		3ª edição	1942	151
		4ª edição	1944	160
	Brasiliense	5ª edição	1951	162

História do Mundo para Crianças	Cia. Editora Nacional		1933	295
		2ª edição	1934	268
		3ª edição	1934	268
		4ª edição	1935	268
		5ª edição	1936	238
		6ª edição	1938	268
		7ª edição	1940	268
		8ª edição	1942	268
		9ª edição	1943	277
		Brasiliense	10ª edição	1951
Histórias de Tia Nastácia	Cia. Editora Nacional		1937	186
			1941	186
		4ª edição	1944	187
		5ª edição	1945	193
	Brasiliense	6ª edição	1949	226
		8ª edição	1953	191
Memórias da Emília	Cia. Editora Nacional		1936	139
		2ª edição	1939	139
		3ª edição	1942	139
		4ª edição	1945	144
	Brasiliense	5ª edição	1947	120
		6ª edição	1949	120
		7ª edição	1951	119
Narizinho Arrebitado	Monteiro Lobato & Cia		1921	181
Novas Reinações de Narizinho	Cia. Editora Nacional		1932	146
			1933	146
O Cavalos de Diomedes	Brasiliense		1944	70
O Cinto de Hipólita	Brasiliense		1944	70
O Circo de Escavalinho	Cia. Editora Nacional		1927	32
O Espanto das Gentes	Cia. Editora Nacional		1941	54
O Garimpeiro do Rio das Garças	Cia. Editora Nacional		1924	49
			1930	32
		3ª edição	1937	49
		4ª edição	1940	49
O Gato Felix	Cia. Editora Nacional		1927	31
O irmão do Pinochio	Cia. Editora Nacional		1927	31
O Javali de Erimanto	Brasiliense		1944	74
O Leão de Nemeia	Brasiliense		1944	73
O Marquês de Rabicó	Monteiro Lobato & Cia		1922	32
	Cia. Gráfica Ed. Monteiro Lobato		1924	32
	Cia. Editora Nacional		1927	25
O Minotauro	Cia. Editora Nacional		1939	220

	Brasiliense		1944	218
		4ª edição	1949	235
O Noivado de Narizinho	Cia. Editora Nacional		1927	32
O Picapau Amarelo	Cia. Editora Nacional	2ª edição	1939	176
		5ª edição	1944	176
	Brasiliense	6ª edição	1950	169
		7ª edição	1953	158
O Pó de Prilimpimpim	Cia. Editora Nacional		1930	24
O Poço do Visconde	Cia. Editora Nacional		1937	184
		3ª edição	1944	184
	Brasiliense	4ª edição	1949	236
O Pomo das Hespérides	Brasiliense		1944	72
O Saci	Monteiro Lobato & Cia		1921	38
	Cia. Editora Nacional		1927	32
		5ª edição	1934	121
		6ª edição	1938	121
		8ª edição	1941	109
		8ª edição	1944	112
	Brasiliense	10ª edição	1948	118
		12ª edição	1949	118
		13ª edição	1951	116
O Touro de Creta	Brasiliense		1944	72
Obras Completas	Brasiliense		1947	
			1950	
Os Bois de Gerião	Brasiliense		1944	71
Peter Pan	Brasiliense	5ª edição	1947	96
		7ª edição	1949	96
		6ª edição	1953	96
Reinações de Narizinho	Cia. Editora Nacional		1931	306
			1932	130
		7ª edição	1937	49
		8ª edição	1941	231
		10ª edição	1943	256
		12ª edição	1945	260
	Brasiliense	13ª edição	1949	230
		15ª edição	1953	294
Serões de Dona Benta	Cia. Editora Nacional		1937	161
	Brasiliense	3ª edição	1944	161
		7ª edição	1949	230
Viagem ao Céu	Cia. Editora Nacional		1932	130
		2ª edição	1934	114
		3ª edição	1937	120
		4ª edição	1940	119
		5ª edição	1943	153

	Brasiliense	5ª edição	1945	152
		8ª edição	1948	152
		9ª edição	1949	152
		10ª edição	1951	152

Quadro elaborado conforme CAVALHEIRO (1955b, p. 743 – 754)

Conforme é possível verificar, não constam as edições de todas as obras. Não foi possível saber se ele elencou apenas aquelas edições que estavam disponíveis ou talvez fizessem parte do acervo do próprio Monteiro Lobato. Entretanto, entre todas as descrições de obras completas, esta foi a mais íntegra de informações.

Entre as atividades de escritor e editor, Lobato também traduziu várias obras estrangeiras, tanto literatura em geral como literatura infantil. Traduziu livros de Henry Ford, Friedrich Nietzsche, Will Durand, dentre outros.

Conforme Maranhão (1989, p. 19), “alternando livros para adultos e crianças, Lobato lançou inúmeros autores brasileiros e estrangeiros, traduzindo e adaptando mais de cem volumes”. Fez adaptações de Grimm, Andersen e Lewis Carrol.

Monteiro Lobato traduziu títulos importantes, contribuindo para colocar o leitor brasileiro em dia com o que se editava no plano internacional. [...] Lobato lançou aqui inúmeros autores. Mas ele não se contentava apenas em verter os textos de uma língua para outra. Procurava também torná-los claros e mais fáceis de ler, num processo que chamava de ordenação literária..²⁷

Notamos então, seu importante papel na tradução de livros estrangeiros, o que permitiu aos brasileiros conhecer o que estava sendo produzido pelo mundo.

Logo abaixo estão dispostos os livros traduzidos por Monteiro Lobato em um quadro contendo com seus autores, assuntos e ano de publicação.

Quadro 4 - Livros traduzidos por Monteiro Lobato

Nome dos Livros	Autor	Assunto	Ano	Págs.
A ceia dos acusados	Dashiell Hammett	Ficção Americana	1987	254
A Construção do Mundo	Herbert George Wells	História moderna	1943	349
A Epopéia Americana	James Truslow Adams	História	1940	399
A Evolução da Física	Alberto Einstein e Leopoldo Infeld	Ciência		344
A Filha da Neve	Jack London	Ficção Americana	1947	278
A Formação da Mentalidade – Aplicação da Inteligência na Reforma Social	James Harvey Robinson	Filosofia	1940	175

²⁷ Referência retirada do site <http://www.monteirolobato.com/obras-de-lobato/traducoes-e-adaptacoes> em 19/05/2018.

A Formação do Homem	Bertrand Russel	Filosofia		
A História da Bíblia	Hendrik Willen Van Loon	História	1940	405
A História da Grécia Antiga	Will Durant	História		
A ilha do Dr. Moreau ou A ilha das almas selvagens	Herbert George Wells	Ficção Inglesa	19--	204
A luta pelo petróleo ²⁸	Essad Bey	Petróleo – História	1935	
A Ponte de São Luís Rei	Thornton Wilder	-	1946	201
A queda de Paris ²⁹	Ilya Ehrenbourg	Ficção Russa	1944	540
A Sabedoria e o Destino	Mauricio Maeterlink			224
Adeus às Armas	Ernest Hemingway	Ficção americana	1942	247
Alice no país das maravilhas	Lewis Carroll	Ficção Americana	1936	125
Alice no país dos espelhos	Lewis Carroll			125
As Aventuras de Huck	Mark Twain	Literatura infanto-juvenil	1934	260
As Aventuras de Tom Sawyer	Mark Twain			228
Beau Geste	P. C. Wren			233
Biografia da terra : seu passado, presente e futuro ³⁰	George Gamow	Biologia	1961	220
Caninos Brancos	Jack London			227
Contos	Andersen			109
Contos	Irmãos Grimm			112
Contos de Fadas	Perrault			115
Da educação, especialmente na primeira infância	Bertrand Russell	Psicologia Educativa	1969	197
Diamante Negro	Ana Sewel	-		175
Educação e vida perfeita	Bertrand Russell	Educação – Filosofia	1941	266
Filho Nativo – Tragédia de um negro americano	Richard Wright	Literatura	1941	365
Filosofia da Vida	Will Durant	Filosofia	1965	575
História da Bíblia	Van Loon			405
História da Civilização – César e Cristo (1ª Parte – tomos I-II)				514/51 3
História da Civilização – César e Cristo (3ª Parte – tomos I-II)	Will Durant	História e Biografia		447/38 7
História da Filosofia – A vida e as Idéias dos Grandes Filósofos ³¹	Will Durant	Filosofia	1926	499
História da literatura mundial	John Albert Macy	Literatura	1946	433
História de uma viagem feita a terra do Brasil ³²	Jean de Lery	Brasil – descrições e viagens	1926	288
História do Futuro	Herbert George Wells	História	1940	361
Hoje e Amanhã	Henry Ford	Administração de Empresas	1927	339
Jacala, o Crocodilo	Rudyard Kipling	Literatura infanto- juvenil		189

²⁸ Traduzido por Charley Frankie ; revisão e prefácio de Monteiro Lobato.

²⁹ Traduzido do russo por Gerard Sheelley e do inglês por Monteiro Lobato.

³⁰ Traduzido também por Ruth Lobato.

³¹ Traduzido também por Godofredo Rangel.

³² Tradução ordenada literariamente por Monteiro Lobato.

Kim	Rudyard Kipling	Literatura infanto-juvenil	1954	309
Lágrimas de Homem	Warwick Deeping			324
Lincoln	Nathaniel Wright Stephenson			349
Madame Curie	Eva Curie	História	1938	356
Mágica em garrafas: a história dos grandes medicamentos	Milton Silvermann	Medicamentos – História	1943	280
Máquinas da Democracia: as invenções e suas influências sociais nos Estados Unidos	Roger Burlingame	Inovações Tecnológicas	1942	494
Memórias	André Maurois			343
Meu captivo entre os selvagens do Brasil ³³	Hans Staden	Índios	1926	160
Meu filho, Meu filho! ³⁴	Howard Spring	-	1940	399
Minha vida e minha obra	Henry Ford			259
Moby Dick : a fera do mar ³⁵	Herman Melville	Ficção americana	1957	211
Momento em Pekin	Lin Yutang			697
Mowgli : o menino-lobo	Rudyard Kipling	Ficção inglesa	1933	207
Nascimento e morte do sol : evolução estelar e energia sub-atômica	George Gamow	Sistema Solar	1944	241
Noite sem lua	John Stenbeck	Ficção Americana	1943	155
Novos Contos	Andersen			119
Novos Contos	Irmãos Grimm	-	1938	120
O caso Garden	S.S. Van Dine			245
O crepúsculo dos ídolos O anticristo ³⁶	Frederich Nietzsche			
O crime do Cassino	S.S. Van Dine			236
O Destino da Espécie Humana	Herbert George Wells	História	1941	235
O Doutor Negro	Arthur Conan Doyle	-	1934	255
O Grito Da Selva	Jack London	Ficção americana	1935	218
O homem invisível	Herbert George Wells	Ficção Inglesa		249
O Livro da Jangal	Rudyard Kipling	-	1941	339
O Lobo do Mar	Jack London	Ficção Americana	1934	305
O nazareno	Sholem Asch	Bíblia - História – Ficção	1949	616
O Pequeno Cesar	W.R. Burnett	-	1935	259
O Querido Inimigo	Jean Webster	-	1934	249
Os Grandes Pensadores	Will Durant	Filosofia	1939	288
Os Negreiros da Jamaica	Mayne Reid			171
Patty	Jean Webster	-		243
Piloto de Guerra	Saint Exupery			177
Pinocchio	Carlo Collodi	-	1955	201
Pollyanna	Eleanor Hodgman Porter	Ficção Americana	1978	254
Pollyanna Moça	Eleanor Hodgman Porter	Ficção Americana		255
Por quem os sinos dobram	Ernest Hemingway	Romance	1944	417

³³ Texto ordenado literariamente por Monteiro Lobato.

³⁴ Traduzido também por Ligia Junqueira Smith.

³⁵ Traduzido também por Adalberto Rochsteiner.

³⁶ Conforme Cavalheiro se trata de manuscrito.

		americano		
Raymond	Oliver Lodge	Espiritismo	1939	230
Rebecca – A Mulher Inesquecível ³⁷	Daphne Du Maurier	Ficção		
Robinson Crusoe	Daniel Defoe	Literatura infanto-juvenil	1943	124
Rumo às Estrelas	H. Dennis Bradley	-	1939	338
Scarface	Armitage Trail	-	1935	248
Somente nesse dia	Pierre Van Paassen	Ficção	1942	349
Tarzan no Centro da Terra	Edgard Rice Burroughs	-	1936	200
Tarzan, o Terrível	Edgard Rice Burroughs	-	1959	200
Um mundo só	Wendell Willkie	Relações Internacionais	1943	247
Uma folha na tempestade ³⁸	Lin Yutang	Ficção Chinesa	1949	343
Viagens de Gulliver ao País dos Homenzinhos de um Palmo (adapt.)	Swift			56

Quadro elaborado conforme arquivo da Base *Acervus* da UNICAMP e (CAVALHEIRO, 1955b, p. 761-763)

1.10 Monteiro Lobato como intelectual orgânico

Inicialmente, explicitaremos o conceito de intelectual e seu papel na sociedade, conforme Antonio Gramsci³⁹. Posteriormente elencaremos as razões para considerarmos Lobato um intelectual orgânico.

Gramsci considerou necessário realizar uma pesquisa intensa e sistemática sobre a história dos intelectuais. Esta pesquisa não seria de caráter “sociológico”, mas daria lugar a uma série de ensaios de história da cultura (kulturgeschichte) e de história da ciência política. (GRAMSCI, 2004, p. 17)

Gramsci estruturou no Caderno do Cárcere 12, seus apontamentos sobre os Intelectuais e as Questões Escolares, temas de valor estratégico e orgânico no conjunto da sua pesquisa realizada na prisão, intrinsecamente articulados às reflexões realizadas nos outros cadernos.

Para Gramsci (2004, p. 18), [...] “todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais”. Como também “todos os homens são ‘filósofos’, definindo os limites e as características desta ‘filosofia espontânea’ peculiar a ‘todo o mundo’”. Assim, todos os homens podem exercer a função de intelectuais ou filósofos, mas nem todos a desempenham, conforme a divisão social do trabalho que, dicotomiza as funções manuais das funções intelectuais. Segundo Gramsci, todo homem fora

³⁷ Traduzido também por Ligia Junqueira Smith.

³⁸ Traduzido também por Ruth Lobato.

³⁹ Antonio Gramsci, filósofo marxista, crítico literário e político italiano. Foi um intelectual orgânico das classes subalternas, preso pelo regime fascista na Itália. Nasceu na Sardenha em 1891, sendo contemporâneo de Monteiro Lobato.

da sua vida profissional desenvolve alguma atividade intelectual, promovendo assim novas maneiras de pensar, que podem manter ou modificar a concepção de mundo. [...] em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora. (GRAMSCI, 2004, p. 18)

Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 2004, p. 53)

A afirmação de Gramsci se constitui como posicionamento político com implicações no conceito de intelectual, que retira do pedestal aqueles que se consideram superiores por exercerem este papel na sociedade, que somente é executado por eles devido à sua condição social.

Gramsci afirma que existe erro metodológico em buscar a distinção entre os grupos dos intelectuais e outros grupos da sociedade, naquilo que esta atividade tem de intrínseca. Para distinguir estes grupos deve-se considerar o conjunto de relações sociais em que essas atividades foram inscritas, assim como os grupos que as personificaram. Para ele,

De fato, a atividade intelectual deve ser diferenciada em graus também do ponto de vista intrínsecos, graus que, nos momentos de extrema oposição, dão lugar a uma autêntica diferença qualitativa: no mais alto grau, devem ser postos os criadores das várias ciências, da filosofia, da arte, etc.; no mais baixo, os mais modestos “administradores” e divulgadores da riqueza intelectual já existente, tradicional, acumulada. (GRAMSCI, 2004, p. 21)

Assim, as camadas de intelectuais são elaboradas segundo processos históricos tradicionais muito concretos (GRAMSCI, 2004, p. 20), sendo as duas categorias mais importantes: os orgânicos e os tradicionais. (GRAMSCI, 2004, p. 15)

Os intelectuais tradicionais são “representantes de uma continuidade histórica” que não foi interrompida por nenhuma transformação social ou política, sendo categorias já existentes socialmente. Já os intelectuais orgânicos são criados por determinado grupo social, dando ao mesmo, “homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político”.

Os intelectuais tradicionais são aqueles intelectuais que garantem a manutenção das ideologias existentes, produzindo materiais que são divulgados diariamente e que

permitem a construção do senso comum que ora vigora hegemonicamente nas ideias da maioria da sociedade. Poderíamos exemplificá-los pelos intelectuais da igreja e aqueles que possuem a hegemonia em determinado período histórico. O grupo dos eclesiásticos representa uma continuação histórica ininterrupta desde a conquista de sua hegemonia, por isso dificilmente são questionados em sua atuação. “A mais típica destas categorias intelectuais é a dos eclesiásticos, que monopolizaram durante muito tempo alguns serviços importantes: a ideologia religiosa, isto é, a filosofia e a ciência da época, com a escola, a instrução, a moral, a justiça, a beneficência, a assistência, etc.” (GRAMSCI, 2001, p. 16)

Gramsci afirma que,

A categoria dos eclesiásticos pode ser considerada como a categoria intelectual organicamente ligada à aristocracia fundiária: era juridicamente equiparada à aristocracia, com a qual dividia o exercício da propriedade feudal da terra e o uso dos privilégios estatais ligados à propriedade. (GRAMSCI, 2001, p.16)

Nesse sentido, Gramsci reconhece que cada grupo social ao nascer de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria ao mesmo tempo, organicamente, um estrato ou mais de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função no campo econômico.

Os intelectuais exercem nas sociedades um importante papel, sendo os responsáveis pela constituição da hegemonia do grupo dominante, pelas suas funções organizativas e conectivas. Para Gramsci (1991), a relação entre os intelectuais e o mundo da produção é mediatizada pelo contexto social. No conjunto das superestruturas, os intelectuais são os “comissários” do grupo dominante, exercendo as funções organizativas e conectivas entre a “sociedade civil” e a “sociedade política ou Estado”.

Assim, o alcance da hegemonia do grupo dominante é estabelecido de duas formas: a) pelo consenso das massas da população que nasce do prestígio e da confiança que o grupo dominante granjeia; b) do aparato de coerção estatal que assegura a disciplina dos grupos que não “consentem”, como também para os momentos de crise de direção em que se fracassa o consenso das massas (GRAMSCI, 2004, p. 21). Segundo Gramsci, os intelectuais são os “prepostos” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político.

Ao colocar estes elementos no debate dos intelectuais, Gramsci sabia da grande ampliação deste conceito, mas afirmava que somente assim seria “possível chegar a uma aproximação concreta à realidade”. (GRAMSCI, 2004, p. 21)

Por intelectuais, deve-se entender não só aquelas camadas comumente compreendidas nesta denominação, mas em geral, todo o estrato social que exerce funções organizativas em sentido lato, seja no campo da produção, seja no da cultura e político-administrativo: correspondem aos suboficiais e oficiais subalternos no Exército. (GRAMSCI, 2002, p. 93)

Ao tomarmos consciência de que fazemos parte de uma determinada força hegemônica, alcançamos a consciência política, primeiro passo para posterior “autoconsciência”, na qual teoria e prática finalmente se unificam. Esta unidade, para Gramsci, é um devenir histórico que “tem a sua fase elementar e primitiva no senso de ‘distinção’ de ‘separação’, de independência apenas instintiva, e progride até a posse real e completa de uma concepção do mundo coerente e unitária.” (GRAMSCI, 1989, p. 21)

Para Gramsci,

Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão, com todos os grupos sociais, mas especialmente em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante. Uma das mais marcantes características de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos. (GRAMSCI, 2004, p. 18 e 19)

Monteiro Lobato exerceu um papel educativo, na medida em que atuava diretamente na educação das crianças, ensinando com sua literatura infantil tanto a Matemática, o Português e a Geografia, além de expor vários problemas do Brasil e do mundo. A simplicidade na linguagem, característica de sua forma coloquial de escrever, facilitava o entendimento e tornava a leitura agradável às crianças e adultos.

Neste sentido, o estudo do historiador André Luiz Vieira de Campos sobre a obra de Lobato revela que,

[...] do ponto de vista da comunicação com o público, sua pregação talvez tenha sido mais eficiente que outras mais “doutrinárias”. A diversidade dos gêneros que utilizou – o jornalismo, o conto, a literatura infantil – é um traço que deve ser considerado no que toca à reflexão sobre o alcance de sua obra. Dados concretos sobre vendagem de livros mostram que Lobato sempre foi sucesso de venda. Intelectual engajado, discutiu através de sua obra todas as grandes questões que foram debatidas na sociedade brasileira nas décadas de 1910 a 1940. (CAMPOS, 1986, p. XV e XVI)

Lobato esteve ligado aos intelectuais da educação, seus amigos Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, que trouxeram novo método de ensinar, influenciado pela pedagogia moderna, divulgando no Brasil os ideais da Escola Nova de John Dewey. Um fato interessante de se mencionar foi que Lobato escreveu um bilhete apresentando Anísio Teixeira a Fernando de Azevedo:

Fernando. Ao receberes esta, pára! Bota prá fora qualquer senador que esteja aporrinhando. Solta o pessoal da sala e atende ao apresentado, pois ele é o nosso grande Anísio Teixeira, a inteligência mais brilhante e o melhor coração que já encontrei nestes últimos anos da minha vida. O Anísio viu, sentiu e compreendeu a América e ele te dirá o que realmente significa este fenômeno novo ao mundo. Ouve-o, adora-o como todos que o conhecemos o adoramos e torna-te amigo dele como nos tornamos eu e você. Bem sabe que há uma certa irmandade do mundo, em que os irmãos, quando se encontram, reconhecem-se. Adeus. Estou escrevendo a galope, a bordo do navio que vai levando uma grande coisa para o Brasil: o Anísio lapidado pela América. Lobato (VIANNA & FRAIZ, 1986, p. 7 e 8)

Lobato previu o reconhecimento de Anísio no Brasil. Sua intermediação entre os amigos gerou grandes mudanças na educação brasileira.

Contraditoriamente ao grande reconhecimento de Lobato na literatura infantil, sua atuação como grande pensador do Brasil nem é mencionada nos anais da historiografia brasileira. “Talvez porque não tenha sido historiador ou sociólogo, ou porque seja considerado um “escritor menor”, ou ainda, por ser mais reconhecido enquanto escritor para crianças. (CAMPOS, 1986, p. XV)

Lobato foi um intelectual orgânico da incipiente burguesia industrial no país, pela atuação que teve como organizador da cultura nacional, editando e ampliando o mercado de livros, propalando esta ideologia nos artigos de jornais e livros que escreveu. Caio Prado Júnior escreveu que Lobato “como um economista prático, colocado corajosamente ante os grandes problemas do país, e em linguagem peculiar que o destaca sem confronto entre os escritores brasileiros vivos ou mortos, apresenta caminhos que conduzem, indiscutivelmente, à meta ambicionada”. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 406)

Acreditamos que ele exerceu a função organizativa no campo da cultura quando promoveu a revolução na edição e distribuição de livros. Em toda sua obra existem críticas à sociedade vigente e alternativas para possível transformação. A solução para os problemas brasileiros foi apontada pelo americanismo, pela industrialização do país.

CAPÍTULO 2 – ANÁLISE SOBRE O HOMEM E A SOCIEDADE BRASILEIRA NA LITERATURA DE MONTEIRO LOBATO

Neste capítulo trataremos brevemente do nacionalismo de Monteiro Lobato e suas análises sobre o homem brasileiro no artigo “Velha Praga” como também da sociedade brasileira no livro “Mr. Slang e o Brasil”.

2.1 O Nacionalismo de Monteiro Lobato

Ao longo de sua vida, Lobato escreveu muitos livros, tanto para adultos como para crianças. Em seus livros para adultos, podemos perceber seu nacionalismo e sua preocupação com os problemas do Brasil. O progresso e enriquecimento do país mudariam a realidade das pessoas que viviam em situação de pobreza extrema. Podemos identificar seu nacionalismo todos os momentos de sua vida, desde a época de estudante até o fim de seus dias, ao defender os interesses do país, expondo suas fraquezas e buscando sempre seu desenvolvimento.

Sobre seu nacionalismo, Cavalheiro afirma:

Seu nacionalismo não se parece em nada com aquele em voga nas ruas e salões, um exaltado ufanismo verde-e-amarelo que, de óculos róseos, só vê a realidade brasileira através da “chifrineira do litoral”, essa “civilizaçõzinha de arremedo e de empréstimo onde tudo são mentiras à terra.” [...] Nacionalista sim, mas de um nacionalismo consciente, dos que se batem pela transformação do mau em bom, dos que corrigem deficiências, dos que procuram um sentido para a nossa permanência entre os povos civilizados. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 295)

O nacionalismo de Monteiro Lobato não era aquele vigente na época, de ufanistas que exaltavam as belezas naturais do país, mas pode ser considerado pessimista, ao fazer críticas à sociedade brasileira, exaltando seus problemas. Eduardo Frieiro ressaltou a ideia de que patriotismo e pessimismo caminham de braços dados.

No século dezoito, em que se configurou a política moderna, um patriota era um “descontente”, opondo-se a palavra cortesão, termo que designava um zelador da ordem estabelecida. Em todos os outros países modernos a palavra “patriota” tem designado alguma coisa que equivale a “pessimismo político”. (FRIEIRO apud CAVALHEIRO, 1955a, p. 344)

Nesse sentido, Lobato pode ser considerado um pessimista, ao fazer críticas e expor os problemas da nossa sociedade. Ao revelar o Jeca ao Brasil, Lobato provocou grande repercussão na opinião popular, fazendo com que os problemas do interior viessem à tona. Ao escrever o livro *Cidades Mortas*, também faz duras críticas à situação decadente deixada pela política do café. Em suas campanhas pelo ferro e petróleo, novamente, podemos ver seu empenho em transformar a realidade brasileira.

2.2 A crítica ao homem brasileiro

Já te expus a minha teoria do caboclo, como piolho da terra, o *Porrigo decalvans* das terras virgens? Ando a pensar em coisas com base nessa teoria, um livro profundamente nacional, sem laivos nem sequer remotos de qualquer influência europeia. Muito possível que te vendo impresso n' O Paiz, a Inveja, essa fecunda espora, me force a escreve-lo. Se não sair, será mais um casulo que seca sem dar borboleta. (MONTEIRO LOBATO, 1951, p. 326 e 327)

Em 1914, após ver várias queimadas na região da sua fazenda, Lobato utiliza a imprensa e faz uma denúncia à seção de “Queixas e Reclamações”, no jornal “O Estado de São Paulo”, relatando aquela situação. Cavalheiro (1962, p. 129) afirma que “a direção do jornal achou-o tão bem feito, que deu-lhe inesperado destaque no corpo da folha, então a mais importante do Estado”.

Essa denúncia se deu em forma de artigo intitulado “Velha Praga”, primeira crítica de Lobato que ganhou destaque entre as pessoas, produzindo grande debate. “Para sua própria surpresa, o artigo suscitou grande polêmica e o fez receber cartas, além de um convite da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo para fazer uma conferência.” (MARANHÃO, 1989, 18)

Mais tarde esse artigo fez parte do seu primeiro livro “Urupês”, publicado em 1918. Este livro teve grande sucesso de vendas, principalmente, após referência feita ao Jeca Tatu por Rui Barbosa, em campanha eleitoral. Conforme afirma Campos (1986), no discurso realizado no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, Rui Barbosa perguntou ao público:

Conheceis, porventura, o Jeca Tatu do Urupês de Monteiro Lobato, o admirável escritor paulista? Tivestes algum dia, ocasião de ver surgir, debaixo desse pincel de uma arte rara, na sua rudeza, aquele tipo de uma raça que, ‘entre as formadoras de nossa personalidade’, se perpetua, ‘a vegetar de cócoras, incapaz de evolução e impenetrável ao progresso’? (BARBOSA apud CAMPOS, 1986, p. 17)

Rui Barbosa divulga em discurso público a realidade do Jeca. E quando faz isso, dá relevância ao que Lobato escreveu, se apoiando em seu texto para construir o argumento de que aquele homem não era apropriado numa sociedade capitalista.

Lobato demonstrou como era a realidade do campo, desmistificando a imagem romântica do homem do interior mostrada pelos intelectuais da época. Ele “observara ser a nossa literatura fabricada nas cidades por sujeitos que jamais penetraram nos campos” (CAVALHEIRO, 1962, p. 133). Por isso, “Falseiam o caboclo e sua miséria, tudo colorindo com as tintas róseas de criminoso otimismo.” (CAVALHEIRO, 1962, p. 133)

Ao revelar a figura do “Jeca Tatu”, personagem símbolo da cultura brasileira, Lobato ressaltou a pobreza vivida pela classe subalterna. Ele relata a seu amigo Rangel,

Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêmdea, no útero de uma cabocla suja por fora e inghada de superstições por dentro. Nasce por mãos de uma negra parteira, senhora de rezas mágicas de macumba. Cresce no chão batido das choças e do terreiro, entre galinhas, leitões e cachorrinhos, com uma eterna lombriga de ranho pendurada no nariz. Vê-lo virar menino, tomar o pito e a faca de ponta, impregnar-se do vocabulário e da “sabedoria” paterna, provar a primeira pinga, queimar o primeiro mato, matar com a pica-pau a primeira rolinha, casar e passar a piolhar a serra nas redondezas do sítio onde nasceu, até que a morte o recolha. (MONTEIRO LOBATO 1951a, p. 363)

Podemos perceber que Lobato responsabilizou o caboclo de ser o responsável por sua situação de miséria ao ser preguiçoso, incivilizável. Ele escreve ainda: “Um feto que já me dá pontapés no útero é a simbiose do caboclo e da terra, o caboclo considerado o mata-pau da terra, constritor e parasitário, aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio, inadaptável à civilização...” (MONTEIRO LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1962, p. 141)

Por desconhecimento, este homem do campo tem atitudes inconsequentes, sem se preocupar com a devastação da natureza. Sem perspectivas, queimava a mata para plantar o que necessitava, sem consciência do estrago que estava fazendo na terra. “A serra da Mantiqueira ardeu como ardem aldeias na Europa, e é hoje um cinzeiro imenso, entremeado aqui e acolá de manchas de verdura [...] Tudo o mais é crepe negro.” (MONTEIRO LOBATO, 1994, p. 160).

A intenção de Lobato era denunciar a realidade do interior do Brasil tão precária e sem condições de desenvolvimento. Ao empreender essas críticas, Lobato pretendia mostrar que esse modo de viver não era adequado a uma sociedade moderna capitalista. Este homem do campo, não estava apto ao novo modo de produção.

A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra [...] Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a picapau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se. (MONTEIRO LOBATO, 1994, p. 160)

As causas que Lobato vê a princípio equivocadamente, mas condizente com o pensamento hegemônico da época, são de caráter racial.

O que se apreende de sua crítica é que, mesmo que sua análise não tenha aprofundamento das reais causas, o objeto analisado ele não errou em evidenciá-lo. Um ser humano que vivia naquela condição como a que ele descreveu, é marca de uma sociedade que não se preocupa em construir uma sobrevivência digna para todos que a constituem. Com o acesso ao conhecimento restrito e condições econômicas miseráveis, o homem do campo produzia conforme os meios que tinha e o senso comum. Não tinha preocupação em conservar o solo no qual plantava, muito menos produzir para além do consumo familiar.

Logo que sua crítica ganha visibilidade, a explicação para o parasitismo do Jeca foi identificada. O que assolava o homem do campo eram as doenças que tinha. Essa explicação motiva Lobato a engajar-se na campanha do Almanaque do Biotônico Fontoura que pregava a cura dessas doenças. A propaganda deste remédio se apresentava

Com uma estética persuasiva e utilizando um discurso atrelado ao ideário educacional e higiênico propagado por intelectuais do Brasil do início do século XX, o Laboratório Fontoura, na década de 1920, criou seu meio de divulgação: o Almanaque do Biotônico Fontoura. Com uma média de 40 páginas, ele trazia informações acerca de saúde e higiene, além de fazer propaganda dos produtos do laboratório, como, por exemplo, o elixir Biotônico Fontoura. Entre seus colaboradores, Monteiro Lobato se destacou, pois foi o responsável pela publicação da história do Jeca Tatu, a qual se tornou uma das maiores peças publicitárias do Brasil. De acordo com Park (1999), ela atravessou quase um século, atingindo uma tiragem superior a 100 milhões de exemplares na sua última edição, em 1982, um número astronômico se comparado aos 50 mil da primeira edição em 1920. (MACHADO, 2012, p. 78)

Dessa publicação, podemos inferir a importância desse conteúdo na divulgação de uma ideologia que pregava a higienização do campo. Esse Almanaque contava a história de Jecatuzinho, um homem doente que após tomar a solução biotônica se cura da “preguiça” e passa a trabalhar na produção agrícola, se enriquecendo.

No final da vida, quando estava próximo ao Partido Comunista, Lobato viu que as causas da pobreza no campo são de origem social e para divulgar esta ideia escreve *Zé Brasil*.

Em 1947, com *Zé Brasil*, re-incarnação politizada do velho Jeca Tatu, Lobato faz sua auto crítica: atribui aqui a precária situação do camponês brasileiro à estrutura econômica brasileira e não mais à preguiça ou falta de saúde. Esta obra, censurada e apreendida, assim que foi publicada, é documento sugestivo de um temporário alinhamento de Monteiro Lobato com o Partido Comunista Brasileiro.⁴⁰

Aquele homem sem futuro, que não era civilizável, era assim devido à imensa desigualdade social existente no país. Por isso, era necessário mudar a realidade desse povo que vivia na miséria e não tinha condições objetivas para sair daquela situação.

Segundo Paulillo (2000) entre Jeca Tatu e *Zé Brasil*, decorrem 30 anos de evolução política de Lobato.

Com o Jeca Tatu, temos a crítica impiedosa do jovem fazendeiro contra a indolência do caipira; já o Jeca Tatuzinho é visto pela ótica compreensiva do escritor maduro que revê a personagem como vítima da subnutrição e das endemias que assolavam a saúde do brasileiro. E um ano antes da morte do autor, chegamos à declaração de luta entre o latifundiário Tatuíra e o *Zé Brasil*. Trata-se, agora, de uma criação integrada em um novo contexto econômico e político, o “da propriedade da terra, da questão rural, da política agrária, das organizações de esquerda”. (PAULILLO, 2000, p. 211)

Cavalheiro (1955a) descreve o arrependimento de Lobato ao culpar o Jeca, uma vez que os responsáveis eram outros, os “que falam francês, dançam o tango, pintam havanas e, senhores de tudo, te mantêm nessa geena⁴¹ infernal para que possam a seu salvo viver vida folgada à custa do teu dolorido trabalho, esses, Jeca, tem n’alma todas as verminoses que tu tens no corpo”⁴². (MONTEIRO LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1955a, p. 212) Além disso, a crítica ao Jeca Tatu se remete a uma ideia que Lobato sempre defendeu: precisamos conhecer nós mesmos, nossos verdadeiros problemas, para então, buscarmos soluções mais adequadas. Não podemos negar quem nós somos.

Como defende uma arquitetura brasileira com idênticos argumentos prega uma literatura, uma escultura e uma pintura brasileiras. “Ai, exclama, quando nos virá a esplêndida coragem de sermos nós mesmos, como o francês tem a coragem de ser francês, e o inglês a de ser inglês, e o alemão a

⁴⁰ http://www3.iel.unicamp.br/cedae/Exposicoes/Expo_Lobato_BL/zebrasil.html acesso em 11/01/2018.

⁴¹ Conforme Dicionário Michaelis, esta palavra significa profundo sofrimento; suplício, tormento, tortura.

⁴² Cavalheiro não descreve a localização desta citação de Lobato.

de ser alemão?” (MONTEIRO LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1955a, p. 304)

O livro “Urupês” representou novidade na arte literária. Cavalheiro afirma que:

O escritor tinha plena consciência da sua originalidade. Tanto que dias antes de enviar “Urupês” à publicidade, escreve: “Rangel – é preciso matar o caboclo que evoluiu dos índios de Alencar e veio até Coelho Neto e que até o Ricardo romantizou tão lindo: ...“ Cisma o caboclo à porta da cabana...“ Eu vou contar o que ele cisma”, diz ele [Lobato]. (CAVALHEIRO, 1962, p. 143)

O texto que Lobato escreveu é, sem dúvida, um texto com grandes qualidades literárias. No entanto, foi escrito com um propósito: mostrar a realidade do interior do país, evidenciando as agruras do homem que ali sobrevivia em condições bastante precárias, que não tinha vontade de exercer qualquer atividade que pudesse melhorar sua vida. Qualquer iniciativa, nas palavras do Jeca, “não paga a pena”.

A emancipação do homem, a aquisição de conhecimentos necessários ao seu pleno desenvolvimento, são prerrogativas de uma sociedade que valoriza o que possui. A natureza sendo devastada da forma mais rústica por quem não tinha conhecimentos maiores sobre como realizar o trabalho agrícola, a não ser pelos ensinamentos que receberam de suas famílias, era inconcebível para Lobato. O Jeca

[...] reflete a própria imagem do trabalhador do sertão brasileiro presente no imaginário de agrônomos, técnicos e veterinários do período: alguém que se prendeu à rotina dos métodos de trabalho, cujo arado foi o fogo e adubo a provocação da erosão; faminto e cheio de vícios como o álcool, além de doente, contribui para a degeneração da raça e era um dos principais obstáculos ao “progresso” do país. (JOSÉ DA SILVA & COSTA, 2006, p. 1)

Esse homem do campo não tinha instrução e nem condições essenciais como educação e saúde que, o permitisse atuar numa sociedade moderna e fosse coerente com o modo de produção capitalista. Assim, Lobato ao criticar o homem, critica também o modelo social e a formação do Estado Nacional.

2.3 O atraso brasileiro nos livros “Mr. Slang e o Brasil” e “América”

No início do século XX, o Brasil passava por um período de transformações em todos os setores da sociedade. O atraso brasileiro era bastante evidente em relação aos países europeus como também dos Estados Unidos da América.

Ao ver nosso atraso, Monteiro Lobato, que foi sempre defensor do progresso e da modernização do país, quis denunciá-lo ao povo brasileiro através de seus livros. Dois destes livros foram determinantes em nosso trabalho: “Mr. Slang e o Brasil” e “América”.

A primeira edição do livro “Mr. Slang e o Brasil” saiu em 1927. Neste livro, Lobato começou uma série de diálogos entre os personagens Mr. Slang e um brasileiro comum, no qual abordou problemas da sociedade brasileira, propondo possíveis soluções, o que lhe permitiu certo distanciamento enquanto autor de críticas. Os acontecimentos desse livro se passam no Brasil, mais especificamente no bairro da Tijuca no Rio de Janeiro.

Segundo Almeida (2002)

Em “Mr. Slang e o Brasil”, Monteiro Lobato utilizou-se de um recurso conhecido dos escritores desde os tempos de Montesquieu: criar uma personagem independente, necessariamente estrangeira, para poder discutir com uma certa isenção (e, talvez, ao abrigo da censura do rei) idiosincrasias e problemas do seu próprio país. A partir da visão do mundo do circunspecto inglês – como correspondia, aliás, a uma época de hegemonia britânica no Brasil – era possível ao jovem escritor de Taubaté criticar alguns dos absurdos de nossa organização política, social e econômica e propor soluções aos velhos problemas que o angustiavam, sem comprometer-se com o eventual sucesso ou fracasso de suas próprias fórmulas. (ALMEIDA, 2002)

Dentre as questões levantadas por Lobato neste livro estão: *o hábito brasileiro de aceitar, por comodismo ou preguiça, ideias alheias*; os brasileiros não conseguirem *uma só solução acertada para todos os problemas nacionais*; eficiência e ineficiência; o Brasil está inexplorado; o valor do trabalho; o povo não está apto a votar, pois não tem cultura nem educação moral, somente a escassa elite; o fenômeno de gigantismo; o atraso do nosso país em relação à empresa Ford; o Brasil é um país velho; protecionismo, desrespeito às leis do progresso; o parasitismo no serviço público; Brasil, país pitoresco; corrupção; descrença excessiva dos brasileiros; crime no Brasil consiste em discordar do governo; inexistência de uma consciência moral.

O livro “América” foi publicado em 1932, quando Lobato voltou dos Estados Unidos. Nele, seus personagens se encontram na “América” e continuam seus longos diálogos

sobre vários assuntos. Neste livro, Lobato intensifica as críticas ao Brasil, propondo soluções que venham promover nosso progresso e modernização pelo modelo norte-americano. Assim, o autor pode demonstrar o *american way of life* e todas as vantagens em aderir àquele modelo de sociedade.

Os fatos narrados nestes livros apresentam grande autenticidade, pela grandeza de detalhes. Com certeza são dois livros emblemáticos para quem se interesse pela situação brasileira do início do século em relação à “América” de Lobato.

Almeida (2002) afirma que Lobato criou o personagem Mr. Slang que dialoga com outro cidadão brasileiro comum. No entanto, vamos considerar esse cidadão comum sendo o próprio autor, por entendermos que nesses livros o diálogo acontece entre Lobato e Mr. Slang.

Monteiro Lobato explica em uma advertência da 1ª edição de “Mr. Slang e o Brasil”, publicada em 1927, quem era Mr. Slang

John Irving Slang nasceu na cidade de Hull, em 1872, e fez estudos em Cambridge. Muito jovem ainda deixou a ilha e se partiu a correr mundo, ganho de insaciável fome de pitoresco. Esteve na Índia, na Nova Zelândia, nas ilhas Salomão, em Hawaí, em Sarawak e outras inconcebíveis terras de gente cor de pinhão. Por fim veio ao Brasil, onde enalhou por quarenta anos no mais lindo bangalô do Alto da Boa Vista. [...] Nada mais sei deste homem excêntrico e, cá para nós, maníaco e esquisitíssimo, como em regra todo inglês celibatário maior de sessenta anos. (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 5 e 6)

Lobato diz que Mr. Slang veio para o Brasil estudar o parasitismo existente aqui, e com sua velha experiência e longa observação a respeito das coisas nacionais, permitiu-lhes longas conversas sobre o assunto. “O campo cá é maravilhoso, disse-me certa vez. Em parte nenhuma do planeta o parasitismo se aperfeiçoou tanto, nem assumiu tão engenhosas formas. O Brasil pode gabar-se de um recorde...” (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 76)

Mr. Slang afirma que o Brasil não consegue tomar uma decisão acertada, que suas decisões são sempre paliativas e emergenciais. Isso faz com que o Brasil continue atrasado e andando a passos lentos. Ele aconselha-nos a não negar as evidências de nossas mazelas.

[...] Não negue evidências. Este negar evidências tem sido a causa real de não conseguirem vocês uma só solução acertada para todos os problemas nacionais. Tudo por aqui é emergência, isto é, solução pessoal, ocasional, momentânea, provisória. Sempre o horror a marcha a frente, ao leal estudo da situação de fato. Aponte-me uma solução definitiva, uma só acertada e justa, de quantas o país vem tentando [...] (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 11)

Talvez por sermos um país novo estivéssemos errando tanto, pensava Lobato. Mas, Mr. Slang retruca esse pensamento de que o Brasil é um país novo. Para ele

País novo! repetiu Mr. Slang. Vejo esta razão apresentada muito amiúde, como uma das fórmulas, uma das frases feitas do brasileiro. Já meditou sobre ela? O Brasil é velho, meu caro, é um dos povos mais velhos do mundo. Idade, nas pessoas ou nos povos não se calcula pelo número de anos. Há velhos de vinte anos e septuagenários moços. No Brasil só vejo sinais de velhice. A raça que o habita é o velhíssimo português misturado com o arqui-velho africano, mais o venerável pele-vermelha que por séculos e séculos ocupou este território. A terra tem a idade comum de qualquer outro trecho da crosta terrestre. País novo por quê? (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 52)

Para Mr. Slang, novo era o povo americano e alemão, o povo brasileiro era velhíssimo, pois não tinha “o entusiasmo criador, o ímpeto para formas só suas” (MONTEIRO LOBATO, 1968, 53) “Acho vocês muito precisados de rejuvenescimento. Andam com muita arteriosclerose n’alma. Calcificados...” (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 11)

Mr. Slang compara o Brasil com Estados Unidos e a Argentina, dizendo que o Brasil está estagnado, não avançando em nenhum sentido.

— O Brasil não prospera, meu caro. Não pode prosperar. Chamam vocês aqui prosperidade a um claro fenômeno de gigantismo. Há deformação para o maior apenas. Inchaço. Entre Argentina e Estados Unidos, o Brasil dá-me a ideia duma lesma ensanduichada entre duas locomotivas. É que o Brasil se afez a sua miséria crônica, como o chim, e não vê, e não compara. O Brasil, perdoe-me a sinceridade, é um pobre gigante *hebeté*. Brinca com brinquedinhos de Nuremberg: - a sua “imensa riqueza”, a sua “inteligência”, etc., e já perdeu de todo a sensibilidade e o senso do real. Não é impunemente que se martiriza em camisola de força de um pobre o rapaz... (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 48)

O Brasil é grande, porém sua grandeza não significa avanços, mas lentidão e atrasos. Em seus estudos, Mr. Slang afirma que o elemento característico do povo brasileiro é o pitoresco.

Todos os povos possuem os seus [elementos] característicos. Na Alemanha podemos observar a organização levada a extremos inconcebíveis. Nos Estados Unidos vemos a eficiência como a mira de tudo. Modos de ser de cada povo. Se o Brasil prefere o pitoresco, respeitemos-lhe a preferência... (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 66)

O Brasil vive tomando decisões desacertadas, andando em círculos, sem nunca avançar como país soberano. Aliás, o que é preservado aqui é a subserviência a outros países, desde o período colonial. Segundo Mr. Slang “A vida lá se resume em fazer ginástica, em dar pinotes para adaptar-se ao câmbio do dia. O brasileiro distrai-se com isso e esquece-se de enriquecer”. (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 32)

Outro fato pitoresco existente no Brasil é que as possibilidades de negócios aqui eram apenas em casas de jogos. Monteiro Lobato acreditava que o país estava inexplorado.

O Brasil constitui uma reserva imensa de possibilidades, que se transformarão em riquezas no dia em que houver o capital necessário para movimentá-las. O capital hoje foge do Brasil. Isso explica a expansão assombrosa dos Estados Unidos e da Argentina, em contraste com o marasmo brasileiro. Capital procura negócios, não casas de jogo – e o Brasil não passa de uma Monte-Carlo em ponto grande. (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 28)

Lobato relata em seu livro “América” que visitou com Mr. Slang o Museu Comercial de Filadélfia, onde existia uma secção sobre o Brasil. Nessa secção, Lobato viu como o Brasil havia avançado pouco desde o período colonial vendo o que ele apresentava naquela época. Ele conta

Naquele museu, um tanto antiquado, vimos a embolorada secção do Brasil com tudo quanto o Brasil podia apresentar ao estrangeiro naquela época. Espantoso! Eram as mesmas que pode apresentar hoje... Minerais, fibras, tralha de índios, café não valorizado, borracha, os nossos eternos produtos coloniais, eterna colônia produtora de matéria prima que somos. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 67)

Lobato pensou que havíamos descurado de nossas propagandas, que deveríamos intensificá-las. Mas propaganda do quê? Retrucou então Mr. Slang. O Brasil não apresentava nada de novo ou espetacular que pudesse interessar ao mundo.

A ideia que o brasileiro faz de si própria é muito interessante. Julga seu país a maravilha das maravilhas com um único defeito: não ser conhecido do estrangeiro. Sua ideia simplista do mundo deve ser esta: grande arquibancada de circo com John Bull, Tio Sam, Michel, Mariana, o Urso Slavo e mais países sentados nas fileiras da frente para “gosar” o único que tem a honra de ocupar o centro do picadeiro. Ali o Brasil, sozinho, único, terra onde Deus nasceu, mostra as suas ufanias – o Amazonas, as oito milhões de quilômetros quadrados, o Pão de Açúcar, o Café, o Babassú, Santos Dumont, o padre que inventou a máquina de escrever, vários

descobridores do motu-continuo e da quadratura do círculo. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 69)

Este pensar que o Brasil é o paraíso tropical e que Deus é brasileiro, Mr. Slang coloca em questão. Esta frase, muito utilizada pelos brasileiros, é contestada por ele, que acreditava que “Deus era escandalosamente americano, se não de nascimento, pelo menos naturalizado”.

[...] Não existe território no mundo mais rico que este – e esta é a razão do surto prodigioso da América. As mais extensas e férteis planícies de cultura, tão bem ajeitadas para o trabalho mecânico que o serviço não mais necessita ser feito à unha humana e casco de boi, como é clássico em matéria de agricultura. Tudo à máquina. [...] (MONTEIRO LOBATO, 1932, 57)

Assim, podemos notar que o grande estímulo que a nação norte-americana lhe proporcionava por encontrar ali uma sociedade propícia ao desenvolvimento. Tanto que sua frase mais conhecida foi criada em celebração a este país. *Um país se faz com homens e livros*. Esta frase Lobato escreveu em seu livro “América”. Lobato explica que ter homens a “América” tinha.

Ter homens, para um país, é ter Washingtons e Lincolns, individualidades tão marcantes que sobre seus vincos não pode a morte. Viva quanto viver a América, seus dois heróis viverão com ela, dia a dia mais sublimados. Já não são homens hoje, decênios passados do desaparecimento da cena, mas semi-deuses. Um século mais que transcorra e serão deuses. Crescem sempre. Divinizam-se. Em torno dessas pilastras a América se cristaliza. Nas maiores crises morais nunca lhe faltará o apoio do general que não mentia e do lenhador que impediu a destruição da obra do general. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 37 e 38)

Tinha homens e livros. Para Lobato, “O grau de cultura de um país mede-se pelo preço de seus livros”. (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 52). Por isso, o Brasil seria um país sem cultura devido ao elevado preço de seus livros. Enquanto esteve como editor, Lobato pretendia alcançar o máximo possível de consumidores de livros. O acesso aos livros estava diretamente relacionado à aquisição de cultura e educação.

A educação “americana” também despertou interesse em Lobato. Mr. Slang diz que

O que a América está fazendo em matéria de educação excede o poder de abarcamento do cérebro humano. Meu problema é este: se a América em século e meio de vida independente fez o que estamos vendo, que fará num

século ou dois mais, a partir deste estágio de aparelhamento cultural de que se dotou? Inútil perder tempo com a questão. Nossos tataranetos, só eles poderão responder. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 73 e 74)

No Brasil estávamos precários até mesmo de educação moral. Sobre o voto secreto obrigatório, Lobato afirma que “nosso povo é incapaz de escolher. Não tem cultura, nem a educação moral necessária para escolher”. (MONTEIRO LOBATO, 1968, 84).

Segundo Lobato

Independência moral tem por base a independência econômica. País tão pobre que necessita trocar o voto por um chapéu, nunca poderá alçar-se á categoria de eleitor. Tem que permanecer na de “portador de cédula” sem que lhe seja permitida, sequer, a audácia, o topete se quiser saber o nome da cédula que traz. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 151 e 152)

Para sairmos da dependência política, tínhamos que alcançar a independência econômica. Lobato acreditava que a solução mais rápida e eficaz para nossos problemas era produzir ferro e extrair nosso petróleo. Esta ideia Lobato defendeu desde que retornou dos Estados Unidos, após ter sido adido comercial em Nova Iorque. Lobato acreditava que “[...] a pobreza do Brasil, decorrente de não produzir ferro e não haver desentranhado o seu petróleo numa época em que ferro e petróleo constituem a base econômica dos grandes países, vai lentamente conduzindo o trabalho de sapa da desagregação”. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 251)

Lobato defendeu que um alicerce econômico precisava ser criado com o objetivo de implementar completamente as leis básicas da “América”.

Só o desenvolvimento econômico do país, com a criação da siderurgia, com a descoberta do petróleo e outras coisas que fizeram a independência do americano. Copiamos da América as suas leis básicas. Esquecemos de fazer o resto. Daí o fato dessas leis básicas funcionarem aqui e falharem ali. Tais leis requerem um alicerce econômico que nos falta. Sem criá-los, impossível sair do regime do curral. Ainda que o suprimamos nas capitais, persistirá por toda a vastidão do interior. As capitais constituem minoria. O interior é a grande massa. É o Brasil. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 152)

Lobato especificou como transformar esses recursos minerais em riquezas.

Do óxido de ferro tira o saudável homem daqui o aço. Com o aço cria a máquina, isto é, a astuciosa maneira de multiplicar tremendamente a força do músculo, ou substituí-lo. Depois, por meio da hulha e do petróleo – formas de carbono – produz a combustão que desenvolve a energia mecânica com a

qual move a máquina. Deste modo domina a natureza, mobiliza-lhe as reservas ocultas no seio da terra, transforma-as em utilidades – em riqueza. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 77)

Lobato lutou pelo desenvolvimento do país denunciando o governo que não permitia que se explorassem o ferro e o petróleo por atender às exigências dos grandes trustes internacionais. Chegou a ser preso por defender esses ideais. Por isso, seu nacionalismo deve ser reconhecido na história do país. Para mudar nossa sociedade, Lobato divulgou o modo de viver norte-americano e toda riqueza alcançada no Brasil. Trataremos do conceito de americanismo elaborado por Antonio Gramsci e a presença dos ideais no livro “América” de Lobato.

CAPÍTULO 3 – O AMERICANISMO DE MONTEIRO LOBATO

A sociedade norte-americana que surgia com sua nova democracia despertou interesse de vários intelectuais, dentre eles Alexis de Tocqueville⁴³, Antonio Gramsci e Monteiro Lobato, cada qual com suas percepções e críticas. A recém-formada sociedade norte-americana se destacava naquele período, devido ao seu rápido desenvolvimento e alcance de riqueza e modernidade.

Em 1831, Alexis de Tocqueville fez uma viagem aos Estados Unidos, quando pode ver de perto o fenômeno social que surgia no mundo. Tocqueville foi cotejar a novidade norte-americana, impulsionado pelas “inquietações que fervilhavam na França quanto aos rumos que a utopia democrática tomava naquele país” (WARDE, 2000, p. 38-39)

Em seu clássico “Democracia na América”, Tocqueville (1965) descreveu a sociedade americana fazendo uma análise sobre as sociedades democráticas. “A América é o único país no qual tem sido possível testemunhar o crescimento natural e tranquilo da sociedade, e no qual a influência exercida na condição futura dos Estados, pela sua origem, é claramente distinguível [...]” (TOCQUEVILLE, 1965, p. 50)

Ferreira (2000) discorda do crescimento afirmado por Tocqueville, “A rigor não se pode dizer que o desenvolvimento dos Estados Unidos tenha sido ‘natural e tranquilo’. No entanto, este país exerceu grande influência nos outros Estados, reconhecida pelo ponto de partida na política internacional norte-americana.” (FERREIRA, 2000, p. 239) Assim, os Estados Unidos foram se constituindo como nação hegemônica desde a sua independência.

Emergiam assim os EUA como a maior potência tecnológica, militar, política e econômica do mundo capitalista, em condições de consolidar essa hegemonia no plano ideológico – com o american way of life exportado para o mundo – e cultural – com Hollywood como maior abastecedor do imaginário mundial no século XX. Combinando a produção automobilística – em 1913 já produziam 250 mil carros por ano – e a petrolífera, os EUA não apenas firmavam as bases econômicas de sua hegemonia no mundo, mas também os fundamentos de um estilo de vida que cruzaria todo século, tendo no automóvel seu símbolo mais marcante. (SADER, 2001, p. 35)

Ao difundir seu modo de viver e sua maneira de pensar, a sociedade norte-americana alcançou a hegemonia econômica e cultural, que antes pertencia à Inglaterra e

⁴³ Pensador político, historiador francês (1805-1859).

França, respectivamente. Com isso, a velha Europa foi perdendo seu status de referência aos países subalternos para a nova América, que se constituía como novo “espelho” do mundo.

Os Estados Unidos estabeleceram-se como “espelho onde o Brasil tinha que se mirar” (WARDE, 2000, p. 37). Desse modo, vários intelectuais brasileiros viam naquele país uma nova perspectiva de organização da sociedade, esperando assim alcançar a tão sonhada modernidade.

No Brasil, alguns líderes políticos do início da República já viam com bons olhos a sociedade norte-americana como sinônimo de progresso. “A americanização do Brasil significava para os homens que assumiram o poder a 15 de novembro de 1889, o fim da herança colonial, a industrialização, o progresso da democracia.” (MONIZ BANDEIRA *apud* CUNHA, 1980, p. 167)

O entusiasmo desses intelectuais é perceptível em Monteiro Lobato que nunca escondeu suas expectativas em modernizar o país por aquele modelo, contribuindo na difusão dos ideais norte-americanos no Brasil.

Lobato se encantou profundamente com a sociedade norte-americana, com a sua riqueza, prosperidade, grandeza, sua maneira de viver, além de seu trabalho e eficiência. A cultura norte-americana era completamente nova em relação à europeia. Sua arquitetura, sua música, sua arte. Não era possível entender esse alcance criador sem observá-lo de perto. “Cri porque vi e estou vendo. E duvido que sem ver alguém creia. A América é a terra do ver para crer”. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 59 e 60)

Lobato intensificou no livro “América” a busca de soluções para os nossos problemas, encontrando, nos Estados Unidos da América, o modelo de inspiração para alcançar progresso e modernidade. Neste livro Lobato afirma

[...] Daí provém esse interesse tremendo que o mundo mostra hoje pelos Estados Unidos. Todos sentem, reconhecem que as possibilidades da América são ilimitadas – note bem, ilimitadas! Seu território, todo ele habitável e utilizável, corresponde a nove décimos da Europa, a seis vezes a França. E se o dólar é o que é, se a riqueza existe na proporção que existe, unicamente, a si próprio o americano o deve. Fez ele esse dólar, que não existia antes, acumulou-o em quantidades tremendas à custa de tremenda quantidade de trabalho, norteado por uma organização única. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 218)

A admiração de Lobato permitiu-lhe ser um dos porta-vozes da cultura norte-americana no Brasil, atuando como intelectual na divulgação desse pensamento e do modo de viver desta sociedade. Cavalheiro afirma,

Pensado em 1929, escrito em 1930 e publicado em 1932, “América” é um fiel retrato do entusiasmo de Monteiro Lobato pelo progresso americano. São raros os momentos de crítica ou censura. Transforma-se num autêntico Pangloss; não vê defeitos ou desgraça nem mesmo quando, em consequência do craque da Bolsa de New York, treze milhões de desempregados tornam a situação catastrófica. Passa, também, por cima do problema racial, pouco ou nada dizendo do negro e dos brancos linchadores. Tem, é certo, observações lúcidas, algumas proféticas, como as que expende sobre o contato sexual entre os americanos, ou quando medita sobre a paixão da juventude de Tio Sam pelos esportes violentos. [...] (CAVALHEIRO, 1955a, p. 370)

Tota (2000) ressalta que, para compreendermos o americanismo, precisamos observar os seus elementos mais importantes: a democracia associada aos heróis americanos, “as ideias de liberdade, de direitos individuais estavam garantidos para todo o povo americano, superando diferenças de classe, credo e raça.” (TOTA, 2000, p. 19)

Segundo Tota (2000), o componente ideológico mais importante do americanismo é o progressivismo que está associado ao racionalismo, à ideia de um mundo em abundância e à capacidade criativa do homem americano (a chamada *American ingenuity*). Essa dimensão do americanismo enaltece o homem energético e livre, capaz de transformar o mundo natural. Graças a isso, o mercado podia oferecer em abundância vários produtos úteis e atraentes, criando uma nova forma de prazer: o prazer de consumir. (TOTA, 2000, p. 19 e 20)

Sobre a capacidade criativa no norte-americano, Lobato afirma que nem todos os povos possuem instinto criador. “Muitos apenas imitam, copiam, quando imaginam criar. Nada fazem sem preliminarmente verificar se existem precedentes.” (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 207) Este instinto criador a América tinha de sobra, deslumbrando aqueles que acreditavam neste elemento diferenciador.

Lobato afirma que o americano estava mostrando ao mundo a sua capacidade de criar sem se preocupar com o modelo europeu. Ele afirma “Criticism-no, metem-no a riso os outros povos. Por fim acostumam-se com a ideia e acabam fazendo o mesmo. É desse modo que o progresso se processa”. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 206)

Além disso, Tota (2000) afirma que “algumas palavras adquiriram um significado mítico na ideologia do americanismo: progresso, ciência, tecnologia, abundância, racionalidade, eficiência, gerenciamento científico e padrão de vida americano.” (TOTA, 2000, p. 20) Essas palavras foram bastante utilizadas por Monteiro Lobato em seu livro “América”. Ressaltaremos os trechos em que elas foram abordadas por ele.

3.1 Abundância

Tota (2000) afirma que a palavra “abundância” está diretamente relacionada com “padrão de vida americano”. Lobato ao ver de perto a “América” utilizou-se da palavra “*excesso*” expressando seu espanto àquela abundância. Seu personagem, Mr. Slang, ainda achava pouco em vista do que a mesma poderia ser.

Espantei-me de ver Mr. Slang querer mais para a América. Já tinha tanto que estava pondo o resto do mundo contra ela. Tinha tanto que desperdiçava em escala gigantesca. Estudos que eu havia visto demonstravam que com o que o americano põe fora nações inteiras, inclusive a China com os seus 400 milhões de chineses, poderiam viver à farta. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 210)

Com isso, puderam atingir um novo *padrão de vida* que estava muito além do que qualquer imaginação poderia alcançar na época. Lobato diz que “O grande orgulho do americano está nisto – neste alto standard de vida do povo jamais alcançado em país nenhum e mesmo julgado sonho inatingível [...] Que é coisa inédita, não me resta a menor dúvida”. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 59 e 60)

Lobato relata nessa época o exacerbado consumismo norte-americano “[...] O americano produz como povo nenhum ainda produziu, consome e esbanja como jamais foi consumido ou esbanjado, mas nunca deixa de acumular. [...]” (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 216)

Apesar de encantado com o excesso da América, Lobato demonstra sua preocupação “[...] Excesso, excesso, eis o verdadeiro mal da América, o não sei que causador do indefinível mal estar que todos sentimos. [...]” (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 226). Entretanto, Mr. Slang supõe que tínhamos que nos adaptar a esse excesso de coisas, divinizar o “mais, mais, mais”, suprimindo a palavra “até” pregada pelos gregos. “O ‘até’ antecipado limita, e porque limitar?” (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 109)

Assim, a indústria cria a necessidade de comprar e adquirir coisas através das propagandas e estímulos incessantes.

O “trend” é esse. O rádio nos invadiu a vida, como a invadiu o jornal e a perseguição da reclame. Todas essas invasões vivem a serviço da indústria, que só cura se criar novas coisas e despertar no povo a necessidade de tê-las. O demônio jamais cessa com as suas tentações. [...] a indústria, por meio de sua maquiavélica obra de sugestão, fomenta essa ânsia. [...] Comprar,

comprar, ter coisas, mais coisas. [...] A dificuldade da situação está em que esta nova estrutura da indústria se baseia num estímulo permanente do desejo de mais, mais, mais coisas. Enquanto o povo responder ao estímulo que a propaganda incessante e habilíssima organizou, a indústria crescerá, as empresas distribuirão dividendos, suas ações se conservarão em alta na Bolsa. [...] (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 226 e 227)

Contudo, a “América” estava sendo mal compreendida por aqueles que esperavam encontrar nela apenas as clássicas formas de criação artística universal.

Esquecem de observar “o mais” que a América está dando, o novo, o inédito, na sua ânsia de arrancar-se ao *statu quo* da civilização cristalizada da Europa. Bárbaros, lhes chamam os incompreensivos – esquecidos que foram os Bárbaros que criaram toda a civilização europeia, depois de aniquilar a golpes de machado a civilização greco-romana. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 107 e 108)

Este inconformismo com a evolução da “América” seria, para Gramsci, a incompatibilidade entre o velho mundo e o novo. Para Lobato, o progresso perturba o anterior equilíbrio da vida. Evoluir significa abandonar as velhas concepções e aderir às novas para ter um futuro cheio de perspectivas. O personagem Mr. Slang, terrível e incondicional amigo do progresso, argumentava: “Porque vejo no progresso uma lei natural. Sou amigo dele porque sou amigo da lei da gravitação, da lei da evolução, de todas as leis da natureza. Deblaterar contra elas me parece das coisas mais ridículas que um homem possa fazer”. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 63)

Os povos estariam ressentidos com a rapidez com que a evolução se opera na “América”. “Inda não pudemos nos conformar com a mania da América de fazer num ano o que sempre pediu vinte. Não dá tempo às células cerebrais de se adaptarem – e esquecerem.” (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 52 e 53) Segundo Gramsci,

As diversas tentativas para introduzir na Europa alguns aspectos do americanismo e do fordismo devem-se ao velho grupo plutocrático, que pretenderia conciliar o que, até prova em contrário, parece inconciliável: a velha e anacrônica estrutura social demográfica europeia com uma forma moderníssima de modo de produzir como é a oferecida pelo tipo americano mais aperfeiçoado, a indústria de Henry Ford. Por isso, a introdução do fordismo encontra tantas resistências “intelectuais” e “morais” e realiza-se de modo particularmente brutal e insidioso, através da mais extremada coerção.” (GRAMSCI, 1976, p. 377)

Na análise de Gramsci, o americanismo seria, portanto, “a crítica das velhas camadas que estavam sendo esmagadas pela nova ordem” e para resistir era preciso encontrar o sistema de vida ‘original’ para transformar em ‘liberdade’ o que era ‘necessidade’.

A crise de produção do sistema capitalista, ocorrida em 1929, induziu a introdução da política do *Welfare State* que aumentou os salários dos trabalhadores e promoveu o acesso aos bens de consumo. Desse modo, essa política diminuiu a pressão dos trabalhadores que melhoraram sua condição de vida ao terem a possibilidade de adquirir os produtos no mercado. Essa política se difundiu pelo mundo, impulsionando o consumismo, característica fundamental da sociedade americana que hoje constitui cultura na maioria dos países capitalistas. Gramsci chamou essa política de enorme esforço de contornar a queda tendencial da taxa de lucros.

3.2 Eficiência

A lei da “*eficiência*” deveria ser seguida para se alcançar o progresso. Lobato afirma que, “a Eficiência é o grande lema de hoje. Todo desperdício, seja de matéria, seja de esforço, vai contra a Eficiência.” (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 24). Desse modo, a eficiência seria exatamente o contrário do que a nossa administração pública estaria fazendo, em todos os seus departamentos. Lobato se espelhou no conceito de Ford de eficiência: “[...] Diz Ford que eficiência é carregar um tronco de árvore numa carreta em vez de carregá-la ao ombro.” (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 72) O personagem Mr. Slang comenta sobre a proposta do método de produção de Henry Ford baseado na eficiência.

O gênio de Henry Ford não uma excrescência, um fenômeno isolado como o de um Bacon que vivesse na Zuzulândia. É uma resultante. Ele apanhou no ar as moléculas da eficiência que esta América exhuda e as corporificou neste imenso todo. O gênio de Henry Ford não passa da individualização do gênio da América... (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 243)

Henry Ford foi o gênio que Lobato identificou como homem símbolo do progresso e eficiência. Caso o Brasil não acompanhasse os caminhos trilhados por ele, no futuro estaria fadado ao fracasso. “[...] na concorrência da vida os povos que não se defendem à força de progresso e eficiência, mais dia menos dia perecem. O nosso Brasil perecerá...” (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 49) Os brasileiros precisavam seguir os ideais de vida dos trabalhadores norte-americanos, que trabalham sempre com muita eficiência. Precisavam se adequar ao seu modo de produzir e viver.

A soma de trabalho feito no Brasil é mínima comparada com a feita aqui. Falta a vocês o grande estimulante do trabalho, que é o inverno. O homem só produz o bom trabalho que dá para a subsistência e sobra para ir-se acumulando em riqueza quando o inverno está atrás dele de chicote em punho. É o frio o supremo criador. Dele saiu a economia, a previdência, a cooperação. O meio de sobreviver é um só: acumular nas estações amenas para não perecer na estação morta. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 74 e 75)

Além da eficiência, o clima era determinante na economia dos países. Climas frios seriam capazes de intensificar o trabalho motivando a acumulação de alimentos e riquezas para as estações mais rigorosas. Vianna Moog (1964), em seu paralelo entre o Brasil e os Estados Unidos, afirma que o fator climático influenciaria no avanço econômico dos países.

A propaganda que se fazia na Europa era que o clima do Brasil constituía ameaça à saúde e à vida [...] é preciso desde logo notar que em mais de dois terços do território nacional, não há nem inverno, nem primavera, nem outono. Em outros termos: não há estímulo para a produção de aquecimento, estímulo que talvez constitua o primeiro momento de todo o desenvolvimento industrial. O que há é um perene verão. Verão primaveril, verão outonal, com chuva, verão sem chuva, mas sempre verão. [...] E aqui temos outra vantagem – o frio – a somar economicamente a favor dos Estados Unidos, na sua melhor preparação para o advento da era industrial. Isto para não falar nos efeitos do frio e do calor sobre a produtividade dos indivíduos. (VIANNA MOOG, 1964, p. 14 e 15)

Sendo assim, o Brasil estaria já em desvantagem em relação aos Estados Unidos, de acordo com os fatores climáticos. A justificativa das causas da estagnação econômica do Brasil seria nosso clima tropical como também nossos precursores raciais.

3.3 Henry Ford

Ao buscar o desenvolvimento e modernização para nosso país, Lobato viu nos Estados Unidos e também em Henry Ford o modelo mais profícuo para alcançar riqueza. Lobato acredita profundamente em mudanças estruturais na criação da indústria propiciada pela produção de ferro e extração do petróleo. Em 1924,

Lobato descobre Henry Ford, de quem traduz e edita a autobiografia. “Quem leu e entendeu o Henry Ford”, escreve ele, “é invencível”. Para Lobato, o vocábulo ford significa eficiência elevada ao grau máximo. Entusiasmado com os métodos do grande industrial, Monteiro Lobato procura, nas relações

com os seus operários – agora em grande número – aplicar novos sistemas de trabalho. (CAVALHEIRO, 1955a, p. 255)

O método de Henry Ford seria adotado por Lobato na editora para racionalizar a produção. Ford foi o símbolo de trabalho, eficiência, progresso para Lobato, tanto que traduziu para o português seus livros “Minha Vida e Minha Obra” e “Hoje e Amanhã”. No prefácio do livro “Minha vida e Minha Obra” de Henry Ford, Lobato o anuncia como que trazendo a Boa Nova: “para o Brasil, não há leitura nem estudo mais fecundo que o livro de Henry Ford. Tudo está por fazer – e que lucro imenso se começarmos a fazer com base na lição do portador da Boa Nova!” (MONTEIRO LOBATO apud FORD, 1927, p. IX).

Lobato afirma que ainda não surgiu um Nietzsche americano, que ponha em filosofia e imponha ao mundo, como dogma novo, a impetuosidade alegre dos grandes Vândalos que estão a criar o mundo de amanhã. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 109) Segundo Azevedo (1997),

Para Lobato, portanto, Henry Ford significa, no mundo tangível das realizações concretas, o que, no plano filosófico, Nietzsche sempre representou. Abraçando a linha do progresso cientificista norte-americano – em uma época em que o Brasil ainda se voltava para a Europa na busca de modelos -, ele, porém, não nutre falsas ilusões. A humanidade estava despreparada para a racionalidade pragmática do projeto fordista, devendo, a seu ver, atravessar inúmeras etapas intermediárias antes de adotar o que chama de “solução definitiva”. (AZEVEDO, 1997, p. 212)

Lobato diz, ainda, que gostaria de prestar uma homenagem a Henry Ford, e a melhor maneira de fazê-la, seria aplicando seus princípios. Foi pensando, então, como esta obra poderia alcançar o maior número de pessoas, que foram calculados todos os itens que pudessem fazer do livro melhor e mais barato, econômico e cômodo. Ele explica o grande segredo de Henry Ford, “o genial reformador da indústria”

Eis o segredo de Henry Ford, explicou-me Mr. Slang. Não há categorias de trabalho nas suas indústrias. Não há trabalho mais nobre ou menos nobre. Há trabalho, apenas. Varrer ou desenhar plantas: tudo é trabalho. E como ele paga um salário magnífico em troca de oito horas de trabalho, seja este qual for, ninguém se recusa ou escapa de dar realmente oito horas de esforço – e não como aqui, oito horas de “empaliação”. (MONTEIRO LOBATO, 1964, p. 71)

O trabalho deveria ser realizado com eficiência, e conforme Ford, sem distinções em suas categorias. Para Lobato, só o trabalho resolve todos os problemas da vida. “O homem

trabalhador prospera em toda parte, porque riqueza é sinônimo de trabalho acumulado”. (MONTEIRO LOBATO, 1968, p. 31)

Mr. Slang afirma que há entre os brasileiros uma “descrença excessivamente generalizada” do nosso país e que “boa vontade e o amor ao bem público operam prodígios”. Em um de seus diálogos, ele questiona:

- Há de haver uma causa para que o Brasil, com o seu imenso território e os seus 30 milhões de habitantes, seja um dos países mais pobres do mundo.
- Talvez que a gente não preste... ia aventurando eu. Mas Mr. Slang tapou-me a boca:
- Depois que Henry Ford demonstrou como se aproveita, até cegos e aleijados, ninguém tem o direito de alegar o não presta. Tudo presta. Até um cego, um estropiado presta. A questão toda está em proporcionar-se-lhes condições para prestar. O mesmo cego que aqui não presta para coisa alguma em Detroit produz igual a um homem perfeito e ganha 6 dólares diários. O brasileiro precisa de condições para prestar – e a condição número um é a fixidez da medida de valor, a moeda. (MONTEIRO LOBATO, 1964, p. 27)

Para prestar e se desenvolver, portanto, o Brasil deveria seguir um dos símbolos da nova era industrial: Henry Ford. Ele demonstrou na prática como racionalizar o trabalho e alcançar lucros incriveis pela exploração da mais-valia. De tal maneira que, Mr. Slang constata que a produção brasileira da época equivalia a quatro meses de trabalho na empresa Ford.

[...] Em quatro meses os operários da Ford Motor Company produzem tanto como o Brasil inteiro em um ano... creio que não é possível tornar mais flagrante a miséria, a ínfima força produtiva deste país. E nem podia deixar de ser de outro modo. Com o regime de impostos que tem, com os vícios burocráticos que alimenta, ainda é muito que o Brasil faça o que faz. [...] (MONTEIRO LOBATO, 1968, 48 e 49)

Podemos avaliar com esse diagnóstico as dificuldades econômicas do Brasil como também as diferenças com relação aos Estados Unidos. Lobato propõe as bases da sociedade moderna pela produção de ferro e aço, desentranhar petróleo e principalmente construir estradas. Sendo assim, “[...] As afirmações de Henry Ford são categóricas. ‘Um país só se desenvolve por meio da facilitação do transporte’”. (MONTEIRO LOBATO, 1964, p. 89)

Mr. Slang conta que “[...] Há dias li no *“Today and Tomorrow”* do grande Henry Ford, um livro que está fazendo furor no mundo, mas que vocês inocentemente ignoram, uma opinião sobre o Brasil”. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 88) Ford afirma que

O Brasil, por exemplo, se bem que ocupe a 15ª parte da superfície da terra, e encerre grandes recursos naturais, não possui meios de transporte que lhe permitam o desenvolvimento. Um país só se desenvolve pela criação de meios de transporte, e em grande parte do interior do Brasil só se pode utilizar o automóvel durante seis meses; durante o resto do ano os caminhos se acham em tão más condições que nenhum carro pode percorrê-los.⁴⁴

Lobato detalha no seu livro “América” seu primeiro contato com as estradas americanas, demonstrando como ficou impressionado com o que viu.

Tudo incrível nesta terra. Quando me lembro que foi em 1776 que este país deixou de ser colônia – século e meio apenas, e que hoje está assim, beirando 5.000.000 de quilômetros de rodagem com as quais estão dependendo um bilhão de dólares por ano... Cinco milhões – 40 metros de estrada para cada habitante... Vinte e seis milhões de autos, um auto para cada cinco habitantes... A mobilidade que isto dá a esta gente, o tremendo aumento de eficiência que lhe traz, apavora-me... (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 55)

Lobato compara as estradas com o sistema de veias e artérias de um organismo.

Tê-las assim à moda americana é dar meios do sangue circular sem entraves de modo a vivificar todas as células do organismo. Cada americano é um glóbulo de sangue que dispõe dum completo e inédito veiário de circulação. Aquela estrada de asfalto e concreto, perfeita, dizia mais que um tratado de dialética que sem estradas não há país. [...] (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 55 e 56)

Gramsci (2001) afirma que as experiências realizadas por Ford permitiram aumentar os salários dos trabalhadores e diminuir os preços dos produtos, dinamizando assim a economia. Ford conseguiu otimizar os gastos com a produção, pela gestão direta do transporte e o comércio da mercadoria produzida.

Vianna Moog (1964) ressalta algumas diferenças importantes na comparação dos dois países.

Logo à chegada nos Estados Unidos, na costa atlântica, quem viaja de trem de Miami a Nova York ou de Nova York a Filadélfia, Washington ou Chicago, é surpreendido pelas planuras a perder de vista. Nada de montanhas a enegrecer ou barrar os horizontes. Uma ou outra suave elevação a grandes intervalos, e logo o trem ganha de novo a planície rasa. Nada de antemurais de granito, túneis ou viadutos de cortar a respiração. No máximo, uma ou outra obra de engenharia nas diferenças de nível necessárias ao

⁴⁴ No livro “América” esta passagem encontra-se em inglês. Para facilitar o entendimento, buscamos a tradução desta passagem no livro “Hoje e Amanhã” feita pelo próprio Monteiro Lobato.

entrecruzamento das vias férreas e rodovias. Que contraste com as viagens do Rio a Belo Horizonte, do Rio a São Paulo, de Paranaguá a Curitiba, ou de São Paulo a Santos! Nestas, a planura é a exceção; a regra são as montanhas, os despenhadeiros, os túneis, os viadutos, as curvas emolduradas pela antemural de serras inhóspitas. (VIANNA MOOG, 1964, p. 10)

Para Vianna Moog (1964), não seria muita ousadia concluir que a conquista da terra nos Estados Unidos, no que diz respeito às possibilidades de penetração, teria sido imensamente mais branda que no Brasil. Segundo o autor,

Os carroções e as diligências já cruzavam e recruzavam os Estados Unidos, articulados num sistema unificado de comunicações, quando o indígena, o negro, o burro e o jumento eram o nosso único meio de transporte possível. E não responderá em parte a orografia pela aterradora diferença entre os sistemas de transporte dos Estados Unidos e do Brasil, cerca de 364 300 quilômetros de estradas de ferro e 5 000000 de quilômetros de estradas de rodagem nos Estados Unidos, tudo de primeira ordem, e precaríssimos 35 000 quilômetros de estradas de ferro e apenas 240 000 quilômetros de estradas de rodagem no Brasil? (VIANNA MOOG, 1964, p. 12)

Vianna Moog (1964) também compara a hidrografia norte-americana com a brasileira.

Impossível qualquer hesitação: os Estados Unidos possuem a melhor rede hidrográfica do mundo. Milhares de rios; milhares de lagos. O americano pode ir pelo leito de seus rios e de seus lagos e canais aos pontos mais extremos do país [...] O Mississipi! Como se não bastassem aos americanos dois oceanos laterais, o Atlântico e o Pacífico, foram ainda brindados com esse prodigioso mar interior, o Mississipi, este, sim, o verdadeiro rio de uma unidade nacional. [...] Repara-se agora no caso do Brasil. Pobreza de rios, quase inexistência de lagos. [...] São todos rios encachoeirados, com alucinante regime de cheias e vazantes. Ao contrário dos rios americanos, não servem aos conquistadores e bandeirantes em sua penetração, senão como pontos de referência nas marchas rumo ao sertão. (VIANNA MOOG, 1964, p. 12 e 13)

A situação do Brasil em relação aos Estados Unidos, neste sentido, era bastante desfavorável para que se pudesse desbravar a natureza e dominá-la. Para Vianna Moog (1964), os sistemas orográficos, hidrográficos e climáticos favoreciam o desenvolvimento norte-americano, situação bem diferente da constatada no Brasil.

3.4 Classes parasitárias

Gramsci entende que uma das razões principais da formidável acumulação de capitais na “América” se deve à mesma não estar envolvida pela camada de chumbo de classes parasitárias que as tradições históricas e culturais europeias carregam consigo. A inexistência de classes parasitárias permitiu a criação de uma base sadia para a indústria, incorporando as atividades de transportes e do comércio à própria atividade produtiva. “O americanismo [...] exige [...] ‘uma composição demográfica racional’, que consiste no fato de que não existem classes numerosas sem uma função essencial no mundo produtivo, isto é, classes absolutamente parasitárias.” (GRAMSCI, 2001, p. 243)

Nesse sentido, as classes parasitárias corresponderiam àquelas que compõem as categorias de intelectuais tradicionais que existiam na Europa. Com isso, nos Estados Unidos não foi necessário realizar a fusão entre os intelectuais orgânicos e os tradicionais para conformação do Estado-nação, o que permitiu a criação de uma base social sadia, própria para a indústria e hábil em incorporar suas práticas cotidianas à atividade produtiva. Nas palavras de Gramsci, a formação norte-americana caracterizou-se peculiarmente pela necessidade de “fundir, num único cadinho nacional de cultura unitária, diversos tipos de cultura trazidos pelos imigrantes de origens nacionais variadas.” (GRAMSCI, 2004, p. 29)

Para Gramsci, a ausência da camada dos intelectuais tradicionais nos Estados Unidos, apontando a origem “imigrante” dos mesmos e o caráter dinâmico da vida nacional, impediu a expressão da vida intelectual “tradicional”, ou seja, afastada da atividade produtiva moderna e das necessidades que essa impunha. Além disso, esta ausência explica, parcialmente, a grande quantidade de seitas religiosas e existência de apenas dois grandes partidos políticos nacionais e, no limite, um. (GRAMSCI, 2004, p. 29).

Nos Estados Unidos, o intelectual “cientista” estava estreitamente ligado ao desenvolvimento das tecnologias e dos aparelhos produtivos. Sua formação nacional *suis generis* permitiu que, da cisão profunda entre trabalho intelectual e manual, originada da primeira revolução industrial – e que dá origem ao intelectual-função – se desenvolvesse uma recomposição característica do trabalho intelectual em estreita relação com as exigências das descobertas e transformações para o desenvolvimento do aparelho produtivo (ASOR ROSA, 1996, p. 164).

Em sua reflexão sobre os Estados Unidos, Gramsci destaca que os imigrantes pioneiros anglo-saxões – expressos na intervenção teórico-política dos *founding fathers* –

foram os protagonistas das lutas religiosas e políticas inglesas, e constituíram uma elite intelectual e moral. Os imigrantes encarnaram com energia, na formação dos Estados Unidos,

um certo grau de civilização, uma certa fase da evolução europeia que, transplantada no solo virgem americano por tais agentes, continua a desenvolver as forças implícitas em sua natureza, mas com um ritmo incomparavelmente mais rápido do que na velha Europa, onde existe toda uma série de freios (morais, intelectuais, políticos, econômicos, incorporados em determinados grupos da população, relíquias dos regimes passados que não querem desaparecer) que se opõe a um processo rápido e equilibram na mediocridade qualquer iniciativa, diluindo-a no tempo e no espaço (GRAMSCI, 2004, p. 27-28).

Para Gramsci (1976), a existência dessas “condições preliminares” na “América” favoreceu a racionalização da produção e do trabalho, combinando força com persuasão para basear toda a vida do país na produção. “Na América, a racionalização determinou a necessidade de elaborar um novo tipo humano, adequado ao novo tipo de trabalho e de processo produtivo: esta elaboração está até agora na fase inicial e por isso, (aparentemente) idílica”. (GRAMSCI, 2001, p. 248)

No prefácio do livro “Diretrizes para uma Política Rural e Econômica” de Paulo Pinto de Carvalho, Lobato afirma que o autor foi um escafandrista, pois penetrou fundo nos nossos problemas para compreender suas causas.

Quem do alto olha para o Brasil vê um complexo sistema de parasitismo em repouso sobre um larguíssimo pedestal de escravos andrajosos e roídos de todas as doenças endêmicas: o homem rural, o que chamamos o caboclo, o negro da roça, os milhões de seres sem voz que na terra mourejam numa agricultura ainda de índio – queimar e plantar, só, só, só. Sobre a miséria infinita desses desgraçados está acocorada a nossa “civilização”, isto é, o sistema de parasitismo que come, veste-se, mora e traz a cabeça sob a asa para evitar o conhecimento da realidade. Roma era um sistema de parasitismo sobre a massa imensa dos escravos feitos na guerra. A palavra “escravo” desapareceu entre nós, mas a coisa ficou. Somos uma civilização ao tipo da romana. A “gente boa” por cima e a “gente pobre” por baixo. A gente industrial e comercial por cima e o escravo que extrai produtos da terra por baixo – os produtos que irão dar lucro ao comércio e à indústria. Que recebia o escravo romano pelo seu trabalho doloroso? A estrita subsistência que lhes conservava mal e mal a vida. Que recebe o nosso homem da terra senão a estritíssima subsistência com que vai retardando a morte à fome? (MONTEIRO LOBATO, 1948, p. 70 e 71)

Em grande consonância com Gramsci, Lobato faz considerações sobre o parasitismo no Brasil, que impede se desenvolver uma sociedade capitalista. Ele afirma que a

elite brasileira têm uma ideia erradíssima do que é o Brasil e por isso, planejam errado nossa sociedade.

3.5 Os intelectuais na sociedade norte-americana

A especificidade dos intelectuais na sociedade norte-americana chamou a atenção de Tocqueville. Naquele país havia, em proporção reduzida, tanto indivíduos ignorantes, quanto eruditos. Como a grande maioria da população precisava trabalhar, não havia tempo para se dedicar ao trabalho intelectual. Todos precisavam ter uma profissão com sua especialização prática imediata. Naquela época,

Aos quinze anos entram em trabalho, e assim sua educação termina, geralmente, na idade em que a nossa começa. Aquilo que se fizer depois, tem em vista algum objeto lucrativo e especial; a ciência é tomada como uma questão de negócio, e o único ramo assistido é aquele que admitir uma aplicação prática imediata. (TOCQUEVILLE, 1965, p. 65)

Segundo Tocqueville (1965), na América estabeleceu-se um padrão médio para o conhecimento humano, todos se aproximam dele tanto quanto podem.

Não há, portanto, na América, uma classe na qual os prazeres intelectuais sejam transmitidos com a fortuna e o lazer hereditários, e pela qual os labores do intelecto sejam tidos como honra. Nessa conformidade, há uma falta por igual do desejo e do poder de aplicação a tais objetivos. (TOCQUEVILLE, 1965, p. 65)

Gramsci se baseia em Giuseppe Antonio Borgese em “Estranho interlúdio” para tratar da intelectualidade norte-americana. Ele

[...] divide a população dos Estados Unidos em quatro extratos: a classe financeira, a classe política, a intelectualidade, o homem comum. A intelectualidade é minúscula ao extremo, comparada às duas primeiras: algumas dezenas de milhares, concentradas no Leste, entre as quais cerca de um milhar de escritores. (GRAMSCI, 2004, p. 165)

Ambos os autores concordam com a ideia de que, nos Estados Unidos, a intelectualidade seja minúscula comparada ao restante da população. A vida naquele país é muito dinâmica, o que impede que muitos se dediquem às atividades intelectuais. Para Tocqueville (1965), os cidadãos norte-americanos estão sempre ocupados em alguma atividade, não prestam atenção ao que lhe dizem, isto porque nas nações democráticas não

existem classes ociosas. Assim, povos democráticos não têm tempo nem gosto para procurar ideias novas. (TOCQUEVILLE, 1965, p. 312)

Na verdade, a maioria da população exerce atividades que não lhe permite se dedicar as questões artísticas ou filosóficas.

Não houve tempo para a arte ainda [...] Ou, melhor, não cabem na América as velhas formas da arte europeia. O ritmo da vida acelerou-se em excesso para que o que satisfazia o grego e ainda satisfaz o francês encha a vida de quem nasce neste Malstrom. Impossível, impossível... Este povo jamais usará roupas velhas, as roupas surradas do europeu... (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 220)

Mais tarde, teorizações a respeito do taylorismo e fordismo confirmaram a ideia-base de que o enfraquecimento do trabalho operário com relação a sua participação intelectual na produção só poderia ser realizado se o trabalho intelectual, entendido de forma rígida, como *função*, desenvolvesse em ritmo acelerado suas capacidades. Dessa maneira, poderia surgir um exército de trabalhadores intelectuais de novo tipo, profundamente conectados ao mundo da produção, essenciais para o funcionamento das estruturas sociais, sendo sua conexão com o mundo intelectual tradicional incerta ou mesmo nula (GRAMSCI, 2001, p. 164).

Já a estrutura da sociedade brasileira é ressaltada por Lobato em um dos seus fragmentos intitulado “Rápido Croquis”:

Um volver d’olhos ao país revela uma estrutura sui generis. Embaixo, a massa imensa dos Jecas, meros puxadores de enxada; em cima, na cúspide, um bacharelismo furiosamente apetrechado de diplomas e anéis com pedras de todas as cores, verde, vermelha, azul – o arco-da-velha inteirinho. E no meio? Nada. A classe fecunda, a classe obreira do progresso industrial, o pedreiro, o marceneiro, o entalhador, o tipógrafo, o negociante, o mecânico, o eletricista, o bombeiro etc., essas formigas enfim do trabalho técnico, faltam-nos. E como são indispensáveis, importamo-las. Entre o Jeca de pé no chão, que carpe e roça, e o bacharel que requer *habeas corpus* e faz discursos, ambos nacionais, temos de admitir uma cunha estrangeira, de técnicos imigrados. O problema é abrir à classe de baixo o caminho à imediata. Temos que descascar o Jeca na escola primária, ensinando-lhe, depois, na profissional, a utilizar-se da leitura e da técnica. (MONTEIRO LOBATO, 2010, p. 103)

Naquela época, a estrutura da nossa sociedade estava baseada na elite e do campesinato:

No caso brasileiro, a situação dos camponeses parece ser ainda mais crítica. Até as últimas décadas do período colonial, um campesinato composto de

uma mistura de portugueses pobres, povos indígenas e africanos conseguiu fazer parte da formação social nas regiões do Centro-Sul e Nordeste. Contudo, as pressões do sistema mundial capitalista, entrando em sua primeira fase de industrialização, estimularam políticas e ações que acabaram por acirrar a precária situação de sobrevivência dos cultivadores pobres livres no período imperial. Um processo de expansão das monoculturas das fazendas, bem como os privilégios concedidos aos grandes latifúndios na virada do século XVIII, reduziu ainda mais as terras camponesas. No século XIX, intensificou-se o processo de exteriorização da produção, visando a abastecer os mercados europeus, deixando limitado espaço para a produção de alimentos. Por outro lado, os usos de trabalho forçado, numa estrutura social marcada pelos poderes dos senhores da terra sobre escravos e, por extensão, sobre os bens e pessoas das vizinhanças da casa-grande, constituíram as bases para o fortalecimento do poder local e de constrangimentos a outros personagens do campo. (WELCH, 2009, p. 24).

Era necessário formar a grande massa de trabalhadores especializados para a sociedade capitalista. Lobato propôs o ensino técnico no artigo “Espingarda, sim. Mas... e a pólvora?”

Como está a nossa instrução, não há dela colher os frutos preconizados. Ensina a ler aos meninos e lança-os na vida sem nenhum aparelhamento técnico, como se a cartilha fosse um miraculoso sésamo abridor de todas as portas. Isso não basta. É fazer deles parasitas sociais, incapazes duma função econômica. Vão ser eleitores, vão “cavar”, e passam a vida em procura de miseráveis empreguinhos públicos de ínfima categoria, julgando indignas de exercício as profissões manuais. A escola pública sem o complemento da escola técnica forma nas classes baixas um estado mental correspondente ao bacharelismo nas altas. [...] Se ao deixar a primária, entretanto, cursasse uma escola profissional, apetrechando-se de um ofício, entraria para a vida armado em pé de guerra. E venceria. E seria para o país uma unidade de produção eficientíssima. Assim como é um crime atirar ao combate soldados desprovidos de armas, não é crime menor lançar na vida meninos desprovidos de ensino técnico. O alfabeto vale como meio, não como fim. É cartucho que para ter valor pede espingarda do mesmo calibre. (MONTEIRO LOBATO, 2010, p. 104)

3.6 Aspectos do pragmatismo em Monteiro Lobato

O pragmatismo é uma filosofia tipicamente norte-americana. Para William James (1974), o termo pragmatismo “deriva da mesma palavra grega *práigma*, que significa ação, do qual vêm as nossas palavras ‘prática’ e ‘prático’. Foi introduzido pela primeira vez em filosofia por Charles Peirce, em 1878”. (JAMES, 1974, p. 10)

Segundo James (1974), o princípio do pragmatismo de Peirce consiste na teoria de que,

Para atingir uma clareza perfeita em nossos pensamentos em relação a um objeto, pois, precisamos apenas considerar quais os efeitos concebíveis de natureza prática que o objeto pode envolver - que sensações devemos esperar daí, e que reações devemos preparar. Nossa concepção desses efeitos, seja imediata, seja remota, é, então, para nós, o todo de nossa concepção do objeto, na medida em que essa concepção tenha afinal uma significação positiva. (JAMES, 1974, p. 10)

Os pragmatistas trabalham sempre com fatos e coisas concretas, buscam a verdade descoberta em casos particulares, generalizando-a para todos os casos.

... observa como a verdade opera em casos particulares, e generaliza. A verdade, para ele, torna-se uma classificação para todos os tipos de valores definitivos de trabalho em experiência. Para o racionalista, não passa de uma pura abstração, de cujo simples nome devemos diferir. Quando o pragmatista empreende a tarefa de mostrar em detalhes por que exatamente devemos discordar, o racionalista mostra-se incapaz de reconhecer os dados concretos dos quais a sua própria abstração deriva. Acusa-nos de negar a verdade; ao passo que temos somente procurado traçar exatamente por que as pessoas a seguem e sempre devem segui-la.” (JAMES, 1974, p. 18)

Segundo James (1974, p. 13), “o método pragmático significa: A atitude de olhar além das primeiras coisas, dos princípios, das ‘categorias’: das supostas necessidades; e de procurar pelas últimas coisas, frutos, consequências, fatos.” No método pragmático, as teorias são flexibilizadas, tudo depende de qual perspectiva se olha determinado objeto. “O pragmatismo relaxa todas as nossas teorias, flexiona-as e põe-nas a trabalhar. Não sendo nada essencialmente novo, se harmoniza com muitas tendências filosóficas antigas.” O pragmatismo não possui “quaisquer preconceitos, quaisquer dogmas obstrutivos, quaisquer cânones rígidos do que contará como prova. É completamente maleável. Acolherá qualquer hipótese, considerará qualquer evidência”. Para os pragmáticos, o que é verdade hoje, amanhã pode ser considerado falso, buscam a utilidade como finalidade. Assim, a prática realizada mostrará a verdade concebida.

Diferentemente das sociedades europeias, a norte-americana valoriza mais a ciência prática e suas “vantagens” no sentido de alcançar os objetivos mais rapidamente do que a ciência puramente teórica. Por isso, a sociedade norte-americana é marcada pelo Pragmatismo, que lhe é intrínseco. James (1974) cita o seguinte caso demonstrando como o pragmatismo pode se relacionar harmonicamente com as diversas teorias, pois, segundo ele, perpassam o meio prático.

Como o jovem pragmatista italiano Papini disse muito bem, situa-se no meio de nossas teorias, como um corredor em um hotel. Inúmeros quartos dão para ele. Em um, pode-se encontrar um homem escrevendo um volume

ateístico; no próximo, alguém de joelhos rezando por fé e força; em um terceiro, um químico investigando as propriedades de um corpo. Em um quarto, um sistema de metafísica idealística está sendo excogitado; em um quinto a impossibilidade da metafísica está sendo demonstrada. Todos, porém, abrem para o corredor, e todos devem passar pelo mesmo se quiserem ter um meio prático de entrar e sair de seus respectivos aposentos. (JAMES, 1974, p. 13)

O método filosófico do personagem Mr. Slang consistia em refletir as questões, por si próprio e buscar conclusões em suas próprias experiências. Seu método de análise possui semelhanças com o método pragmático.

Meu método de trabalho mental consiste em refletir, concluir de mim para mim, chegar a idéias que sejam produtos lógicos de todas as observações e conclusões anteriores da minha vida. Depois, a título esportivo, trato de conhecer as idéias dos outros. Meu método é rude no começo, porque bem pensar corresponde a trabalho rijo; mas deliciosos ao cabo, quando vejo abrolhar da árvore lindos frutos. Método inglês. O método brasileiro parece-me muito mais cômodo: comprar por 200 réis tais frutos já elaborados. (MONTEIRO LOBATO, 1964, p. 9)

Lobato ressalta que o brasileiro não pensa por si, mas importa soluções de outros países. “O hábito brasileiro de aceitar, por comodismo ou preguiça, ideias alheias, não me parece que esteja fazendo grande coisa deste país...” (MONTEIRO LOBATO, 1964, p. 10)

Segundo Mr. Slang,

O brasileiro anda muito afastado do regime de pensar por si, de meditar sobre uma ideia até que a tenha madura no cérebro e articulada com todas as mais ideias que o povoam. Seria impossível um Newton por aqui – o homem que descobriu uma grande lei da força de refletir sobre a mecânica dos astros. Ao invés de pensar, vocês leem – leem coisas que, *por mal pensadas*, vão contribuir para a formação da *maçaroca*. (MONTEIRO LOBATO, 1964, p. 13)

A maçaroca é formada pelo carretel econômico, o carretel financeiro e o carretel monetário, que estão embolados um ao outro, mas que qualquer caixeiro de venda poderia solucionar este problema. Lobato sugere que os assuntos sobre a economia brasileira devam ser compreendidos separadamente.

São três problemas diversos que o “amor ao embrulho” dos nossos entendidos embaralha. Embora na vida dos negócios suas questões se entrelacem, economia, finança e moeda são coisas distintas. Cada qual com o seu campo, cada qual com sua função, cada qual sujeita às suas leis. Misturá-las é criar o caos. Mas desde o momento em que separamos da maçaroca as três linhas de cores diversas, já o problema em causa se simplifica enormemente. Tão enormemente que qualquer caixeiro de venda suportará com galhardia um exame. Se eu fosse presidente da República resolveria a eterna balburdia financeira, econômica e monetária no

Ministério da Fazenda, ao invés de “technical experts”, isto é malabaristas da terminologia e pais da maçaroca, um simples caixeiro de venda. (MONTEIRO LOBATO, 1964, 14)

O pragmatismo é utilizado ao propor soluções às questões econômicas, financeiras e monetárias, buscando maneiras bem simples e objetivas. Para tanto, ele mostra como um simples caixeiro de vendas responderia às questões com simples raciocínios, resolvendo problemas aparentemente de difíceis soluções, com sua experiência de vida. Esse modo de encarar as questões de forma simples, buscando as soluções para os problemas, em si próprio, está relacionado com a filosofia pragmática.

Lobato chega a chamar seu personagem de pragmatista, por estar sempre pensando nas resultantes das ações e não as intenções, admirando sua maneira de pensar. Veja o diálogo:

- Que importam ao país intenções? Só valem as resultantes positivas.
- Sempre pragmatista o meu Mr. Slang! Creia que admiro a frieza desse seu cérebro britânico, nós aqui, mais ardorosos, queremos, além dos resultados, as intenções. (MONTEIRO LOBATO, 1964, p. 61)

O pragmatismo de Mr. Slang foi exaltado por Lobato, sua maneira de pensar e solucionar os problemas de forma rápida e eficiente. Assim, o pragmatismo seria significativo para pensar os problemas brasileiros, sendo a teoria mais cabível para progredirmos rapidamente, já que assim, estaríamos voltados para as consequências positivas de nossas ações.

3.7 Americanismo: nova forma de produzir que mudou o modo de viver do homem.

O americanismo é entendido, conforme Antonio Gramsci, como “a mais orgânica e consciente proposta capitalista de solução da crise econômica, de intervenção no processo de produção, de desenvolvimento da hegemonia a partir diretamente da fábrica”. (GRAMSCI *apud* DE FELICE, 1978, p. 249) Desse modo, a racionalização na América determinou a criação de um novo homem, preparado para um novo tipo de trabalho e de produção. Gramsci afirma

[...] que é preciso compreender a importância, o significado e o alcance objetivo do fenômeno americano, que é também o maior esforço coletivo já verificado para criar, com rapidez inaudita e com uma consciência do

objetivo jamais sucedida na história, um tipo novo de trabalhador e de homem. (GRAMSCI *apud* DE FELICE, 1978, p. 249)

Gramsci percebeu o alcance ideológico norte-americano, que viria a se concretizar durante o século XX. O americanismo seria um “prolongamento orgânico e de uma intensificação da civilização europeia, que adquiriu uma nova pele no clima americano”. (GRAMSCI, 1976, p. 412)

Segundo Gramsci, o racionalismo da América determinou a necessidade de elaboração de um novo tipo humano, um tipo novo de trabalhador e de homem. Esse racionalismo foi traduzido por Lobato no incansável avanço da máquina, transformando os operários em homens abelhas.

Presos na sua engrenagem, o espernear dos indivíduos se torna pueril. As novas adaptações econômicas – a produção em massa, a entrefusão das empresas (“mergers”), os “chains stores”, os “chain” teatros, os “chain” jornais e todas as modalidades do emassamento, da coletivação, nesta guerra contra o indivíduo, tornam bem claras as tendências do amanhã: “corporatedness” do mundo. Colmeização.

Cada novo invento significa passo á frente para a vida agregada, para a uniformidade, para o “standard”. A tendência é fortificar os grupos, fundi-los em grupos sempre maiores, integrar o indivíduo na massa, fazer da média, não da exceção o ideal. Criar, em suma, o homem abelha. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 223 e 224)

O novo homem, que Gramsci afirma que a “América” criou, seria para Lobato o homem abelha, o homem coletivo, sendo desconsiderado o homem individual. Para Lobato, se a forma de vida social que o homem tentou até aquele momento falhou, o melhor que poderia ser feito seria aderir a essa nova concepção de homem coletivo ou homem abelha. “Há que sacrificar o indivíduo, como o tivemos até aqui. Em seu lugar surgirá a unidade coletiva daí a frase do grande John Dewey: ‘O indivíduo morreu’”. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 224)

Gramsci (1989) considera que todo ato histórico só pode ser realizado pelo “homem coletivo”. No caso, esse ato histórico, seria a americanização do mundo, proporcionada por esse novo homem coletivo criado na “América”.

Lobato acreditava que o mundo precisava conhecer essa nova cultura, principalmente o Brasil, que apresentava pouco desenvolvimento desde que havia se tornado independente, diferentemente dos Estados Unidos. Além disso, teria que se adaptar a sua nova forma de viver, diferente de tudo que havia no mundo. Para ele, este era apenas o começo. “Com o aparelhamento industrial de que se dotou, e os laboratórios de que se vem enchendo e

com todas as conquistas da ciência a serviço da exploração do seu imenso território, esta riqueza de hoje parecerá mediana a um século daqui.” (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 210)

Nesse sentido, Gramsci (1991) afirma que o país que possuir a melhor capacitação para construir instrumentos para os laboratórios dos cientistas poderá ser considerado o mais complexo, o mais civilizado. Talvez por seu avanço tecnológico, os Estados Unidos conseguiram se constituir como país civilizado, hegemônico. Lobato diz que esta “rapidez da maquinização da América não dá tempo aos alijados de se adaptarem”. Nesse caso, o remédio único é precipitarem a marcha de adaptação. A América impõe rapidez de julgamento e trote largo. Quem for lerdo de “mind”, ou de movimentos, que emigre, para não ser esmagado. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 64)

Seria preciso, então, se adaptar às novas formas de viver que o americano demonstrava ao mundo. Seguir a marcha de adaptação que rumaria sabe-se lá se para o bem ou para o mal. Segui-la rumo ao progresso e modernização, mesmo que no caminho precisasse os meios justificar os fins.

Gostemos ou não, disse ele, tenhamos ou não o índice adaptativo exigido pela marcha das coisas yankees, somos todos forçados a aceitar o contato dos nossos contemporâneos, hoje muito mais íntimo, mais intrusivo, do que no tempo de Thoreau. Ignoro se é para bem nosso, ou para mal, que progredimos em “corporatedness” e diminuimos em indivíduo. Vamos tendendo para a vida da colméia, onde o indivíduo não conta. A marcha para a frente é dirigida, mais e mais, por fatores corporados, ou coletivos, com rumo a um ideal coletivo. [...] (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 222 e 223)

E será que poderíamos reagir contra isso? Mr. Slang responde:

Reagir seria voltar as costas ao que vem vindo na frente por amor a fantasmas de lá de atrás. O que foi, foi, deixou os seus resíduos positivos em nosso imo para a construção do Amanhã. Resistir é abandonar a criancinha que temos nos braços para tentar a arregimentação de espectros. O que existe a fazer resume-se em descobrir caminhos novos para o indivíduo, em criar um individualismo que aceite a vitória da ciência industrial e lhe descubra os meios de caminhar de braço dado com ela. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 225)

Lobato expressa um ar melancólico nos personagens quando filosofavam sobre a inevitável americanização.

Ficamos os dois em silêncio, cheios de ideias que não conseguiam tomar corpo. Sonhando acordados. Entrevendo a América futura, já a denunciar-se em mil brotos de vigor desconcertante. Mr. Slang suspirou. Percebi que tal

suspiro era a homenagem do seu coração à Europa. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 221)

Lobato conclui que “O velho mundo tinha de passar, estava passando. O dia de amanhã ia ser americano – foi como traduzi o suspiro”. (MONTEIRO LOBATO, 1932, p. 221). E o hoje é, indiscutivelmente, americanizado por toda cultura que foi espalhada pelo mundo, por seus intelectuais, “funcionários”, exercendo suas funções organizativas e conectivas entre o grupo dominante e a massa da população, essenciais para a constituição da hegemonia norte-americana.

Não podemos delimitar a influência exercida pela sociedade norte-americana, mas sabemos que culturalmente seu alcance ideológico foi bastante significativo. Essa influência percebida por Tocqueville, no século XIX, pode ser compreendida por um conceito elaborado por Gramsci, o conceito de hegemonia. Nas palavras de Gramsci, “A supremacia de um grupo social se manifesta de duas formas, como ‘dominação’ e como ‘direção intelectual e moral’. Um grupo social é dominante sobre os grupos inimigos, os quais tende a ‘liquidar’ ou a submeter pela força das armas, e dirige os grupos que lhe são próximos ou aliados.” (GRAMSCI *apud* ANDERSON, 1986, p. 22)

Podemos dizer que os Estados Unidos se constituíram como nação hegemônica exercendo as funções de “dominação” e de “direção intelectual e moral”, confirmando a sua supremacia perante o mundo. Ao exercer sua função de “direção intelectual e moral”, os Estados Unidos foram difundindo seu modo de viver e sua maneira de pensar.

O mais instigante nessa análise é entender como o conceito de hegemonia, que se aplica à classe dominante que exerce domínio e direção às classes subalternas, pode ser empregado na supremacia de um Estado sobre outros.

Toda relação de “hegemonia” é necessariamente uma relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais. (GRAMSCI, 1989, p. 37)

Para Gramsci (1989), a relação pedagógica não pode ser limitada às relações “escolásticas”,

[...] esta relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos, bem como entre camadas intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos de exército. (GRAMSCI, 1989, p. 37)

O predomínio norte-americano sobre outros Estados se fez pela coerção e também pelo consentimento. Não é possível dizer que esse processo foi natural, no entanto a ideologia ianque se constituiu hegemônica. O conceito de hegemonia desenvolvido por Gramsci no estudo da dominação capitalista, “supõe uma certa colaboração ou consentimento ativo e voluntário das classes subalternas”. (GRAMSCI *apud* ANDERSON, 1986, p. 23)

Nesse sentido, os Estados Unidos encarnaram de maneira peculiar a forma da hegemonia moderna, “hegemonia que vem da fábrica e, para ser exercida, só necessita de quantidade mínima de intermediários profissionais da política e da ideologia”. (GRAMSCI, 1976, p. 381 e 382) Como afirma Angela Tude,

Americanismo e Fordismo integram as análises gramscianas relativas à constituição dos novos grupos dirigentes, seus aparelhos de hegemonia e suas relações com as classes subalternas; tratava-se de compreender o novo equilíbrio de forças políticas instaurado em pleno período de crise orgânica, tal como vinha vivendo globalmente o mundo capitalista da época (TUDE, 1992, p. 4).

Warde (2000) explica que Gramsci associa os termos Americanismo e Fordismo pelo contexto em que discutiu a sociedade norte-americana. “[...] o americanismo contém o fordismo; embora o fordismo tenha sido indispensável para a construção e difusão do americanismo, este antecede aquele e o extravasa”. (WARDE, 2000, p. 43)

Segundo Gramsci (2001), “o americanismo e o fordismo derivam da necessidade imanente de chegar à organização de uma economia programática”, abandonando o velho individualismo econômico. (GRAMSCI, CC 22, § 1, p. 241). Essa transição causa problemas que devem ser analisados. Eles nascem das várias formas de resistência que o processo de desenvolvimento encontra em sua evolução.

Lobato foi um importante divulgador do fordismo no Brasil, como também do americanismo como solução para os nossos problemas econômicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, destacamos a história de vida de Monteiro Lobato, na qual observamos muitos elementos em sua infância e vida adulta que influenciaram sua formação ideológica e o tornaram um grande questionador ao longo de sua trajetória como escritor infantil e adulto, formando gerações de brasileiros com suas histórias. Vimos, ainda, o período que foi estudante de direito, seus companheiros de debates filosóficos, sua vida como promotor de Areias, fazendeiro, editor, Adido Comercial e, em cada período, fatos que o inspiraram a escrever suas ideias em seus livros de forma clara e consistente.

Ao revelar o Jeca Tatu, na sua época de fazendeiro, Lobato mostrou as mazelas sofridas pelo homem do campo, que sem condições financeiras, cultura e educação, vivia à margem da sociedade brasileira. Assim, sua primeira crítica, que teve grande repercussão no Brasil, passa a ser sua primeira denúncia significativa dos problemas do Brasil.

Quando foi morar nos EUA, Lobato se sentiu como um peixe que caíra no mar. A nova “América” mostrava ao mundo como o capitalismo poderia alcançar padrões de vida bem diferentes dos vividos em qualquer lugar. Esse modo de viver despertou interesse de vários intelectuais e, mesmo Lobato sendo um grande nacionalista, divulgou os ideais norte-americanos no Brasil. Seu nacionalismo não é contraditório ao americanismo, mas faz parte dele, conforme forte sentimento de nação que os Estados Unidos demonstraram ao mundo.

Nos livros “Mr. Slang e o Brasil” e “América”, Lobato, ao exprimir suas críticas de cunho econômico, político e social, expondo os problemas da nossa sociedade, propõe novas alternativas para sairmos da “miséria” e alcançarmos a tão sonhada “riqueza”. Na concepção de Lobato, se tivéssemos desenvolvimento econômico, poderíamos ter uma melhor condição de vida, a exemplo dos norte-americanos. Aspectos da vida norte-americana foram detalhados pela visão exaltada de Lobato, ressaltando as vantagens em nos adaptarmos ao modo de viver daquela sociedade.

Nos diálogos, nesses livros, com Mr.Slang, um inglês que opinava sobre os problemas do Brasil, Lobato imprime o pragmatismo que admirava em sua maneira de pensar e resolver problemas. O pragmatismo, que se constitui como teoria da ação em busca de alguma finalidade, seria a teoria mais eficaz para solucionar nossos problemas. Era preciso “pegar um atalho”⁴⁵ para o nosso desenvolvimento. Assim, esse pragmatismo presente no

⁴⁵ Expressão utilizada pela autora Warde (2000)

pensamento de Lobato, ao retratar a abundância, eficiência, o progresso e padrão da vida norte-americana, passa a evidenciar seu “americanismo”. Sua luta pelo ferro e o petróleo, buscando o desenvolvimento econômico do Brasil, também revelam seu americanismo.

O americanismo preconiza a formação de um novo homem adaptado ao modo de produzir capitalista. Quando Lobato faz a crítica ao Jeca Tatu, instaura um olhar para a situação precária vivida no interior do país. Em grande consonância, Lobato e Gramsci retratam o novo homem criado nos Estados Unidos que, para Lobato, era o homem abelha, o qual Gramsci identifica como homem coletivo, que proporciona todo ato histórico, no caso a americanização do mundo.

É importante destacar que, no início do século XX, os Estados Unidos se destacaram como potência mundial, constituindo-se como nação hegemônica devido ao seu alcance ideológico pelo mundo. Com isso, o modelo europeu já não servia de espelho para os países se mirarem, passando a ser adotado o paradigma norte-americano.

Conforme Gramsci, toda relação de hegemonia é uma relação pedagógica. Neste sentido, a constituição dos EUA como força hegemônica no mundo contou com a contribuição dos correligionários que acreditaram nas ideias e práticas desse modo de produzir capitalista desenvolvidos lá. Neste sentido, Lobato atuou como intelectual orgânico ao divulgar as ideias de Henry Ford, mostrar a viabilidade daquele modo de viver, produzir e encampar a luta pelo ferro e o petróleo no país, como proposta de solução dos nossos problemas.

Considerando, então, a literatura como difusora de uma concepção de mundo, podemos afirmar que Lobato foi um intelectual importante no processo de difusão da cultura norte-americana, tendo a sua literatura contribuído para a “direção política e cultural” dos Estados Unidos sobre o nosso país.

Concordando com Orígenes Lessa⁴⁶, “Lobato nunca fez literatura por literatura. Poucos escritores botaram tanta intenção, tanto sofrimento, tanta preocupação, tão sério amor, nos seus livros e nos seus artigos, como o fez ele, em sua literatura combativa e tantas vezes combatida.” Podemos perceber como as críticas realizadas por ele podem ser aplicadas até os dias atuais. Muitos dos problemas, por ele levantados, são de uma atualidade incrível.

⁴⁶ Frase retirada do site: <http://www.projetomemoria.art.br/>. Acesso em 12/09/2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Mr. Gordon e o Brasil**. 2002. Disponível em: <https://www.academia.edu/5783350/029_Mr._Gordon_e_o_Brazil_2002_>. Acesso em: 18 abr. 2018.

AMARAL, A.. **Siderurgia e Planejamento Econômico no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1946.

ANDERSON, P. As antinomias de Antonio Gramsci. In: ANDERSON, Perry et al. **Crítica marxista: a estratégia revolucionária na atualidade**. São Paulo: Joruês, 1986, p. 7-74

AZEVEDO, C. L. de, CAMARGOS, M. & SACCHETTA, V. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. São Paulo, Editora Senac, 1997.

CAMPOS, A. L. V. de. **A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAMARGO, E. do C. **Um estudo comparativo entre O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito (1918) e O Saci (1921), de Monteiro Lobato**. 2006. 493 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94134>>.

CANTINHO FILHO. **Os bacharéis de 1904: reminiscências**. São Paulo, Faculdade de Direito de São Paulo, 1934. pp. 47-60.

CARVALHO JR., C. Monteiro Lobato nos Estados Unidos e as primeiras negociações envolvendo o processo siderúrgico Smith. In: SILVA, Z. L. . **Anais do VII Encontro do Cedap. Culturas Indígenas e identidades**. 1. ed. Assis: Unesp Assis. Campus de Assis, 2014. v. 1. p. 60-72.

CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato: vida e obra**. v. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955a.

_____. **Monteiro Lobato: vida e obra**. v. 2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955b.

_____. **Monteiro Lobato: vida e obra**. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 3 ed., 1962.

CERVO, A. L. **Relações internacionais da América Latina**: velhos e novos paradigmas. Brasília: Funag/Ibri, 2001, 316 p.

CHIARELLI, T. **Um Jeca nos Vernissages**: Monteiro Lobato e o Desejo de uma arte nacional no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

DE FELICE, F. Revolução passiva, fascismo, americanismo em Gramsci. In: Franco Ferri (Org.). **Política e história em Gramsci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 189-257.

DE LUCA, T. R. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: UNESP, 1999, 319 p.

FERREIRA, O. S. Segurança, Comércio e Ideologia. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (Org.). **Estados Unidos**: visões brasileiras. Brasília: Capes, IPRI, 2000, p. 239-260.

GRAMSCI, A. Americanismo e Fordismo. In: _____. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 375-413.

_____. **Cadernos do cárcere**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 15-53.

_____. **Cadernos do cárcere**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 241-282.

_____. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 11-128.

_____. **Concepção Dialética da História**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. 244 p.

JAMES, W. Pragmatismo: textos selecionados. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 7-46.

JOSÉ DA SILVA, G.; COSTA, J. R. S. **Jeca Tatu versus Zé Brasil**: Extensão Rural e Modernização Conservadora no Pensamento Esaviano. In: I SEMINÁRIO DE HISTÓRIA: CAMINHOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA, Ouro Preto, v. I, p. 1-9, 2006. Disponível em <[http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2006/download/I-seminario-historia-ichs-ufop\(2006\)-n22.pdf](http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2006/download/I-seminario-historia-ichs-ufop(2006)-n22.pdf)> Acesso em 03/03/2012.

LAJOLO, M. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000. 99 p.

LAMARÃO, S. **Os Estados Unidos de Monteiro Lobato e as respostas ao “atraso” brasileiro**. Lusotopie. Paris. 2002/1, p. 51-68.

LANDERS, V. B. **De Jeca a Macunaíma**: Monteiro Lobato e o Modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

MARANHÃO, N. S. L. Monteiro Lobato: Um escritor brasileiro. IN: **Prêmio Grandes Educadores Brasileiros**: Monografias Premiadas 1988. Brasília: INEP, 1989. p.11-51.

MACHADO, M. O. et al. **O Discurso Educacional e o Almanaque do Biotônico Fontoura**: por entre práticas de leitura e a produção de uma representação do sertanejo (1920-1950). Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.45, p. 78-88, mar2012.

MANACORDA, A. **O princípio educativo em Gramsci**: americanismo e conformismo. Campinas: Editora Alínea, 2008.

MONTEIRO LOBATO, J. B. **A Barca de Gleyre**: Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Vol 1. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1964a. (Obras completas de Monteiro Lobato, v. 11)

_____. **A Barca de Gleyre**: Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Vol 2. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1964b. (Obras completas de Monteiro Lobato, v. 12)

_____. **A Barca de Gleyre**: Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Brasiliense, 1972.

_____. **América**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932, 254p.

_____. **Cartas escolhidas**. Vol 1. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1970. (Obras completas de Monteiro Lobato, v. 16)

_____. **Conferências, Artigos e Crônicas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

_____. **Fragmentos, opiniões e miscelânea**. São Paulo: Globo, 2010. 296 p.

_____. **Mister Slang e o Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1927, 178p.

_____. **Mister Slang e o Brasil e Problema Vital**. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1968. (Obras completas de Monteiro Lobato, v. 8)

_____. **Mundo da Lua e Miscelânea**. Editora Brasiliense, 1964c. (Obras completas de Monteiro Lobato, v. 10)

_____. Prefácio. In: FORD, H. **Hoje e Amanhã**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Tradução de Monteiro Lobato, 1927.

_____. **Prefácios e Entrevistas**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. (Obras completas de Monteiro Lobato, v. 13)

_____. **Urupês**. 37ª ed. Revisada, São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAULILLO, M. C. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. Cad. Pesqui. São Paulo, n. 111, p. 210-212, dezembro de 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 mar. 2018.

PENTEADO, A. E. A. **Literatura Infantil, História e Educação: um estudo da obra Cazuza, de Viriato Corrêa**. Dissertação de Mestrado –FE –Unicamp. 2001.

_____ & PORFÍRIO, M. **Americanismo e Educação: A experiência da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais (ESAV)**. Comunicação apresentada no IV Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais. Juiz de Fora, 2007.

SACCHETTA, V. **O mercador da cultura**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 jun. 1998. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs28069809.htm>>. Acesso em: 18 mai 2018.

SADER, E. **Século XX: uma biografia não-autorizada**: o século do imperialismo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 27-39.

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

TOTA, A. P. **O imperialismo sedutor**: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

VIANNA, A.; FRAIZ, P. **Conversa entre amigos**: Correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986. 117 p.

VIANNA MOOG, C. **Bandeirantes e Pioneiros**: Paralelo Entre Duas Culturas. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

WARDE, M. J. **Americanismo e educação**: um ensaio no espelho. São Paulo em Perspectiva, vol. 14, n.2, Jun/2000, pp. 37-43.

WELCH, C. A. [et al.]. (organização) **Camponeses brasileiros**: leituras e interpretações clássicas, v.1/- São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.